



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL
FACULDADE DE LETRAS-FALE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS-PROFLETRAS

Jeane Cristina Rodrigues do Nascimento

LETRAMENTO LITERÁRIO: A FORMAÇÃO DE ALUNOS DA EJA
COMO MEDIADORES DE LEITURA

Maceió - AL

2020

Jeane Cristina Rodrigues do Nascimento

**LETRAMENTO LITERÁRIO: A FORMAÇÃO DE ALUNOS DA EJA
COMO MEDIADORES DE LEITURA**

Dissertação apresentada à banca de defesa pública do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) na área de concentração Linguagens e Letramentos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes

Maceió - AL

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

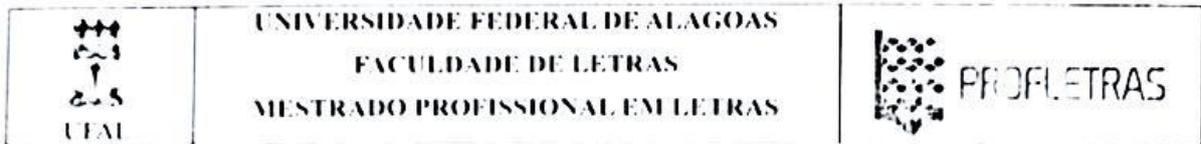
N2441 Nascimento, Jeane Cristina Rodrigues do.
Letramento literário : a formação de alunos da EJA como mediadores de
leitura / Jeane Cristina Rodrigues do Nascimento. – 2020.
150 f. : il.

Orientadora: Adna de Almeida Lopes.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal
do Rio Grande do Norte. Natal, RN. Universidade Federal de Alagoas.
Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 126-130.
Apêndices: f. 131-139.
Anexos: f. 140-150.

1. Letramento - Literatura. 2. Leitura em voz alta. 3. Alfabetização de
adultos. 4. Mediação de leitura. I. Título.

CDU: 808.545



TERMO DE APROVAÇÃO

JEANE CRISTINA RODRIGUES DO NASCIMENTO

Titulo do trabalho: "*LETRAMENTO LITERÁRIO: A FORMAÇÃO DE ALUNOS DA EJA COMO MEDIADORES DE LEITURA*"

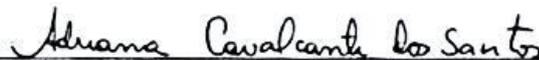
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em Letras, área de concentração Linguagens e Letramentos, em 06 de março de 2020 pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:



Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:



Profa. Dra. Adriana Cavalcanti dos Santos (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Eliana Kefalás de Oliveira (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 06 de março de 2020.

A Deus - “Porque dEle e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois a Ele eternamente” (Rm 11.36).

À família e aos alunos da EJA que todos sejam, constantemente, tocados pela leitura para o rejuvenescimento da alma. “...que o vosso amor aumente mais e mais em ciência e em todo conhecimento” (Fl1.9).

AGRADECIMENTOS

Ao mestre dos mestres – DEUS - por todos os benefícios que a mim tem feito. Em sua Palavra, no livro de Romanos, por intermédio do apóstolo Paulo, incentiva-nos em todo o tempo ao aperfeiçoamento e atualização profissional: “Se é ensinar, haja dedicação ao ensino”.

À minha avó, ao meu pai (ambos *in memoriam*) e à minha mãe que me criaram e educaram no caminho em que se deve andar com ensinamentos coerentes e coesos que contribuíram em minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Reitero, à minha querida mãe pela ajuda incomparável, assumindo o papel de mãe dos meus filhos e mãe do meu esposo, provendo, diariamente, o sustento físico e afetivo com os cuidados necessário ao lar, enquanto eu dissertava.

Ao meu esposo, pelo amoroso apoio. Um admirável cooperador durante todo o processo de pesquisa/escrita. Com amor, cuidando de mim e orando sem cessar.

Aos meus filhos Jean Lucas e João Marcos pelo amor e compreensão de minhas ausências dedicadas ao estudo. Destaco a valiosa colaboração do meu primogênito, Jean, nessa empreitada, digitando textos, editando áudios, vídeos e cuidando da formatação.

À minha irmã, irmãos, cunhadas, cunhados e sobrinhos (as) pelo afeto e compreensão da ausência nos momentos de lazer em família.

À minha cunhada Eliana (*in memoriam*) pela vibração no ato da minha classificação no mestrado. Momento inesquecível. Uma memória do coração. Saudade e eterna gratidão!

À orientadora, professora Dra. Adna de Almeida Lopes por nortear a linha de pesquisa e as sugestões e orientações pertinentes, alargando minhas expectativas, possibilitando também, o desenvolvimento na autonomia da escrita.

Às professoras Dra. Maria Inez Matoso e Dra. Eliana Kefalás pela valiosa contribuição dada no Exame de Qualificação, agregando opiniões e saberes a este trabalho.

Às professoras Dra. Eliana Kefalás e Dra. Adriana Cavalcanti pela atenção minuciosa antes e durante a defesa com considerações relevantes. Duas aulas excepcionais para o aperfeiçoamento desta dissertação. Gratidão pela generosidade científica!

Aos professores do mestrado PROFLETRAS da Universidade Federal de Alagoas, mediadores de tantas aprendizagens. Cada abordagem e concepções partilhadas durante as aulas ampliaram meu conhecimento linguístico e literário, elevando também o nível de letramento acadêmico. As teorias socializadas nesse intenso período de estudo farão toda a diferença em minha prática docente.

À coordenação e à Secretaria do PROFLETRAS/UFAL, em especial, ao Pedro Holanda por todo apoio logístico.

Aos colegas da turma cinco do PROFLETRAS pelas contribuições complementares relevantes, durante as aulas, aprimorando o meu saber pedagógico. Em especial, à Polyanna Paz pelos diálogos frequentes e atenciosos que clareavam as ideias acrescentadas na estrutura deste trabalho.

Aos alunos da EJA que nos permitiram fazer leituras dos vários mundos que coabitavam a sala de aula, dialogando com as necessidades e especificidades das turmas. A escuta das leituras em voz alta, viabilizaram a promoção do letramento literário.

À estimada amiga, professora de Língua Portuguesa, Silvia Tojal pela parceria na aplicação da metodologia interventiva, somando com seu potencial docente e sua experiência cultural.

À equipe gestora da Escola Municipal Mário Soares Palmeira pela parceria colaborativa - articulação nas atividades dentro e fora da unidade de ensino para a efetivação desta pesquisa.

À professora Rosilene e à Mauriceia pela colaboração na efetivação das práticas de leitura na escola e nos espaços sociais.

À professora Jossely Correia por disponibilizar material e tempo para colaborar nas oficinas de leitura com os alunos da EJA.

À ex-gerente Josenete Portela e à gerente Heline Mariane Rocha pelo olhar de apoio e gesto de compreensão às minhas limitações de carga horária na implementação das ações da GERE.

Aos (às) companheiros(as) de labuta da 2ª Gerência Regional pelo contínuo apoio e interação diária, compartilhando também materiais teóricos, momentos de reflexão e palavras de incentivo nesta aventura instigante.

Às minhas amigas e irmãs em Cristo, Juliana Tereza Nascimento, Socorro Coelho pela presteza e olhar focado na revisão de textos e à Aline Cristina pela edição da antologia poética dos alunos da EJA.

Ao amigo Gleber pelos ajustes essenciais no texto para qualificação e defesa, bem como, esclarecimentos de dúvidas “tecnológicas” para a formatação final.

Aos meus líderes espirituais e às irmãs em Cristo pela intercessão que renovou minhas forças para prosseguir esperançosa nesta jornada.

Às escolas Conceição Lyra, Ana Lins e Dom Constantino Lüers pelo acesso à leitura com empréstimo de livros que contribuiu na fundamentação teórico-metodológica deste trabalho.

Aos gestores/responsáveis pelos espaços sociais: Creche/Escola Municipal São Miguel Arcanjo, Casa de Restituição Shalom, Santa Casa de Misericórdia e Abrigo de Idosos Joana Figueiredo pelo acolhimento e pela permissão de seus partícipes serem ouvintes do ato de ler dos alunos da EJA em cada sessão de leitura.

À Semed representada pelas secretárias de Educação, Elusa Rodrigues e Jouse Leite por quem tenho grande carinho. Grata pelo apoio fraternal!

Aos confrades e congreiras, promotores da leitura e cultura. Artistas, poetas e escritores da Academia Miguelense de Letras e Artes (AMILA).

Aos/Às amigos(as) pelo companheirismo e diálogos de encorajamento, experiências compartilhadas em cada encontro, fortalecendo ainda mais o saber e os laços afetivos.

A todos que de diferentes formas contribuíram para a materialização desta inestimável conquista.

Enquanto escrevia, pude ouvir a tua voz que me seduz. De olhos fechados, buscava imaginar o silêncio destas páginas impressas sendo quebrado pelo sentido das palavras. Não o oral desarticulado das sílabas escandidas, mas a fluidez da melodia entoada pela tua boca. Não a fala do texto, mas o dizer da voz, do olhar, dos gestos de uma cena repleta de sentido. Por meio da tua voz translúcida, posso agora ouvir labirintos, punhais, tigres. Meus olhos, que por mil vezes percorreram os arabescos negros grafados nas páginas dos livros, agora cismam sobre a tua presença. De tua boca, a tradução do sentido interposto entre a grafia e a interpretação.
(José Juvêncio Barbosa)

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma.
(Jorge Larrosa Bondía)

RESUMO

O trabalho tem como objetivo refletir sobre a promoção de atividades de leitura em voz alta por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública municipal de São Miguel dos Campos-AL, promovendo o letramento literário possibilitado pelo ambiente escolar através de experiências com o texto. Na metodologia para a investigação, adotou-se a abordagem qualitativa na modalidade pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986) a fim de corroborar com uma proposta de intervenção direcionada à participação ativa dos alunos em oficina e sessão de mediação de leitura no processo de recepção e transmissão vocal do texto; em experiência literária tanto em espaços internos da escola quanto fora dela, especificamente em creches, abrigo, hospital e casa de restituição. Os procedimentos metodológicos e instrumentos utilizados para o levantamento de dados foram os seguintes: sequências didáticas, diários de campo, gravações, áudios e relatos orais e escritos, que também empreenderam o aprofundamento da análise. Para compreender a realidade observada e fundamentar as reflexões da pesquisa, tomou-se como principais aportes teóricos: a abordagem cognitiva da leitura em Silveira (2015); a escuta de textos e a prática de mediação de leitura em Bajard (2014 a,b); as concepções, procedimentos e estratégias de leitura na escola em Antunes (2003), Solé (1998) e Manguel (2004); a formação e a performance do leitor em Kefalás (2012); as abordagens sobre as práticas sociais de letramento em Soares (2004), Street (2003) e Kleiman (1995); o letramento literário em Cosson (2018/2019), além das especificidades da EJA em Freire (2011), Arroyo (2017) e Brasil (2002). A investigação evidenciou, principalmente, o distanciamento dos alunos com a literatura. Todavia, os resultados mostraram que as atividades de leitura sistematizadas foram favoráveis à inserção do letramento literário quando partiu das experiências de vida, assumindo um papel relevante no processo de formação do leitor. Foi possível constatar, pela mediação entre os estudantes, significativas impressões com foco na recepção, pelas práticas da leitura em voz alta do texto escrito, seja pela fluência ou mesmo pela fruição, trazida mais pela experiência do que, muitas vezes, pela proficiência em leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento literário. Leitura em voz alta. Alfabetização de adultos. Mediação de leitura.

ABSTRACT

The work aims to reflect on the promotion of reading activities aloud by students of Youth and Adult Literacy in Brazil from a municipal public school in São Miguel dos Campos-AL, promoting literary literacy made possible by the school environment through experiments with the text. In the methodology for the investigation, a qualitative approach was adopted in the action-research modality (THIOLLENT, 1986) in order to corroborate with an intervention proposal aimed at the active participation of students in a workshop and a reading mediation session in the reception and vocal transmission of the text; in literary experience both inside and outside the school, specifically in nurseries, shelters, hospitals and institution house. The methodological procedures and instruments used for data collection were the follows: didactic sequences, field diaries, recordings, audios and oral and written reports, which also undertook the further analysis. To understand the observed reality and support the research's reflections, the main theoretical contributions were taken: the cognitive approach to reading in Silveira (2015); listening to texts and reading mediation in Bajard (2014 a, b); the concepts, procedures and strategies of reading at school in Antunes (2003), Solé (1998) and Manguel (2004); the formation and performance of the reader in Kefalás (2012); the approaches to social literacy practices in Soares (2004), Street (2003) and Kleiman (1995); literary literacy in Cosson (2018/2019); in addition to the specificities of EJA in Freire (2011), Arroyo (2017) and Brasil (2002). The investigation showed, mainly, the distance between students and literature. However, the results showed that systematic reading activities were favorable to the insertion of literary literacy when it started from life experiences, assuming a relevant role in the process of training the reader. It was possible to verify, through the mediation among the students, significant impressions with a focus on reception, by the practices of reading aloud the written text, either by fluency or even fruition, brought more by experience than, often, by reading proficiency .

KEYWORDS: Literary literacy. Reading aloud. Adult literacy. Reading mediation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada da Escola.....	64
Figura 2 - Alunos na sala de leitura da escola.....	64
Figura 3 - Turma colaboradora em momento de leitura m sala de aula.....	66
Figura 4 - Turma colaboradora em momento de oficina de leitura em sala de aula.....	66
Figura 5 - Alunos selecionam livros para leitura na biblioteca pública municipal.....	69
Figura 6 - Alunas colaboradoras leem no pátio da escola.....	71
Figura 7 - Alunas lendo na Festa literária Miguelense.....	71
Figura 8 - Aluno colaborador entrevistando a escritora miguelense.....	71
Figura 9 - Alunos colaboradores participam da palestra no pátio da escola.....	76
Figura 10 - Alunos lendo no pátio da escola.....	76
Figura 11 - Contos clássicos infantis para a leitura na creche.....	80
Figura 12 - Seleção dos livros infantis.....	80
Figura 13 - Alunos compartilham leitura no Abrigo dos idosos.....	90
Figura 14 - Alunas lendo para os idosos.....	90
Figura 15 - Alunos colaboradores preparados para a leitura na creche.....	91
Figura 16 - Preparando as crianças para a hora da história.....	91
Figura 17 - Aluna lendo para as crianças da creche.....	91
Figura 18 - Alunos lendo para as crianças da creche.....	91
Figura 19 - Alunos da EJA lendo para os internos no hospital.....	92
Figura 20 - Compartilhando leitura no hospital.....	92
Figura 21 - Alunos da EJA lendo na Casa de Restituição.....	93
Figura 22 - Alunos apresentando jogral na Casa de Restituição.....	93
Figura 23 - Aluna lendo no Abrigo dos idosos.....	93
Figura 24 - Aluno lendo poema no Abrigo dos idosos.....	93
Figura 25 - Aluna lendo poema na Casa de Restituição.....	94
Figura 26 - Aluno lendo poema na Casa de Restituição.....	94
Figura 27 - Grupo de alunas lendo mensagens na Santa Casa de Misericórdia local.....	95
Figura 28 - Alunos participando da sessão de leitura na Santa Casa de Misericórdia.....	95
Figura 29 - Aluna lendo história infantil autoral na Creche/escola.....	95
Figura 30 - Aluna lendo história infantil na creche/escola.....	95
Figura 31 - Aluna lendo história infantil na Creche/escola.....	95
Figura 32 - Alunos leem textos literários no pátio da escola.....	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMILA	Academia Miguelense de Letras e Artes
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CEALE	Centro de Alfabetização Leitura e Escrita
CEB	Câmara de Educação Básica
CNE	Conselho Nacional de Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FESCLIM	Festa Cultural e Literária Miguelense
GERE	Gerência Regional de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFAL	Instituto Federal de Alagoas
INAF	Indicador de Alfabetismo Funcional
LDBEN	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
LDP	Livro Didático de Português
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MOVA	Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEE	Plano Estadual de Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UNEAL	Universidade Estadual de Alagoas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO.....	20
2.1 Leitura: conceitos, modalidades e práticas.....	21
2.1.1 Modalidade: leitura em voz alta.....	24
2.1.2 Prática de mediação de leitura literária.....	30
2.2 Movimento das abordagens sobre letramento.....	35
2.2.1 Conceito de letramentos.....	39
2.2.2 Letramento literário.....	40
3. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	47
3.1 A formação do leitor literário na Base Nacional Comum Curricular, Proposta Curricular da EJA e outros documentos oficiais.....	49
3.2 O Livro Didático de Português e a prática da leitura do texto literário.....	54
4. A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	59
4.1 O contexto do campo de pesquisa: a rede municipal e a escola.....	61
4.2 Os alunos colaboradores da pesquisa.....	66
4.3 A observação participante: as sequências didáticas, o diário de campo, as gravações e os relatos.....	68
4.4 A seleção dos dados e a perspectiva de análise.....	96
5. ENTRE A LEITURA E A ESCUTA: O PAPEL DA LEITURA EM VOZ ALTA.....	98
5.1 Leitura do texto escrito: a seleção e a preparação.....	98
5.2 Leitura em voz alta: as sessões de mediação.....	102
5.2.1 Sessão 1 - no Abrigo de idosos.....	104
5.2.2 Sessão 2 – na Creche municipal.....	106
5.2.3 Sessão 3 - na Santa Casa de Misericórdia.....	113
5.2.4 Sessão 4 - na Casa de Restituição.....	114
5.3 Escuta: uma reflexão sobre os relatos dos ouvintes.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	126
APÊNDICES.....	131
ANEXOS.....	140

1. INTRODUÇÃO

No decorrer dos últimos anos, inúmeras pesquisas teórica e metodológica têm sido realizadas acerca do trabalho com a leitura, porque entende-se que ler é uma atividade fundamental para o homem se expressar nas múltiplas linguagens na sociedade contemporânea. É uma prática social, pois o sujeito interage com o mundo o tempo todo. Em casa, na escola, na biblioteca, na rua, no trabalho, em outros espaços sociais por meio da circulação dos textos em diferentes gêneros e suportes com finalidades e sentidos diversos.

Antes de ler a “palavra”, a criança, o adolescente, o jovem, o adulto, o idoso, todos já vivenciaram várias experiências de leituras, e esse contato com o mundo letrado acontece muito antes da palavra e vai além. Dentro dessa perspectiva, Paulo Freire ratifica que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” em sua obra *A importância do ato de ler* (2011). Utilizar com autonomia os diversos textos socialmente, é imprescindível.

Atividade com a leitura é bastante discutida no âmbito escolar, pois apesar da importância dessa habilidade ao longo da vida, pesquisas publicadas mostram dados preocupantes que evidenciam o baixo índice de leitores no Brasil. Fato esse que é constatado em sala de aula, pois, frequentemente, deparamos-nos com a dificuldade dos alunos, que, muitas vezes também, não reconhecem a relevância dessa prática como um meio que pode potencializar seus saberes e valores para uma efetiva atuação na sociedade letrada. Segundo Antunes,

a atividade de leitura pode levar o leitor a incorporar novas ideias, novos conceitos, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo, além de possibilitar a experiência gratuita do prazer estético, do ler pelo simples gosto de ler (ANTUNES, 2003, p.70 e 71).

Nesse sentido, a escola e nós professores precisamos desenvolver ações interventivas pedagógicas que possam mudar esse quadro e contribuir para a formação leitora dos estudantes, bem como sua ascensão social. De acordo com Bajard (2014, p. 10) “os métodos ativos preconizam que as aprendizagens sejam construídas dentro de uma prática de linguagem”, não apenas no domínio do código alfabético, mas enraizada a uma cultura da escrita, de um letramento.

Logo, a leitura é um caminho para a transformação, que pode ser proporcionada pela formação leitora dada ao aluno ao longo da escolarização; contudo, esta formação requer condições favoráveis, além dos recursos didáticos disponíveis, a inserção de metodologias inovadoras e relevantes em sala de aula. Por isso, o professor como mediador da

aprendizagem, deve buscar possibilidades para contribuir na formação de um leitor ativo que constrói seus próprios significados.

Sabemos que para a formação de leitores competentes e autônomos é necessário, inicialmente, a decifração do texto, além da utilização de recursos linguísticos, apropriar-se do sentido do texto e conhecer também seu propósito comunicativo. Sendo assim, pretendemos por meio da proposta de atividades significativas de leitura, promover aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) um amplo convívio com os textos que circulam em situações de comunicação, e especificamente, os da esfera literária, “que afeta os sentidos e convoca para uma expressividade” (KEFÁLAS, 2012).

Na perspectiva de letramento, os textos literários constituem o universo cultural letrado e eles permitem atribuir significado à realidade dos estudantes da EJA, que, por algum motivo, estiveram afastados da escola por um longo período. Portanto, é importante levar em consideração, suas histórias de vida, o repertório que eles trazem para a construção de novos conhecimentos, além de ser uma forma de valorização dos saberes adquiridos fora da escola. Segundo a Proposta Curricular da EJA (2002), “pensar sobre o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa direcionados para alunos jovens e adultos, requer compreensão de aspectos próprios do universo desses alunos” e o reconhecimento de que a EJA também é um campo aberto para as intervenções pedagógicas.

É oportuno informar que o interesse no tema deste trabalho de pesquisa surgiu a partir das minhas inquietações relacionadas à prática docente de como planejar e acompanhar a escolarização dos jovens e adultos e a formação do leitor. Destaco que iniciei minha experiência profissional há mais de vinte anos. Comecei como professora alfabetizadora de crianças, tornando-me depois professora de Língua portuguesa do Ensino fundamental – anos finais. Vivenciei também uma experiência significativa no Ensino Médio como professora de Literatura e há dois anos estou atuando em turmas da modalidade EJA, no entanto, percebo que as dificuldades observadas no ensino da leitura no decorrer de minha experiência de sala de aula, são entraves que preocupam também grande parte dos docentes da educação básica ao longo desses anos.

A realidade vista *in loco* me permitiu a reflexão e a motivação na busca de atividades contextualizadas que promovessem o interesse e a satisfação dos alunos nas práticas de leitura, colocando-os em situação de ler para que aprendam a leitura, possibilitando torná-los sujeitos ativos, autônomos e experientes mediante a uma aprendizagem significativa para a formação ampla e de domínio de linguagens.

Documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (2017) orientam que o ensino de Língua Portuguesa seja organizado, de modo que, por meio da leitura, aconteça o desenvolvimento pessoal do aluno, bem como sua efetiva participação no meio em que vive.

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2017, p.65-66).

Nesse sentido, considerando que o letramento literário possibilita o acesso ao mundo da leitura e, ainda, que o ambiente escolar permite experiência da literatura em um diálogo profícuo para a transformação do aluno de mero sujeito receptor a agente do conhecimento, por meio de experiências com o texto, este estudo tem como objetivo geral refletir sobre a promoção de atividades de leitura em voz alta por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública municipal de São Miguel dos Campos-AL.

Na metodologia para a investigação, adotamos a abordagem qualitativa na modalidade pesquisa-ação, cuja finalidade é a resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes estão envolvidos. A observação constante quanto à participação dos alunos em eventos literários e práticas sociais e culturais tem foco na aprendizagem e na apropriação de um repertório textual para torná-los mediadores de leitura, tanto em espaços internos da escola quanto fora dela, especificamente em creches, hospital, casa de restituição e abrigo.

Para análise dos dados, tomamos como aporte teórico a abordagem cognitiva da leitura em Silveira (2015); a escuta de textos e a prática de mediação de leitura em Bajard (2014 a,b); as concepções, procedimentos e estratégias de leitura na escola em Antunes (2003), Solé (1998) e Manguel (2004); a formação e a performance do leitor em Kefalás (2012); as abordagens sobre as práticas sociais de letramento em Soares (2004), Street (2003) e Kleiman (1995); o letramento literário em Cosson (2018/2019); além das especificidades da EJA em Freire (2011), Arroyo (2017) e Brasil (2002).

Nesse estudo, apresentamos também os objetivos específicos que consistem, inicialmente, em investigar a relação dos alunos da EJA com a leitura, buscando compreender o distanciamento deles com esta prática por meio de conversas informais, aplicação de questionário pessoal, observações em eventos. Com o propósito de (re) aproximá-los, promovemos na escola e fora dela, atividades de leitura diversificada, pautadas na inserção do letramento literário e na interação social, por meio da leitura em voz alta para o outro, para,

dessa forma, possibilitar a formação leitora, utilizando-se, principalmente, do texto literário com foco na recepção pela fruição como também, pela fluência.

Elaboramos a proposta pedagógica de intervenção, a partir da própria realidade do aluno, considerando as especificidades da modalidade EJA, pois acreditamos que os jovens e adultos buscam na escola não apenas conteúdos prontos para serem reproduzidos; mas, como cidadãos, querem se sentir sujeitos participativos, desejosos de crescer cultural e socialmente. Logo, pretendemos, conforme Paulo Freire (2011), “elucidar no educando a sua criticidade, criatividade e ação transformadora diante de um contexto de exclusão”, inserindo-o no movimento da busca, valorizando sua experiência de vida.

Para trabalhar a formação leitora, realizamos uma sequência de atividades de leitura em sala de aula, sala de leitura da escola e biblioteca pública municipal, proporcionando a apropriação de um repertório de textos literários e o prazer quanto ao ato de ler, sob a perspectiva do letramento literário a partir da metodologia - oficina de leitura - uma adaptação da proposta de Cosson (2018).

Durante o desenvolvimento da pesquisa, analisamos também a participação dos alunos da EJA na qualidade de mediadores de leitura em eventos literários e práticas socioculturais, efetivadas em sessões de mediação - proposta metodológica - apresentada por Élie Bajard. Vale ressaltar que o modelo da instituição *A Cor da Letra* (Centro de Estudos, Pesquisa e Assessoria em Leitura e Literatura Infantil, São Paulo)¹ foi adaptado para atender à especificidade dos alunos da EJA na perspectiva de que a partir da vivência dessas atividades, os estudantes sintam-se também sujeitos ativos, reflexivos e autônomos, sensibilizados a promover a cidadania, além de estarem contribuindo para a reafirmação de suas próprias identidades.

A partir das nossas reflexões e discussões teóricas, este trabalho apresenta o resultado da pesquisa realizada com os alunos da IV e V fases da EJA – segundo segmento de uma escola pública municipal, norteadas pelas seguintes questões: Quais possibilidades podem ser geradas com a prática do letramento literário? Atividades de mediação de leitura em ambientes externos à escola podem promover e sedimentar habilidades de leitura? Em que medida a prática da leitura em voz alta pode contribuir para a fluência leitora e a inserção do aluno ao letramento literário?

¹ Organização não governamental. O Instituto tem como objetivo criar, identificar, fortalecer e disseminar experiências culturais e educacionais que valorizem a troca de saberes e o direito à cultura oral e escrita. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Instituto-A-Cor-da-Letra-113551305999311/>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

Quanto à estrutura, a dissertação, organiza-se da seguinte forma: na seção 1 encontra-se esta Introdução que compreende o contexto de pesquisa, o problema, a justificativa, os objetivos. Na seção 2 apresentam-se os fundamentos teóricos com ênfase em vários pontos de vista da leitura, destacando a abordagem cognitiva e a prática social na modalidade da leitura em voz alta para a efetivação das práticas de mediação de leitura. Destaca-se, também o movimento das abordagens de letramentos com enfoque no letramento literário como prática social.

A terceira seção trata das políticas públicas para a EJA abordadas em documentos oficiais, dentre eles, a Base Nacional Comum Curricular (2017), a Proposta Curricular da EJA (2002) e o livro didático de Português.

Já na quarta seção, encontra-se a abordagem teórico-metodológica da pesquisa, socialização da metodologia adotada, seu contexto, os alunos colaboradores, a observação participante, a seleção dos dados e a perspectiva de análise.

A quinta seção traz uma análise da prática da leitura em voz alta numa relação entre a leitura e a escuta consolidada na proposta interventiva por meio das sessões de mediação de leitura pelos alunos da EJA em quatro espaços sociais (Abrigo dos idosos², Creche/Escola Municipal³, Santa Casa de Misericórdia⁴ e a Casa de Restituição⁵) com foco na promoção do letramento literário a partir da recepção do texto literário na perspectiva do leitor e do ouvinte, considerando uma experiência estética com o texto, como também os aspectos linguísticos relacionados ao sentido do texto e à fluência leitora.

As considerações finais apontam uma reflexão acerca do resultado da prática docente na aplicação da proposta para os avanços no processo de letramento literário dos alunos da EJA.

Desejamos que esta dissertação possa contribuir para professores de Língua Portuguesa, mediadores de leitura, pesquisadores que vivenciam o ensino da leitura/literatura dentro ou fora da escola com práticas de leitura do texto literário, cuja finalidade primeira seja a formação leitora. Que as considerações apresentadas sirvam para a continuidade de outras pesquisas nessa área.

² Abrigo do idoso Joana Figueiredo Alves situado na Av. Clarice Soares Bezerra S/N – Lot. Senador Rui Palmeira em São Miguel dos Campos - AL. A instituição é mantida pela Prefeitura Municipal. Atualmente atende a 32 idosos, entre homens e mulheres com idade de 60 a 90 anos.

³ Escola Municipal de Educação infantil localizada na rua Nossa Senhora do Ó, S/N – Bairro de Fátima em São Miguel dos Campos – AL. Atualmente atende 246 alunos na faixa etária de 3 a 5 anos.

⁴ Santa Casa de Misericórdia de São Miguel dos Campos – AL. Localizado na Praça Dr. José Inácio, 43 – Centro.

⁵ Casa de Restituição Shalom - localizada no Lot. Washington Rocha S/N – Povoado Coité em São Miguel dos Campos – AL. Atualmente atende a 50 acolhidos na faixa etária de 19 a 60 anos.

2. LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO

A leitura é uma competência necessária para o ser humano. Além de ser uma necessidade individual, fonte de prazer, ela é um instrumento de inserção e participação social nas diversas atividades exercidas no dia a dia, principalmente, na escola, na universidade e no trabalho.

De acordo com a Proposta Curricular da EJA (2002), no ensino de Língua Portuguesa com jovens e adultos, a leitura deve ser prioridade, pois deve permitir o convívio com textos que ampliem seu universo sociocultural, possibilitando a constituição da proficiência discursiva e linguística do aluno, bem como sua ascensão social. Sobre isso, Silveira explica “O domínio da leitura é decisivo para o sucesso do indivíduo no processo de escolarização nos seus diversos níveis e também na vida profissional, no mundo do trabalho, na mobilização social, além de ser um fator importante na formação e na realização pessoal”. (SILVEIRA, 2015, p. 32)

Compreendendo a leitura como prática social, é oportuno mencionar Paulo Freire (2011, p.19), que afirma: “a leitura não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. Ou seja, a leitura é um fenômeno cognitivo e social que se constitui em um processo contínuo desenvolvido no sujeito desde o contato com o mundo que o cerca e se amplia durante as experiências escolares.

Nesse sentido, os estudantes da EJA precisam estar cientes da importância e dos benefícios que a leitura proporciona na determinação de novos horizontes; os professores devem considerar as mudanças que ocorrem a cada época, pois o comportamento social entre as gerações pode afetar diretamente o trabalho com a leitura como mostram as pesquisas a respeito dos baixos índices de leitura no país.

Ao longo dos anos, as concepções acerca da leitura são formadas e discutidas. Estudos destacam que no Brasil, elas foram impulsionadas a partir da década de 1970 com a expansão dos estudos da Linguística Textual e da Análise do Discurso até a atual conjuntura em relação às novas realidades do ato de ler, contextualizando, desta forma, os letramentos.

Portanto, nesta pesquisa defendemos a ideia de que o letramento está relacionado à leitura como uma prática social que precisa ser desenvolvida na escola de forma que contribua para a formação leitora do aluno da EJA e este apropriando-se dessa prática possa interagir com outros sujeitos, tornando-se também um leitor reflexivo e ativo diante da realidade em

que está inserido. Nessa perspectiva, “o leitor utiliza diversos níveis de conhecimento que interagem entre si” (KLEIMAN, 2000, p.13).

No tópico seguinte, empreendendo nessa defesa, refletiremos sobre a leitura e suas possíveis contribuições nas práticas de ensino de língua portuguesa na modalidade da EJA.

2.1 Leitura: conceitos, modalidades e práticas

A leitura é uma atividade que apresenta múltiplas definições, diversas abordagens e perspectivas, ou seja, ao ser estudada permite vários pontos de vista. Sendo um processo de transformação do código escrito e fala, é abrangente e complexo, isso é consensual entre professores e pesquisadores da área, pois ela envolve decifração, compreensão, capacidade simbólica, fruição, interação social e deve produzir sentidos.

Como um processo de decifração, inicia-se por um estímulo visual e termina na compreensão, ou seja, a partir da informação apreendida por meio do código escrito, o leitor compreende o seu significado, dessa forma, é considerado o processamento cognitivo da leitura.

De acordo com Silveira (2015, p.10), a leitura é uma atividade complexa e como objeto de estudo e reflexão deve ser discutida sob vários aspectos (cognitivo, cultural, social, político, ideológico, entre outros) com suas respectivas abordagens. Para fins desta pesquisa, inicialmente, abordaremos os aspectos cognitivos e sociocognitivos, reconhecendo serem relevantes nas formas de organização da mente do leitor e nos seus processos de aprendizagem da leitura.

Conforme a pesquisadora supracitada, a leitura relacionada à cognição envolve os elementos que constituem os processos cognitivos e metacognitivos que ocorrem na mente quando lemos um texto escrito. “O sentido da visão, a percepção visual, vários tipos de memória, o conhecimento do código linguístico e o conhecimento prévio do leitor”, são esses elementos que, articulados entre si, geram estratégias por meio da prática da leitura, possibilitando a compreensão.

Existem dois processamentos estratégicos básicos que são usados pelo leitor proficiente: um processamento ascendente, que parte da informação visual (decodificação) para daí obter-se o significado; e o processamento descendente, que parte do conhecimento prévio e busca confirmação na informação visual (SILVEIRA, 2015, p.18).

Para o desenvolvimento de uma leitura fluente e significativa, além dos aspectos internos, mentalísticos, cognitivos do leitor, há que considerar também no ato de ler, os

aspectos externos de natureza social, cultural e político. Com base em Goodman (1987), Silveira ainda cita as estratégias de leitura que são operações mentais que o leitor deve utilizar para dar sentido às informações visuais do texto:

a **predição** – capacidade que o leitor tem de antecipar-se ao texto, à medida que vai processando a sua compreensão; a **seleção** – habilidade através da qual o leitor tem de selecionar apenas os índices relevantes para a compreensão e os propósitos da leitura; a **inferência** – habilidade através da qual o leitor completa a informação não explícita, utilizando as suas competências linguísticas, textual e discursiva, além de seus esquemas mentais e seus conhecimentos prévios (conhecimento de mundo, conhecimentos enciclopédicos, etc.); a **confirmação** – utilizada para verificar se as predições e as inferências estão corretas ou se precisam ser reformuladas; a **correção** – uma vez não confirmadas as predições e as inferências, o leitor retrocede no texto a fim de levantar outras hipóteses, buscando outras pistas sempre na tentativa de encontrar sentido no que lê (SILVEIRA, 2015, p.23-24).

É válido ressaltar que essas estratégias são realizadas na mente não apenas na leitura do texto escrito, mas também na leitura do mundo e no processo de compreensão como um todo, pondera a pesquisadora. Smith complementa essa abordagem:

A leitura é a associação do que está atrás dos olhos com o que está à frente dos olhos, apenas decodificar e não encontrar sentido não é leitura. Então, a leitura é uma atividade que acontece por meio de antecipação, realizada através do conhecimento prévio e exige do leitor uma atitude reflexiva, a qual lhe favorece compreender e explicar as coisas (SMITH, 1999).

O desenvolvimento da capacidade cognitiva possibilita ao aluno uma melhor compreensão de sentido do texto. Outra abordagem acerca da leitura é a compreensão de sentidos para uma tomada de posição diante da realidade. Segundo Solé (1998), quando uma pessoa se envolve em uma atividade de leitura, é fundamental que se sinta capaz de ler e compreender o texto de forma autônoma. A autora ainda reforça que uma leitura de verdade é aquela que é realizada com a motivação de leitores experientes, maduros possibilitando paradas para discussões, reflexões, releitura e assim, sentir o prazer de ler.

A Proposta Curricular da EJA (2002) reitera que o terreno da leitura é composto de inúmeras possibilidades, já que são diversas as experiências que os textos podem oferecer, bem como os propósitos pelos quais as pessoas se aproximam deles. Por isso, com o intuito de refletir sobre as possíveis contribuições dessa prática, compartilhamos conceitos de leitura que fundamentam a proposta de intervenção deste estudo.

Para Cosson (2018), a leitura é como um diálogo; um processo de compartilhamento, uma competência individual e social ao mesmo tempo. Um processo que permite a apropriação do mundo para produzir sentidos, vivenciar experiências do outro e estabelecer uma relação entre o leitor, o mundo e outros leitores/ouvintes.

Bajard (2014) corrobora com a Proposta curricular da EJA, “não existe um só tipo de leitura (...) para formar um leitor para a autonomia”. Sabe-se que há diversos tipos, diversas concepções, variadas formas e métodos, que, se bem orientados e com propósitos específicos, possibilitam ao aluno a apropriação dessa prática social que é a leitura e assim, vivenciar aprendizagens significativas e emancipatórias na sociedade. “Ler, quase como respirar, é nossa função essencial” (MANGUEL, 1998, p.20).

Na Base Nacional Comum Curricular (2017), a leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, e entre os exemplos, cita ainda a leitura para fruição estética de textos e obras literárias.

Concordamos também com Cosson (2018, p. 53) quando afirma que “Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, conseqüentemente, uma leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras...abrindo portas para a experiência literária”. Antunes (2003) reforça essa concepção, para a referida pesquisadora, o professor deverá promover sempre uma leitura motivada:

Tudo o que fazemos está preso a um interesse qualquer. Não pode ser diferente, sobretudo quando se trata da leitura feita na escola. O aluno, antes de qualquer coisa, deveria estar convencido das vantagens de saber ler e de poder ler. O professor faria bem, então em ajudar o aluno a construir uma representação positiva da leitura e dos poderes que ela confere ao cidadão. E, em cada situação particular da sala de aula, deveria explicitar para os alunos os objetivos de toda atividade de leitura, ou seja, por que ele é convocado a ler aquele texto, de forma a despertar-lhe o interesse por fazê-lo bem (ANTUNES, 2003 p.80 e 81).

Como observamos, a leitura perpassa os vários conceitos e concepções que, dependendo da situação comunicativa, é atribuída um valor específico com foco em um propósito, considerando o espaço em que ela será realizada. Manguel (2004, p.11), de forma poética, ressalta a tarefa da escola em proporcionar aos alunos o espaço ao ato de ler, permitindo-lhes “confortável, solitário e vagorosamente sensual” o convívio constante com a prática de leitura significativa.

Todavia, é importante frisar que não é só na escola que se lê. Vale considerar que os alunos da EJA já chegam com uma grande bagagem de letramento ofertada no ambiente familiar e social, antes mesmo de ingressarem no ambiente escolar. Assim, acreditamos que é dever da instituição de ensino, aproveitar as leituras que esses alunos trazem consigo para a ampliação do conhecimento, bem como, o envolvimento em novas práticas de leitura. Nesse sentido, a Proposta Curricular da EJA enfatiza que “é importante trabalhar conceitos,

procedimentos e atitudes que revestem esse processo, para que os alunos possam participar essencialmente, e de forma ativa, da construção da mensagem do texto” (BRASIL, 2002, 14).

Paulo Freire (2011) em sua obra *A importância do ato de ler* reforça que ler é um processo de ressignificação do texto, a leitura começa antes do texto: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, logo, esta significativa experiência possibilita aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto de forma crítica dentro de uma relação dinâmica entre linguagem e realidade.

Na educação básica, o ensino da língua portuguesa, além de ter como proposta instrumentalizar o aluno a ser competente em sua língua materna, tem a leitura como é um dos principais objetivos. Contudo, este ato não pode ser visto apenas como ser capaz de dominar o código alfabético ou ser capaz de compreender o que o texto traz ou ser capaz de interferir na realidade, mas ir além dos múltiplos objetivos que a leitura pode proporcionar como ler para compartilhar saberes, impressões, motivações; “ler para apresentar oralmente um texto num recital, num sarau; ler para praticar a leitura em voz alta para uma situação de leitura oralizada, de gravação de áudio” (SOLÉ, 1998).

Comungamos com a ideia de que ler para o outro, possivelmente, contribuirá na construção e reafirmação da própria identidade, além de permitir o resgate da autoestima e no desenvolvimento da fruição e fluência da leitura, especificamente, para o trabalho que desenvolvemos com os alunos da EJA.

2.1.1 Modalidades: leitura em voz alta

Anteriormente, expomos alguns conceitos e objetivos da leitura. É importante lembrar que o ato de ler é uma mediação que pode ser consolidada por meio de várias modalidades didáticas: leitura em voz alta, leitura silenciosa, leitura compartilhada, roda de leitura, projetos de leitura, tudo dentro do contexto do procedimento da leitura expressiva para a ampliação do letramento e conseqüentemente, melhorar a fluência leitora.

Como vimos, a prática da leitura sempre esteve relacionada à vida em sociedade. Élie Bajard (2014) apresenta o ato de ler “como um exercício de convivialidade”, ou seja, um ato comunicativo entre o texto, o leitor e o ouvinte, - aspecto relevante que trataremos neste trabalho.

Podemos observar que a leitura silenciosa tem um espaço predominante nas aulas de Língua Portuguesa. Ela é considerada por muitos como uma prática de leitura de um maior valor pedagógico (NÓBREGA, 2015). Contudo, consideramos que tanto a leitura silenciosa

como a leitura em voz alta se complementam e apresentam nuances significativas no contexto escolar para a aquisição do conhecimento.

Para fins desta pesquisa, com vista à formação do leitor, faremos uma abordagem acerca da prática da leitura em voz alta, apresentando, brevemente, seus aspectos históricos, as tradições e algumas concepções pedagógicas fundamentadas, principalmente em Bajard (2014). É nosso interesse mostrar a importância da leitura em voz alta como uma estratégia para o desenvolvimento de habilidades de leitura na experiência do leitor com o texto literário.

Sabemos que na antiguidade, a ênfase à oralidade antecedeu a linguagem escrita, ou seja, as palavras escritas desde os tempos das placas de argilas sumérias, destinavam-se a serem pronunciadas em voz alta. “Desde o início da escrita, pode-se observar a prática que consiste em comunicar oralmente um texto escrito para uma pessoa que não sabe ler, ou não pode mais fazê-lo” (BAJARD, 2014). Dessa forma, considera-se uma prática comum, um modo de sociabilidade compartilhada, isto é, uma relevância social. O pesquisador ainda acrescenta,

Desde o nascimento do alfabeto, a prática da leitura está fortemente associada à emissão sonora do texto. Esse caráter vocal da leitura está estreitamente relacionado a outros aspectos do uso da escrita, que vão se modificando pouco a pouco, sob a influência das transformações sociais (BAJARD 2014, p. 34).

A leitura em voz alta é uma prática social que existe desde o surgimento do alfabeto. Observa-se, por meio da história, que as concepções e os discursos acerca da leitura não acontecem no tempo de forma estanque e definitiva. Diversas funções foram atribuídas a essa sonorização, ao longo do tempo. Ainda de acordo com Bajard (2014, p.38-39), até o final do século XVIII, a leitura é antes de mais nada uma atividade que se realiza na escuta dos livros lidos e relidos em voz alta no meio familiar. O autor enfatiza também que nas sociedades não alfabetizadas, o texto sempre foi transmitido pela mediação de um leitor público. Durante esse período, a leitura ‘convivial’ se populariza na Europa, Espanha e chega ao Brasil através da literatura de cordel.

Vale enfatizar que em determinadas épocas, esse tipo de leitura foi mais usado. Nunca deixou de ser praticado. Cada leitor buscava um modo de ler mais apropriado. Nas sociedades do Antigo Regime, como forma de ler uns para os outros, compartilhando assim momento de fruição, ou seja, de prazer e intimidade, aconteciam encontros em família, nos salões, nos cafés. Encontros esses marcados de entretenimento e conhecimento acerca das escolhas literárias. A partir dessa prática, “em torno de 1900, a administração francesa, com o objetivo de promover o gosto pelos livros, tenta instaurar nas cidades as ‘sessões de leitura

pública' para atender a um público mais amplo, uma atividade que os professores deviam praticar em suas classes.” (BAJARD, 2014, p.40).

No período da Idade Média, o texto escrito também já era lido em voz alta na igreja, uma maneira de aproximar o discurso do sermão. Buscava-se bons oradores para que a doutrina fosse transmitida de forma correta para os ouvintes.

Desde a Grécia antiga, o hábito da leitura em voz alta existe. Entre os gregos, o culto ao discurso deu origem às recitações públicas feitas pelo próprio autor e seus repetidores.

De acordo com estudiosos, o século XIX foi marcado pelo crescimento da alfabetização, logo, a leitura em voz alta era apenas utilizada em algumas instituições como tribunais, igrejas, universidades, nos movimentos políticos e culturais e na escola foi utilizada para facilitar o aprendizado.

É válido frisar que em determinadas épocas, muitas práticas de leitura em voz alta como leitura dramatizada, leitura em público foram perdendo seu espaço para a leitura silenciosa.

Contudo, percebemos que as modalidades de leitura se modificam de acordo com o tempo, com o lugar e as situações sociais. Desde a antiguidade, a leitura em voz alta foi a mais difundida. Ela tinha uma função dupla: transmitir a informação do texto escrito para aqueles que não sabiam decifrá-lo: crianças, pessoas analfabetas, deficientes visuais e para realizar formas de sociabilidade. Na escola, além de ser utilizada muitas vezes para cumprir uma obrigação, era utilizada também para um momento deleite, uma oportunidade para conhecer uma obra literária. Sobre essa atividade tão antiga, Bajard (2014) ainda descreve historicamente:

A tradição da voz alta é antiga. Depois da reforma ela já era frequente na Europa entre famílias protestantes, nas quais o patriarca dizia textos sagrados da Bíblia durante a noite. No Brasil, séculos atrás, letrados reunidos em saraus escutavam poemas da boca dos seus autores, reuniões essas que ainda perduram sob novas formas.

Essa prática sempre esteve presente na escola. Todo leitor conheceu em sua escolaridade algum professor que dizia textos literários para o prazer do auditório, sem cobrar tarefas escolares dos ouvintes. Essa voz alta sistemática não somente encantava os alunos, fascinados pela musicalidade da voz do professor, como também revelava obras escritas da literatura (BAJARD, 2014, p. 15-16).

Atualmente, verificamos que os propósitos foram ressignificados, principalmente, o de ler para permitir o acesso à literatura pelo caminho da escuta. A voz alta está ganhando novos espaços educacionais e sociais (BAJARD, 2014). O pesquisador ainda ressalta que “a escuta do texto é uma primeira entrada no mundo da escrita e ocasiona efeitos diretos de letramento.”

Conforme Pastorello (2010, p. 12), no campo da educação, consoante a alguns teóricos, “a leitura em voz alta está intensamente relacionada às práticas normativas e prescritivas, à rituais escolares de avaliação de desempenho, às práticas desenvolvidas pelo método fônico”, entre outros estudos. No entanto, na atualidade, a noção de letramento tem possibilitado avanços nas reflexões dessa prática, introduzindo a dimensão social da leitura e da escrita, extrapolando os muros da escola, gerando transformações sociais. Concordamos ainda com a pesquisadora supracitada quando ressalta que ao ler um texto em voz alta, o leitor endereça sua leitura ao outro, de modo que, permite ao ouvinte visualizar a relação entre texto e sentido.

Socialmente, a leitura em voz alta faz parte do cotidiano. Ela se concretiza na leitura da ata, na leitura de cartas para as pessoas analfabetas, na leitura de acordos judiciais, na leitura de comunicados/avisos, na leitura de discursos políticos e sermões religiosos.

Consideramos pertinente ressaltar que no contexto de uma sociedade contemporânea, algumas formas da leitura em voz alta foram ressignificadas. Podemos encontrá-las na figura de contadores de história, atores, leitores, mediadores de leitura, entre outras. Isto é, a leitura em voz alta vem sendo consolidada para atender a um propósito comunicativo, principalmente no campo artístico-literário. De acordo com Cosson (2018), as funções básicas dessa atividade continuam presentes na nossa vida cotidiana de leitor e na escola. Ler em voz alta “é uma forma de sociabilidade,” endossa o pesquisador e acrescenta:

Ler para o outro nunca é apenas oralizar um texto. Ledor e ouvinte dividem mais que a produção sonora do escrito, eles compartilham um interesse pelo mesmo texto, uma interpretação construída e conduzida pela voz, além de outras influências recíprocas que, mesmo não percorrendo os caminhos sugeridos pela ficção, são relações importantes de interação social (COSSON, 2018, p. 104).

Diante de tudo quanto já foi exposto, constatamos que são várias as contribuições da leitura em voz alta na formação do leitor, pois além de possibilitar a aproximação do leitor com o outro (ouvinte) por meio do texto, quando trabalhada com frequência permite, entre outras aprendizagens, uma qualidade em dizer o texto. E essa prática faz toda a diferença quando nos deparamos em sala de aula com alunos tímidos, introvertidos e quando solicitados para fazer uma leitura compartilhada, não participam dessa atividade por se sentirem inseguros diante do público. Por isso, defendemos que com atividades sistematizadas de leitura em voz alta, por intermédio de sequência didática, é possível ver avanços na participação desses estudantes, bem como, no desenvolvimento da fluência em leitura.

Nesse sentido, corroboramos com a ideia de que a leitura em voz alta não pode ser vista apenas como um processo mecânico, mas uma exposição em dar vez a voz do outro. Segundo Kefalás (2012, p. 88), “Vocalidade é território de surpresa, de risco, no qual, o sujeito, no ato de ler em voz alta, se oferece e se expõe à palavra do outro”. A pesquisadora ainda complementa: “O percurso da leitura em voz alta é ao mesmo tempo seguro e bastante imprevisível”.

Na Proposta Curricular da EJA (2002, p. 42), encontramos também orientações que podem auxiliar o professor a formar leitores, “ para que os alunos leiam com fluidez, recomenda-se que leiam muito: só se aprende a ler, lendo, conversando sobre o que se leu, lendo outros textos que tratem do mesmo tema”, lendo para o outro “com clareza, rapidez, fluência e correção, pronúncia adequada, respeitando as normas de pontuação e com a entoação requerida” (SOLÉ, 1998, p. 98). Embora a autora frise que há um critério relevante para ler com eficácia em voz alta, é necessário, antes de tudo, a compreensão do texto. Ela enfatiza ainda que para isso, na ‘preparação’ da leitura em voz alta, deveria ser feita uma leitura individual e silenciosa, antes da oralidade. Dessa forma, compreendemos que é importante ressaltar que as duas modalidades de leitura: ler em voz alta e ler silenciosamente são práticas cujo domínio deve ser proporcionado pela escola durante práticas de compartilhamento de leitura na recepção dos textos literários.

Bajard (2014) destaca que alguns defensores da leitura em voz alta lhes concede algumas virtudes:

Trata-se de atividade que envolve convivência, o que não é o caso da leitura silenciosa, que é uma leitura para si. A voz é partilhável. Ela comunica a emoção e, através desta, o gosto de ler... É portanto uma atividade formativa. É por isso que o professor deve fazer dela sua prática cotidiana; sua paixão de ler deve conduzir a criança ao prazer do texto (BAJARD, 2014, p. 55).

Ainda conforme Bajard (2014, p.19), “na prática, a leitura em voz alta é vista, antes de mais nada, como uma decifração bem-sucedida. Hesitante no leitor iniciante, mais tarde se torna corrente (...), a leitura em voz alta constitui o modelo das práticas de leitura.”

Alberto Manguel, autor argentino, relata em sua obra *Uma história da leitura* (2004) a evolução da leitura, descrevendo um cenário desde a leitura em voz alta à silenciosa. Com base na primeira, conta sua experiência leitora de quando ainda adolescente ter tido a oportunidade de ler em voz alta para um deficiente visual. Logo, para o autor, ler em voz alta não é um ato particular, solitário. É relevante destacar ainda, que nos capítulos “Os leitores silenciosos” e “Leitura ouvida” do livro, Manguel detalha a dicotomia leitura em voz alta/leitura silenciosa.

Assim, com vista à prática da mediação de leitura, o autor lembra que a seleção do material deve ser socialmente aceitável tanto para o leitor como para o público (MANGUEL, 2004, p.72). O escritor ainda acrescenta que o ato de ler em voz alta para um ouvinte atento, força frequentemente o leitor a se tornar mais meticoloso, a ler sem pular e sem voltar a um trecho anterior, fixando o texto por meio de uma certa formalidade ritual (p.73). Portanto, entendemos que a leitura em voz alta, além de aprimorar os recursos linguísticos para a transmissão sonora do leitor, traz vários benefícios tanto para quem lê quanto para quem ouve, estabelecendo condições significativas de recepção.

Nesta perspectiva, Manguel também afirma que independente da forma de ler, faz-se necessário, antes de tudo, aprender a ler:

Ler em voz alta, ler em silêncio, ser capaz de carregar na mente de palavras lembradas são aptidões espantosas que adquirimos por meios incertos. Todavia, antes que essas aptidões possam ser adquiridas, o leitor precisa aprender a capacidade básica de reconhecer os signos comuns pelos quais uma sociedade escolheu comunicar-se: em outras palavras, o leitor precisa aprender a ler (MANGUEL, 2004, p.41).

Concordamos com o autor, antes de tudo é preciso aprender a ler, a decodificar, pois para tornar os alunos da EJA leitores fluentes e autônomos, o professor deve promover, constantemente, atividades de leitura para favorecer também a fluência leitora e a compreensão dos textos. E o próprio docente, por sua vez, deve ser a referência dessa prática de forma contínua em sala de aula.

Os PCNs (1998) ressaltam que, ao passar dos anos de escolaridade, cada vez mais, a prática de leitura em voz alta, pelo professor, torna-se algo raro. Complementa ainda que o modelo de bom leitor se torna mais necessário com o avanço da aprendizagem.

Para Bajard (2014, p.19), na ótica da *escrita continua*, ler pressupõe uma produção sonora e que cabe assim à instituição escolar, a responsabilidade de retomar e assegurar a aprendizagem da leitura em voz alta. Hoje, felizmente, a voz alta está ganhando espaços educacionais diversificados fora das classes privilegiadas; ela se manifesta também em bibliotecas, creches, além de espaços sociais tais como núcleos de educação informal, hospitais ou jardins públicos (BAJARD, 2014,16).

Com foco na aprendizagem da linguagem em práticas sociais, é possível observar que a escuta do texto ocorre na sociedade, fora da escola e, exatamente, por essa razão a instituição de ensino não deve negligenciá-la. Considerando a faixa etária/modalidade, o professor deve buscar inovar as aulas, promovendo atividades de leitura promotoras de letramento, reconhecendo que a leitura em voz alta permite vários encontros: o encontro do

leitor com o autor do texto, o encontro com o outro que temos por dentro e com o outro para quem se lê.

Cosson (2019), na obra *Círculos de leitura e letramento literário* dá sugestões de como desenvolver atividades para a prática da leitura em voz alta, tanto para crianças como para um público de alunos maiores. Como a nossa pesquisa é desenvolvida com alunos da EJA, destacaremos o seguinte trecho: “Adolescentes, jovens e adultos podem ter algumas aulas ou reuniões dedicadas unicamente à leitura da obra ou de partes dela. Textos com imagens e som ou apenas som devem ser preferencialmente vistos e ouvidos coletivamente”. E o pesquisador ainda acrescenta, que o princípio básico quanto ao ato de ler, é que todas as formas de ler valem a pena, desde que proporcionem um efetivo encontro entre o leitor e a obra. Nesse sentido, acreditamos que a escola como agência de letramento, deve possibilitar uma experiência de aprendizagem e fruição estética, não esquecendo que o leitor vai se formando no decorrer da escolarização.

Para tanto, reafirmamos o que postula Bajard (2014), “a prática da leitura em voz alta é uma atividade formativa e por isso, o professor deve fazer dela sua prática cotidiana, sua paixão de ler deve conduzir ao prazer do texto”.

2.1.2 Práticas de mediação de leitura literária

Nesta subseção faremos, inicialmente, uma reflexão acerca do vocábulo mediação em seu sentido mais amplo da aprendizagem como “possibilitadora da construção pessoal do conhecimento”. Segundo Meier e Garcia (2007, p.73-74), a mediação é necessária para o desenvolvimento das funções cognitivas do sujeito, logo, na busca da aprendizagem, ele desenvolve sua própria autonomia, ou seja, vivencia o processo de aprender a aprender, adquirindo assim a maturidade, o crescimento intelectual.

Nesta perspectiva da mediação com foco na formação do leitor, entendemos que o leitor é construído ao longo da vida. Desde criança no âmbito familiar e escolar já surgem as oportunidades de ações mediacionais. No entanto, defendemos que é a escola que tem uma responsabilidade ainda maior de desenvolver práticas leitoras por meio de mediações conduzidas pelo professor, principalmente de Língua Portuguesa com o propósito de promover a formação leitora, levando em consideração os diferentes públicos e níveis de escolarização e letramento, reconhecendo também que muitos alunos da escola pública não têm acesso ao livro literário em seus lares.

Nesse sentido, Colaço (2012, apud Kleiman (2005)) defende que professor, como agente de letramentos, precisa ter conhecimentos necessários para ser gestor de saberes, descobrir o valor da leitura e escrita na vida dos alunos; criar novas e relevantes funções para a inserção plena dos alunos; conhecer os recursos do grupo e mobilizá-los para assim, envolvê-los em práticas de letramento. Por isso, acreditamos que a prática de mediação de leitura na escola contribui no processo de aproximação/interação do aluno/leitor com o texto, permitindo-lhe experiências significativas de aprendizagem para poder interferir com segurança na realidade humana e social.

Coadunamo-nos com Moura e Martins (2012, p. 88) ao afirmarem que “o trabalho de mediação de leitura exige a compreensão leitora como uma atividade social, dinâmica que exige do leitor, além de conhecimentos linguísticos, experiências de mundo para processar as informações contidas no texto”.

Nóbrega (2015) também acrescenta que as capacidades cognitivas da leitura e as competências leitoras dos alunos mudam precisamente de acordo com o seu desenvolvimento cognitivo, o que pressupõe práticas de leitura diversas e ajustadas com objetivos específicos e diferenciados.

Dessa forma, na mediação de leitura na escola, é importante o professor refletir sobre o leitor que se quer formar e quais caminhos a percorrer para alcançar esse propósito, considerando “que cada leitor carrega consigo histórias, saberes e desejos que são terreno onde a literatura poderá se estabelecer como possibilidade estética” (MORAES, 2014). Ainda de acordo com a autora acerca da mediação da leitura literária realizada na escola:

O imprescindível é que tais experiências permitam ler também o mundo, suas infinitas possibilidades de existência, e possibilitem a inclusão dos indivíduos em uma comunidade de leitores que os ajude a ampliar, através da palavra, as formas de reagir a este mesmo mundo, enriquecendo-o (MORAES, 2014, p. 34).

Michèle Petit (2009) corrobora nesse sentido em sua obra *Os jovens e a leitura* que a autora traz relatos de jovens franceses que vivenciaram o ato de ler e as possibilidades de ampliar o universo cultural e da linguagem por meio da mediação de leitura de bibliotecários e professores. “Acredito que um mediador de leitura deveria poder dar a cada leitor, uma oportunidade de encontros singulares com textos que possam lhe dizer algo em particular” (PETIT, 2009, p.184). Vale ressaltar que o termo mediador de leitura, descrito neste trabalho, está relacionado à pessoa que se interpõe entre o texto e o receptor, tendo em vista facilitar sua recepção (BAJARD, 2014, p.45).

Portanto, reconhecemos que é papel dos mediadores de leitura a promoção de encontros em torno da leitura, principalmente, em locais em que os livros não existem e nem

esse tema ainda não seja uma prática concretizada. De acordo com estudiosos, a atividade de mediação de leitura envolve diferentes formas de recepção e significados: forma leitores, promove o contato com o texto, com o livro, dá continuidade as histórias de leitura, tece apreciações sobre o texto, abre caminhos para a autonomia, entre outras.

Pesquisas mostram que muitas instituições, ONG's, escolas reconhecendo a importância do trabalho de mediação de leitura como uma prática social têm se dedicado a uma sistematização de práticas para orientar e formar mediadores.

Neste estudo, defendemos que uma das formas de efetivar essa atividade é por meio do ato de ler em voz alta – oportunidade de estreitar laços afetivos - que a leitura oralizada compartilhada possibilita. Para tanto no intuito de aprofundar essa discussão acerca de mediação de leitura, tomamos como aporte teórico, o pesquisador Élie Bajard que aborda em seu livro *Da escuta de textos à leitura* (2014), os meios utilizados para teorizar essa prática, apresentando-nos um dispositivo educacional que possibilita a aproximação da criança com o livro - *sessão de mediação* - elaborado pela instituição *A Cor da Letra* (Centro de Estudos, Pesquisa e Assessoria em Leitura e Literatura Infantil, São Paulo) quando realizava atividades de formação de “mediadores de leitura”. É importante ressaltar que o trabalho desenvolvido pela instituição se dedica às crianças que não herdaram a cultura da leitura no ambiente familiar, logo, a mediação de leitura permite a redução dessa desigualdade cultural.

Bajard com muita propriedade descreve como acontece as sessões de mediação:

As *sessões de mediação* propiciam encontros de crianças com o livro a partir de alguns meses de idade, em lugares diversificados, tais como pátios de internato, jardins, creche, hospital etc. São programadas, de maneira regular ou pontual, em torno de um acervo móvel de livros de qualidade. As sessões são conduzidas por estudantes voluntários do ensino médio ou da universidade, dispostos a dedicar uma parte de seu tempo às crianças de famílias iletradas. De forma a poder atendê-las de maneira adequada, recebem uma capacitação para se tornarem *mediadores de leitura* (BAJARD, 2014, p. 46).

Percebemos que esse é um dispositivo pedagógico que permite inserir o aluno nas práticas do letramento literário a partir da formação leitora. Ou seja, o aluno aprende a ler, lendo o texto escrito, numa configuração de formação contínua: forma-se, formando.

A partir desse pressuposto, tomando como referência este modelo da *sessão de mediação*⁶, utilizada pela instituição *A Cor da Letra* e descrita por Bajard (2014) na obra *Da*

⁶ A sessão de mediação proposta pela *A Cor da Letra* é reunir um grupo de crianças, alguns mediadores e um acervo de literatura infantil constituído por um número de livros de ficção maior do que o de crianças. Começa por uma brincadeira coletiva, seguida pela disseminação do acervo no chão. O resto do tempo é dedicado a exploração desse acervo. Depois de 45 minutos, os exemplares são guardados e uma atividade de despedida encerra a sessão que é estruturada no tempo e também marcada pelo espaço.

escuta de textos à leitura, fizemos a adaptação desse dispositivo para uma experiência com os alunos da EJA com a intenção de inseri-los nas práticas do letramento literário, criando condições para efetivar a formação leitora desses estudantes, possibilitando-os a apropriação do texto literário, e que mesmo não sendo considerados leitores proficientes, como forma de promover a formação cidadã, torná-los como mediadores de leitura para públicos específicos: crianças, jovens, adultos e idosos; colocando-os em situação de interlocução, compreendendo a função social de uso da leitura.

É relevante destacar ainda, que após pesquisas e observações quanto à postura de um mediador de leitura, Bajard (2014, p.53) apresenta-nos quatro elementos considerados estruturantes na transmissão vocal desse mediador: “a extração do texto pelos olhos, a emissão vocal, o olhar endereçado ao ouvinte e a exposição do livro ao público”. Os dois primeiros, relacionados à língua, ou seja, a linguagem verbal, e os outros dois a linguagens corporais, numa dimensão comunicativa.

Interessa-nos aqui, considerarmos a importância desses quatro elementos durante as atividades de leitura com os alunos da EJA. Para tanto, de forma sucinta, descreveremos esses quatro componentes, chamados por Bajard (2015) de “gestos” da transmissão vocal: 1) Emissão – gesto central que engloba os critérios linguísticos na avaliação tradicional da leitura em voz alta sendo complementado por elementos que destacam a materialidade sonora da emissão: características da sonoridade como volume, altura, timbre, acento; elementos que operam no nível da frase ou do texto, a exemplo do ritmo, velocidade, pausas entre segmentos do texto, regularidade, melodia e sotaque. 2) Resgate – extração de um trecho do texto por meio de uma exploração visual rápida, o fragmento é emitido pela boca, logo é necessário, o conhecimento global do texto. 3) Olhar – gesto importante entre emissor/ouvintes, configura-se em duas funções específicas: a materialidade gráfica que ocorre durante o resgate e a interação com o público, proporcionado a comunicação visual. 4) Exposição – mostrar o conjunto gráfico do livro imagens e texto escrito, simultaneamente pela voz.

Bajard (2015, p. 59), ressalta que a identificação e o domínio desses quatro gestos “contribuem para a transformar a transmissão vocal em instrumento central da sessão de mediação”.

Nessa perspectiva, compreendemos que as práticas de leitura que ocorrem no contexto escolar, não devem ser distantes dos contextos socioculturais dos alunos em seu processo de escolarização e letramento. A atividade de leitura deve consistir da leitura propriamente do texto e depois buscar ampliar essa leitura com outras linguagens e

abordagens que envolvam a apropriação literária e as relações entre o texto, o aluno e a sociedade. Para Cosson:

É necessário que sejam sistematizados em um todo que permita ao professor e ao aluno fazer da leitura literária uma prática significativa para eles e para a comunidade em que estão inseridos, uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar e dizer o mundo e a nós. Uma prática, em suma, que tenha como princípio e fim o letramento literário (COSSON, 2018, p. 46).

O prazer pela leitura, desta feita, a literária deve promover uma interação significativa entre o leitor, o texto, o ouvinte, o próprio espaço onde a leitura será realizada. É importante enfatizar, que o desenvolvimento do letramento literário só pode ser efetivado quando há a mediação do professor, levando em consideração também a seleção dos textos para ampliar o repertório dos alunos, bem como, as condições de recepção. Acreditamos que dada a sua relevância social, cultural e escolar, o texto literário deve estar presentes em todas as etapas de escolaridade (BRASIL, 2002, p.33).

Acerca da seleção de texto para formação do leitor, Cosson alerta:

A diversidade de texto é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de proporcionar o crescimento do leitor por meio de seus horizontes de leitura (COSSON, 2018, p.35).

Concordamos, plenamente com o autor que ainda afirma que não há um texto ideal. Porém, faz-se necessário que sejam observadas as características dos participantes, o ambiente em que será realizado o momento da leitura e o gênero textual adequados àquele propósito comunicativo.

Neste estudo, escolhemos trabalhar com poemas e contos, gêneros com “densidade poética, propícios a uma sensibilização inicial do aluno” (BOSI, 1987, p.14), ou seja, favorece a fruição; além de considerar que não havia disponibilidade de tempo para leituras mais prolongadas durante as atividades propostas para melhor atender a especificidade dos estudantes da EJA, considerando até mesmo, a própria carga horária, e por entender também, o lugar privilegiado que a literatura ocupa no processo de formação do leitor. A esse respeito, Cosson também enfatiza, “bom para discutir, é o texto que desperta, inquieta e demanda uma posição do leitor, um texto cuja leitura parece nos exigir o compartilhamento com alguém” (COSSON, 2018, p. 161). Bajard (2014, p.102) ainda traz sua consideração acerca do texto, “o fascínio do texto deve vencer as resistências que, em determinadas circunstâncias, o medo da solidão pode acarretar na aprendizagem da leitura”.

A partir de uma metodologia performática, concordamos com Kefalás (2018, p. 251) que considera que a leitura do texto literário é, “pois convocar o corpo todo a participar da travessia verbal”. Há que se considerar que, no texto literário, o reconhecimento dos recursos expressivos, consolidam o gênero literário.

Diante de um contexto de distanciamento à experiência da literatura observada *in loco*, compreendemos que no espaço escolar, a realização de práticas de compartilhamento de leitura e recepção do texto literário a partir do livro didático, paradidáticos, coletânea de textos, deve ser frequente e com momentos em que o aluno possa tecer comentários de ordem estética, afetiva, justificando suas apreciações acerca do texto lido. Acreditamos que dessa forma, esse estudante em contato contínuo com o texto literário, seja como ouvinte ou leitor, sabendo da funcionalidade dessa prática, experimenta cognitivamente e emocionalmente, inúmeras possibilidades de ampliar seu conhecimento sobre o mundo e as pessoas.

Na visão de Bajard (2014, p.95), “a prática dos textos literários possibilita eficiência na aprendizagem da língua.” E também permite acrescentar outras oportunidades de aperfeiçoamento linguístico. Por isso, nessa perspectiva, concebemos que a escola, o professor devem buscar procedimentos metodológicos fundamentados em teóricos que discutam o assunto para incentivar a participação efetiva do aluno no trabalho significativo com a leitura, levando em consideração a intencionalidade da prática e os saberes já existentes, porque “qualquer aprendizagem se constitui na integração de um saber novo e um antigo” (Bajard, 2014, p.103).

2.2 Movimento das abordagens sobre letramentos

A leitura torna-se uma atividade de maior relevância quando envolvida nas práticas de letramento da sociedade. Sabe-se que o letramento não é, unicamente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social.

Na educação brasileira, a utilização da proposta de letramento vem sendo discutida e ampliada com perspectivas de mudanças teóricas-metodológicas no ambiente escolar para possibilitar o contato efetivo do aluno com sua língua materna. Estudos realizados por diversos teóricos como Kleiman (1995), Soares (2004), Tfouni (2010), Cosson (2018) têm fundamentado esse novo processo pedagógico.

Magda Soares (2004), na obra *Letramento: um tema em três gêneros*, por meio de um texto descritivo e crítico, esclarece o significado de letramento. Segundo a autora, “letramento – um novo conceito recém-introduzido no campo da Educação, das Ciências

Sociais, da História, das Ciências Linguísticas - surgiu na segunda metade dos anos 80 como uma nova perspectiva social no uso da leitura e da escrita”. A pesquisadora apresenta o seguinte conceito:

Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e com essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais, em outras palavras, letramento não é pura simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas ligadas à leitura e a escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (SOARES, 2004, p. 72).

Para uma melhor compreensão acerca do conceito e a origem do termo letramento, Soares (2004) apresenta a etimologia: “a palavra *litteracy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*; que denota qualidade, condição, estado, fato de ser” e acrescenta que:

[...] literacy é o estado ou a condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever – alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – tem consequências sobre o indivíduo e alteram-se estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social [...] (SOARES, 2004, p. 17-18).

A partir desses esclarecimentos, constatamos que o letramento estado ou condição possibilita ao sujeito aplicar as práticas de leitura e escrita de forma contínua nas diversas situações sociocomunicativas em diversos ambientes sociais.

Nos estudos sobre o ensino e a prática da leitura, a noção de letramento é fundamental para ser compreendida e efetivada na sala de aula. Rangel (2019), reforça e entende letramento como um termo técnico:

que designa e articula entre si três ordens diferentes de fatores relacionados à linguagem escrita: o conjunto das formas pelas quais uma determinada cultura ao mesmo tempo dá uma existência social e se serve da escrita, atribuindo-lhe diferentes sentidos e diferentes funções; os valores – inclusive éticos e estéticos – em nome dos quais a escrita participa da vida social, assim como, os diferentes graus de intensidade dessa participação; os padrões diferenciados de distribuição e circulação social da escrita; os diversos padrões e a intensidade variada com que escrita participa do cotidiano e do imaginário dos sujeitos. (RANGEL, 2019, p. 3-4)

Culturalmente, a sociedade é guiada pela palavra escrita. Para que o sujeito possa atuar nessa cultura, em uma sociedade em que há um grande volume de material escrito, ele precisa não apenas decodificar o código alfabético é necessário desenvolver habilidade em relação à leitura e escrita e assim assumir a condição de letrado.

Compreende-se letramento o resultado da ação de ler e escrever, reconhecendo a linguagem como prática social, enquanto alfabetização é a ação de alfabetizar, ou seja, é

ensinar a ler e escrever. De acordo com Soares (2004, p.55), o conceito de alfabetização varia de acordo com a situação, com o contexto. Ao longo do tempo, ele é ampliado para uma linha mais complexa para atender as exigências sociais. Essa evolução pode ser observada nos censos demográficos do Brasil, pois até 1940, alfabetizado era aquele que sabia escrever o próprio nome. A partir dos anos 40, alfabetizado passa a ser aquele capaz de ler e escrever um bilhete simples, indicando já uma preocupação com os usos sociais da escrita, aproximando desta forma do conceito de letramento. Para complementar, Soares ainda esclarece essa diferença entre alfabetização e letramento:

...um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica leitura e escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2004, p.39-40).

Neste trecho, na descrição dos dois termos, fica claro o que se refere a cada processo e que o envolvimento em práticas de leitura e escrita possibilita o indivíduo ser diferente na sociedade. Souza e Serafim (2012, p.22), endossa essa mudança, “só recentemente, passamos a, necessariamente, não apenas saber ler e escrever, mas, o mais importante, a fazer uso social da leitura e da escrita”. Soares ainda afirma:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação como os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (SOARES, 2004, p. 37).

É evidente que o letramento torna o indivíduo cognitivamente diferente. Desse modo, a pessoa apropria-se da escrita, criticamente, com a finalidade de interagir e agir nos diversos contextos sociais.

Nos países desenvolvidos, letramento significa fazer o bom uso da língua socialmente, enquanto no Brasil busca-se saber se o indivíduo sabe pelo menos ler e escrever um texto simples, o que é chamado de alfabetização. Para Kleiman (2002), citada por Souza e Serafim (2012, p.22), a academia utilizava o termo alfabetização, como uso individual da competência da escrita, enquanto o letramento surgiu para identificar o impacto social da escrita.

Tfouni (2010) considera o letramento um processo maior que a alfabetização. “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou um grupo, o

letramento focaliza os aspectos sócio-históricos” os quais exigem do indivíduo mais do que o domínio do sistema alfabético. A estudiosa ainda explica:

Em termos sociais mais amplos, o letramento é apontado como sendo produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e da complexidade crescente da agricultura. Ao mesmo tempo, dentro de uma visão dialética, torna-se uma causa de transformações históricas profundas, como o aparecimento da máquina a vapor, da imprensa, do telescópio e da sociedade industrial como um todo (TFOUNI, 2010, p. 23).

Soares (2004) ainda traz uma observação importante sobre esse estudo: ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever, logo, aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita sua “propriedade” (SOARES, 2004, p. 39).

Kleiman (1995), destaca o distanciamento das práticas de letramento que acontecem dentro e fora da escola:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua - como lugar de trabalho -, mostram orientações de letramento muito diferentes (KLEIMAN, 1995, p.20).

Para a autora, o letramento é um conjunto de práticas sociais que perpassa a escrita e que a escola está preocupada apenas com um tipo de letramento, que é a alfabetização. Há que se considerar que o letramento acontece também em âmbito familiar, religioso, profissional, entre outros espaços sociais. Nesse sentido, Cosson corrobora:

Em uma sociedade essencialmente letrada como a nossa, mesmo um analfabeto tem participação, ainda que precário, em algum processo de letramento. Do mesmo modo, um indivíduo pode ter um grau sofisticado de letramento em uma área e possuir um conhecimento superficial em outra, dependendo de suas necessidades pessoais e do que a sociedade lhe oferece ou demanda (COSSON, 2018, p.11-12).

O indivíduo, independente de analfabeto, alfabetizado ou letrado vivencia, frequentemente, as diversas situações do uso da leitura e da escrita. Há momentos em que tem uma atuação mais efetiva, isso depende da necessidade do uso e do que o ambiente social lhe proporciona. Para Street (2003) letramento designa as práticas sociais da escrita que envolvem a capacidade e os conhecimentos, os processos de interação e as relações de poder relativas ao uso da escrita em contextos e meios determinados.

Mesmo ciente de que jovens e adultos já chegam (ou retornam) à escola com um certo nível de letramento, ainda assim, a unidade de ensino deve ser responsável para colocar

esses alunos em vivências em que elevem e/ou ampliem a prática de letramento para que dessa forma, esses estudantes sejam capazes de melhor interagir nas diferentes esferas da sociedade, além da possibilidade de desenvolver a formação humana.

Percebemos que nos últimos anos, surgiram muitas pesquisas sobre o letramento. Para aprofundar essa temática e obter uma melhor compreensão, veremos no tópico seguinte conceitos e as respectivas concepções teóricas de outros pesquisadores que também têm se debruçado a pesquisar acerca do termo letramento (s), contribuindo significativamente nesse estudo.

2.2.1 Conceito de letramentos

Soares (2004, p.49) declara que “há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural.”

De acordo com Street (1995 Apud COLAÇO, 2012, p. 5), “a ideia de letramentos – no plural, é o uso das linguagens com esse domínio discursivo e com os papéis assumidos por professores e alunos em suas relações com o conhecimento”. Logo, o estudioso trata da concepção ideológica da prática social. Ele concebe os letramentos como múltiplos, sujeitos à relação de poder em diferentes contextos.

Pela amplitude do fenômeno, há necessidade de usar o termo letramento em sua pluralidade para atender a construção de sentidos nas diversas áreas do conhecimento, “focalizando os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita em práticas letradas” (TFOUNI, 2010, p. 22).

Kleiman, (1995, p. 19), afirma que “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos, para objetivos específicos e são passíveis de mudança”.

Bortoni-Ricardo (2004), citada por Souza e Serafim (2012, p.23) endossa que nas comunidades sociais, convivem culturas de letramento associadas a diferentes atividades: sociais, científicas, religiosas, profissionais etc.

Para Rojo (2012, p. 13) a concepção de letramentos trata de um conjunto muito diversificado de práticas sociais situadas que envolvem sistemas de signos, como a escrita ou outras modalidades de linguagem para gerar sentidos, ou seja, aponta para a multiplicidade e variedade das práticas letradas.

Outros pesquisadores consideram que uma importante contribuição do estudo do letramento para a reflexão sobre o ensino da língua é a ampliação do universo textual. Por isso, é imprescindível a imersão do aluno em contextos específicos do uso da linguagem na sociedade contemporânea.

Logo, por meio do letramento escolar, o conteúdo aprendido pelo aluno, certamente, será aplicado em sua vida fora da escola.

Sabemos que o não acesso a graus elevados de letramento tem sido uma problemática enfrentada na Educação de Jovens e Adultos, impossibilitando dessa forma, uma conquista plena da cidadania. Por isso, é urgente fazer a reparação dessa realidade, buscando promover um ensino de qualidade e adequado à referida modalidade.

Considerando o público-alvo desta pesquisa - alunos da EJA – que já são alfabetizados, pois sabem ler e escrever, porém, precisam potencializar o uso dessas práticas sociais de forma que haja uma transformação desses indivíduos “a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros” (Soares, 2004, p. 38) e assim ser considerados letrados.

Portanto, trouxemos alguns pressupostos acerca do conceito de letramento para compreender como levar estudantes da EJA por caminhos que possam desenvolver outros letramentos, interessa-nos neste estudo, o letramento literário, enfocando uma atuação mais efetiva desses alunos no uso, principalmente, da leitura literária, nos mais variados contextos sociais como: escola, creches, abrigos, casa de recuperação, entre outros espaços, considerando os saberes adquiridos ao longo da vida. Vale enfatizar, que concebemos a literatura na escolarização da EJA desafiadora, logo, é uma área que há muito a ser estudada, pois entendemos que o aluno só vai gostar da literatura quando lhe for dada a oportunidade de vivenciar experiências estéticas, considerando também que o texto literário satisfaz necessidades básicas do ser humano e o permite uma percepção de mundo.

Estudiosos veem o letramento literário como a prática social da leitura e escrita com ênfase para sua particularidade voltada para o campo da literatura no cenário escolar com conteúdo a ser trabalhado a partir de suas especificidades artísticas, de fruição estética. Para tanto, a seguir faremos uma abordagem mais detalhada acerca do assunto.

2.2.2 Letramento Literário

Consideramos que o letramento literário é fundamental no processo educativo da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, porque permite além da simples leitura, a

vontade de experimentar, compreender e ter receptividade para aprofundar o pensamento e a inserção em um mundo literário. Assim, tomaremos como assertivas, as colocações dos teóricos citados neste estudo. Para Rangel (2019, p. 3), a noção de letramento literário permite descrever a materialidade histórica e cultural da leitura na sociedade.

De acordo com Souza e Cosson (2019), “o letramento literário faz parte da expansão do uso do termo letramento, isto é, integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita”. Logo, “o letramento literário é singular, tem uma relação diferenciada com a escrita”.

Como vimos no início desta seção, Soares (2004) define letramento como “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita e a leitura”. Nessa abordagem, o letramento literário poderia ser definido como estado ou condição de quem se aproxima do texto através de uma experiência estética (SILVA e SILVEIRA, 2013) e não apenas por ser capaz de ler textos em verso e prosa.

É importante ressaltar, que as abordagens sobre letramento literário nesse trabalho estão pautadas nos estudos do pesquisador Rildo Cosson. Para o estudioso (2018, p. 23), o processo de letramento literário deve envolver aspectos que conciliem os diversos textos literários circundantes nas esferas sociais, e ainda que: “[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola.” Para ele a linguagem literária compreende três tipos de aprendizagem:

A aprendizagem sobre a literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários (COSSON, 2018, p.47).

Estas são aprendizagens importantes na formação do leitor literário, porém, o que percebemos é que muitas vezes, não são ofertadas na escola com essas finalidades, logo, não geram saberes, tão pouco, o desenvolvimento do saber literário.

Como vimos acima, Cosson em sua obra *Letramento literário: teoria e prática* (2018), além de nos apresentar os tipos de aprendizagem relacionadas ao saber literário, enfatiza que o letramento literário precisa também acompanhar por outro lado, três etapas de compreensão da leitura nesse processo de formação: 1ª) “Antecipação” - etapa que se constitui nas várias operações que o leitor realiza antes de adentrar ao texto, bem como, o conhecimento acerca dos elementos que o materializam: capa, título, número de páginas, entre outros; 2ª) “Decifração” - etapa que acontece quando o leitor penetra no texto por meio das letras e das palavras, adquirindo familiaridade e o domínio das palavras, tornando-se maduro,

sendo capaz de decifrar o texto com maior fluidez; 3ª) “Interpretação” – etapa que o processamento do texto se efetiva por meio das inferências, possibilitando ao leitor entender as palavras com o conhecimento que tem do mundo. Dessa forma, a interpretação permite o diálogo que envolve autor, leitor e as convenções que regulam a leitura na sociedade.

O glossário CEALE⁷ também traz uma definição bem detalhada com base no próprio autor:

Letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para entendermos melhor essa definição sintética, é preciso que tenhamos bem claros os seus termos. Primeiro, o processo, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o letramento literário começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de apropriação, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes. Também nos apropriamos literariamente de um romance quando aprendemos com um personagem que há mais de um modo de percorrer os caminhos da vida. Por fim, é um processo de apropriação da literatura enquanto linguagem, ou da linguagem literária (COSSON, 2019).

Essa definição enfatiza que a partir do momento que nos envolvemos com a literatura, desde a mais tenra idade, quando apenas temos acesso ao texto por meio da escuta, até a fase adulta quando fazemos a escolha do que vamos ler, automaticamente, vivenciamos experiências significativas neste processo de letramento literário. Ainda sobre essa prática literária, Cosson reforça:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim se renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossas experiências e ainda assim, sermos nós mesmos (COSSON, 2018, p. 17).

Para o autor, o corpo linguagem encontra na literatura seu mais perfeito exercício, ela é plena de saberes sobre o homem e o mundo. Silva e Silveira (2013, p. 135) reforçam que o saber literário está relacionado à função humanizadora da literatura. E reconhecendo essa função que é fator indispensável de humanização, é oportuno citar as palavras de Antônio Candido:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a

⁷Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/>>. Acesso em 18 dez. 2018.

Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>>. Acesso em 18 dez. 2018.

capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CÂNDIDO, 1995, p. 180).

Nesse processo, a literatura permite um exercício reflexivo, proporcionando maturidade do leitor acerca da vida. Ela estimula o sujeito a conhecer-se melhor, percebendo a diferença entre o mundo ficcional e o mundo real, ter percepções que possibilitem a boa convivência com o próximo. Além do sujeito-leitor ser contemplado em sua dimensão individual, a literatura permite uma visão mais ampla, a dimensão social. Segundo as Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006, p.80), “o letramento literário permite compreender os significados da escrita e da leitura literária para aqueles que a utilizam e dela se apropriam nos contextos sociais, o que aponta para outro aspecto, o do espaço de leitura na escola”.

Logo, o ensino da leitura do texto literário deve ser realizado de forma sistemática, organizada, conforme os objetivos da formação do aluno-leitor, levando-o a compreender a função relevante da literatura. Na escola, a leitura literária, tem a função de ajudar o aluno a ler melhor, possibilita a criação do hábito de ler, fornece instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. E ainda de acordo com Kefalás (2014, p.115) “o texto literário pode dançar em nós, que a leitura pode ser performance, porque precisamos de espaço vazio, do não dito, para realizar o movimento imprevisível impulsionado pelo texto no ato da leitura”.

Todavia para que se alcance melhorias na proficiência em leitura por meio do letramento literário, Cosson (2018, p. 35) propõe que o professor na seleção dos textos faça a combinação de três critérios: 1) selecionar o cânone como herança cultural de sua comunidade; 2) selecionar obras atuais, contemporâneas ou não, mas que articule a pluralidade da língua e da cultura; e 3) utilizar o princípio da pluralidade e da diversidade de autores, obras e gêneros. Dessa forma, o autor conclui que é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.

Portanto, é necessário que o ensino da literatura articule um movimento contínuo de leitura entre a seleção das obras/textos e as práticas de sala de aula, pois além de ampliar o repertório cultural dos alunos, consolidará o letramento literário. Nessa perspectiva, Cosson (2018, p. 48) também sugere duas sequências exemplares que podem sistematizar as atividades de literatura: uma “básica” e outra “expandida”. Estas estratégias possibilitam a

organização e a abordagem do material literário durante as aulas, respaldadas em três perspectivas metodológicas: oficina, andaime e portfólio.

A “técnica oficina” tem como foco “o aprender a fazer fazendo”, constitui-se em levar o aluno a construir o conhecimento por meio da prática; já “andaime” é uma técnica em que professor divide com o aluno a edificação do conhecimento, isto é, o professor como andaime, sustenta as atividades desenvolvidas de forma autônoma pelo aluno como pesquisa e projetos – atividades de reconstrução do saber literário; e por fim, o “portfólio”, uma técnica que dar ao aluno e ao professor a possibilidade de registrar as diversas atividades realizadas, permitindo também a visualização dos avanços pela comparação dos resultados iniciais com os finais.

A partir da exposição dessas técnicas que consolidam as duas sequências do letramento literário, de forma sucinta, discorreremos sobre a particularidade de cada uma, conforme orientação de Cosson (2018, p. 54-69). A sequência básica é composta por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

O primeiro passo é a motivação que consiste em preparar o aluno para receber o texto, estabelecendo laços estreitos entre ambos. A construção de uma situação em que o aluno responda a uma questão ou posicione-se diante de um tema é um exemplo usual de motivação.

O segundo passo é a introdução, constitui-se na apresentação com informações básicas do autor e da obra. A leitura e análise da capa, da orelha, prefácios entre outros elementos paratextuais são também atividades que introduzem a obra. Logo, a função da introdução é apenas permitir que o aluno receba a obra de forma positiva.

A leitura é o terceiro passo, nele é proposto o acompanhamento da leitura, pois a mesma deve ter uma direção, objetivo a cumprir com a finalidade de auxiliar o aluno em suas dificuldades, principalmente, no ritmo da leitura. Nessa etapa, o professor, por meio de conversas, deve procurar saber o que o aluno está achando da obra, do texto lido. Considerando os resultados da leitura, esta ação é chamada de “intervalos”.

O último passo dessa sequência básica é a interpretação que parte das inferências para chegar à construção do sentido do texto por meio de um diálogo entre autor, leitor e comunidade. A interpretação foi pensada em dois momentos: um interior e outro exterior. O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página. É o encontro do leitor com a obra e tem um caráter individual, porque destaca o momento da experiência da leitura literária, porém por mais pessoal que aparente ser, continua sendo um ato social. O momento externo é a materialização da interpretação como

ato de construção de sentido em uma determinada comunidade, ou seja, quando o professor dar a oportunidade ao aluno de socializar a obra para outros com base na experiência vivida por meio de registros: diários, resenhas, relatos, dramatizações, declamação de poemas, entre outros. Essas possibilidades de registros, além de diversificadas, devem ser levadas também em consideração, as necessidades e características da turma, os textos selecionados e os objetivos do professor.

A partir dessa reflexão e para agregar as diferentes aprendizagens do letramento literário, surge a sequência expandida com foco em dar visibilidade também a “aprendizagem sobre a literatura” e a “aprendizagem através da literatura” de acordo com os passos já iniciados na sequência básica, nesse sentido, vale salientar que a sequência básica está naturalmente inserida na sequência expandida. A primeira interpretação da sequência expandida remete a compreensão global da obra, já a segunda aprofunda a leitura em um de seus elementos como tema, autor, contexto histórico, personagens, entre outros. Desse modo, Cosson (2018, p. 76) ainda ressalta que “a sequência expandida vem deixar mais evidentes as articulações entre a experiência, saber e educação literários inscritos no horizonte desse letramento na escola”.

A educação literária pode transformar o aluno em um leitor competente, que não apenas decodifica o texto, mas compreende suas várias funções, atribuindo-lhe sentido, relacionando-o com as experiências de leitura vividas e sendo capaz de compartilhar socialmente. É necessário que a escola, principalmente, o professor, reconheça o seu papel de mediador para que essa educação literária se concretize no cotidiano escolar. A Proposta Curricular da EJA também enfatiza:

Uma educação literária que tem por finalidade ampliar os modos de ler, orienta progressiva e gradualmente a passagem da leitura circunscrita à experiência do aluno, naquele momento, para a leitura mais histórica, com a incorporação de outros elementos que o aluno venha descobrir, ou perceber – com a mediação do professor ou de outro leitor; da leitura mais ingênua, que trata o texto como mera transposição do mundo natural, para uma leitura mais cultural e estética, que reconheça o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura (BRASIL, 2002, p.43).

Educação literária e letramento literário são considerados expressões de destaque nos estudos contemporâneos sobre as práticas leitoras. Ainda de acordo com Cosson:

É necessário que sejam sistematizados em um todo que permita ao professor e ao aluno fazer da leitura literária uma prática significativa para eles e para a comunidade em que estão inseridos, uma prática que tenha sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo a nós mesmos. Uma prática que tenha como princípio e fim o letramento literário (COSSON, 2018, p.46).

Assim sendo, acreditamos que letramento literário é um processo educativo que vai além da leitura prazerosa, ele fornece meios fundamentais para conhecer e articular com proficiência o mundo das linguagens. Possibilita também a apropriação do texto literário com vista à transformação. Permite a criança, jovem, adulto a compreender melhor as relações humanas e os contextos sociais nos quais se desenvolvem essas relações. Abre-se o caminho para a educação do indivíduo. Afinal, defendemos que letramento literário é uma aprendizagem que deve acompanhar o aluno por toda a vida, sendo aprofundada em cada etapa da escolaridade, renovada a cada leitura significativa, a cada experiência literária, potencializando o processo de formação do leitor.

3. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Nesta seção apresentada em três tópicos, faremos uma breve abordagem sobre as políticas públicas da EJA em relação à formação do leitor a partir do que expressam os documentos oficiais da educação e o livro didático.

No decurso dos anos, a história da Educação de Jovens e Adultos vem sendo construída e modificada por meio das políticas públicas e concepções pedagógicas. São muitas (in) definições, fragilidades, desafios e avanços durante sua trajetória com o objetivo de combater o analfabetismo e possibilitar o acesso à escolarização na perspectiva de uma formação integral. Configuramos aqui, a EJA “como campo de direitos e de responsabilidade pública” (ARROYO, 2011, p.19). Estados e Municípios têm a obrigação de ofertar à escolarização a essa modalidade de ensino para jovens e adultos que não conseguiram concluir a escolaridade no período regular.

Há que considerar um dado relevante, exposto pela UNESCO na 3ª edição⁸ de seu relatório global sobre aprendizagem, num cenário mundial, 758 milhões de pessoas não dominam a leitura e a escrita, destes 115 milhões são jovens e dois terços são mulheres. Em se tratando de Brasil, são 13 milhões de adultos que não sabem ler e escrever. No contexto educacional alagoano ainda apresenta um índice elevado de analfabetismo absoluto. Em pesquisas recentes, temos o pior índice de analfabetismo funcional, segundo o IBGE⁹. Há mais de 300 mil jovens fora da escola. Para reforçar essas informações, de acordo com os dados do Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF¹⁰ evidenciados no relatório de 2018, mostram que no país há uma média de 34% de analfabetos funcionais entre 15 a 64 anos só na etapa do ensino fundamental – anos finais.

Diante deste contexto, a EJA nem sempre esteve em destaque, embora seja garantia e direito, conforme legislação, pois é direito do aluno e dever do Estado investir na educação.

Logo, percebemos a relevância da efetivação das políticas públicas para fazer valer o que o Educador Paulo Freire (2011) afirmou “Educação é acima de tudo um ato político”. Sendo assim, se faz necessário, oferecer uma educação que corresponda à aprendizagem e qualificação permanentes que promovam a inclusão e a emancipação dos alunos que retornam

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kH9ocRcqsTc>>. Acesso em 03 nov. 2019.

⁹ Dados retirados do site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em:<<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 03 dez. 2019.

¹⁰ Disponível em: <<https://ipm.org.br/inaf>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

à escola. Embora, pesquisas revelam que, de forma geral, apenas 1% do orçamento é destinado para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Sabemos que a história da EJA é construída por conferências, agenda mundial em prol da erradicação do analfabetismo; planos, programas, movimentos e fóruns; são eventos realizados com o intuito de organizar e/ou fortalecer as políticas públicas desta modalidade.

Vale ressaltar que a participação dos movimentos sociais nas discussões sobre as políticas públicas foi fator fundamental para que as regulações acerca da Alfabetização de adultos fossem efetivadas a partir da Constituição brasileira em 1988. Em seu artigo 208 define que é de responsabilidade do estado “a educação básica obrigatória e gratuita, assegurando inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” e que o ensino tem como um dos princípios “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (artigo 206). Ainda garante que os conteúdos devem “assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” em seu Artigo 210 - pontos relevantes que serão detalhados, nesta pesquisa, em outros documentos oficiais que respaldam, na atualidade, a Educação de Jovens e Adultos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 de 1996, considerando as características do público ao processo pedagógico, amplia e define, de forma clara, a EJA como Modalidade da Educação Básica: “a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio, na idade própria”. No Artigo 4, coloca como dever do Estado garantir “o acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística”. Prescreve ainda em seu Art.35, inciso III que por meio do ensino haja o “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

Como modalidade de ensino com especificidades próprias, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos – documento elaborado em audiências traz as finalidades e funções que orientam as ações educativas - enfatiza que a escola deve assumir três funções fundamentais a serem desempenhadas para obter qualidade no ensino desta modalidade: reparadora, com foco na oportunidade e o direito à escolarização as pessoas que por algum motivo, deixaram a escola, embora o Parecer 11/2000¹¹ enfatiza que a EJA representa uma dívida social não reparada para aqueles que não tiveram acesso à leitura e à

¹¹ Disponível em: <<http://www.prograd.ufu.br/legislacoes/parecer-cneceb-no-112000-aprovado-em-10-de-maio-de-2000>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

escrita; a função equalizadora, possibilitando novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, na participação efetiva, na elevação dos níveis de letramento; e também a função qualificadora, preocupada com a formação humana, voltada para a solidariedade, a igualdade e diversidade.

O Parecer CEB nº 11/2000 (BRASIL, 2000) ainda destaca que os alunos da EJA são jovens e adultos, trabalhadores em sua maioria, que chegam à escola, após um período de afastamento, com valores, experiências e conhecimentos diversificados. Estes, “[...] devem ser considerados no processo educativo, articulados com os novos conhecimentos [...]” (BRASIL, 2007b, p.29).

O Plano Nacional de Educação (PNE 2014)¹² que determina as diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024, traz em sua meta 9 (nove) erradicar 50% o analfabetismo funcional, usando várias estratégias. Destacaremos a estratégia 9.9 que contempla a formação do aluno: “apoiar técnica e financeiramente projetos inovadores na educação de jovens e adultos que visem ao desenvolvimento de modelos adequados às necessidades específicas desses (as) alunos (as)”. É oportuno salientar que em consonância com este plano está o Plano Estadual de Educação (PEE – 2015-2025)¹³.

Apesar das estratégias apresentadas com foco em melhorias nos documentos oficiais aqui expostos e além dos investimentos e criação de programas que podem auxiliar o combate aos baixos índices de analfabetismo de jovens e adultos, percebemos a precarização das políticas públicas na efetivação de ações para esta modalidade.

Em um país onde a desigualdade social e o impedimento ao acesso à cultura letrada são tão evidentes, o compromisso com a formação de leitores é uma ação de intervenção política muito séria e necessária, logo, esses documentos legais precisam fazer valer a perspectiva de formação do estudante para este mundo contemporâneo.

E quando se trata da formação do leitor literário parece ser um desafio ainda maior para o professor que trabalha com o ensino de Língua portuguesa diante das inúmeras dificuldades que a escola pública ainda enfrenta, principalmente pela falta de um acervo literário adequado, atualizado e qualificado. Sendo assim, refletiremos no tópico seguinte o que propõem documentos oficiais orientadores a respeito da formação do leitor na educação básica e na modalidade da Educação de Jovens e adultos.

¹² Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>. Acesso em 18 dez. 2019.

¹³ Disponível em: <<http://www.educacao.al.gov.br/servidor/ppe>>. Acesso em: 18 dez.2019.

3.1 A formação do leitor literário na Base Nacional Comum Curricular, Proposta Curricular da EJA e outros documentos oficiais

Na educação básica, a escola é a agência de formação e como tal, é responsável pela formação do leitor, considerando cada etapa de ensino, como também, a especificidade de cada modalidade, buscando em documentos de referência nacional elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) material de apoio que possibilite à reflexão da prática docente para a aprendizagem do aluno.

Sabemos que é comum na história da EJA haver sempre uma secundarização em relação ao ensino regular, por isso, consideramos necessário que os documentos que tratam dessa modalidade estejam alinhados em torno das especificidades e demandas desse público, sendo importantes na organização das práticas pedagógicas.

Apesar da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) não ter um espaço dedicado à Educação de Jovens e Adultos, a mencionamos nesse trabalho por entender que as competências gerais e específicas do componente curricular de Língua Portuguesa e as respectivas habilidades descritas podem ser extensivas a esta modalidade. De forma geral, o documento trata:

[...] a Educação Básica brasileira deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global [...], assumir uma visão plural, singular e integral da crianças, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades (BRASIL, 2017, p.14).

É oportuno mencionar que esse documento prescritivo faz uma única menção direta à Educação de Jovens e Adultos, no entanto, destaca que “o conjunto de decisões que assegura as aprendizagens em cada etapa do ensino básico, deve ser, igualmente, considerado na organização de currículos e propostas adequados às diferentes modalidades de ensino” (BRASIL, 2017, p. 17), dentre elas, a EJA de acordo com as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais. Segundo a educadora Guiomar Namó de Mello¹⁴, uma das profissionais responsáveis pela elaboração da 3ª versão da BNCC, a EJA “está incluída na educação regular e, como tal, foi considerada no conjunto dos direitos de aprendizagem de todos”, já que, “a base não é currículo” e as especificidades de EJA devem ser discutidas

¹⁴Disponível em: <<https://www.plannetaeducacao.com.br/portal/jovens-e-adultos/a/160/diretrizes-curriculares-nacionais-para-eja-e-a-bncc>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

relativamente aos pormenores de currículo, cabendo a escola e o professor realizarem as devidas adequações.

Dessa forma, como a BNCC é um documento que norteará o currículo escolar brasileiro, consideramos para a modalidade da EJA, o que está proposto para o ensino da Língua portuguesa no Ensino Fundamental – Anos finais - no que diz respeito à formação do leitor.

Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (BRASIL, 2017, p.).

É importante enfatizar, que no envolvimento do aluno nas atividades de leitura, à medida que ele se apropria do texto, mais significativa será a experiência estética e, assim sendo, o leitor será mais autônomo, fluente e humanizado. Logo, a literatura não deve ser vista como dever ou obrigação escolar, mas como um direito de todos.

Kefalás (2012) em sua obra *Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário* aborda o movimento que o texto literário provoca no contato direto com o leitor quanto à leitura e literatura.

Quando um texto literário em algum momento estremece o leitor, acontece algo mais do que conhecer o que se leu. Ocorre aí uma convocação dos sentidos, um frêmito, uma relação da qual não se pode escapar ileso. Numa abordagem em que se ressalta o âmbito sensorial da palavra literária e do ato de ler, o estudo da literatura não fica restrito a categorização, padronizações, muitas vezes distanciadas, alheias à complexidade do texto e aos sentidos do leitor. Parte-se, então, para o desafio de enveredar pelos jogos do texto, pelas suas vias indiretas, pelo seu terreno instável (KEFALÁS, 2012, nota introdutória p. XXI).

A autora destaca que o uso inadequado do texto literário, visto apenas como forma de didatismo de conteúdos não permitirá que o aluno vivencie uma experiência literária, não havendo espaço para a descoberta, a polissemia do texto literário na recepção do leitor. Nesse sentido, Rangel (2005, p.149) complementa que se no ensino fundamental os textos oferecidos ao aluno forem de boa qualidade e se a leitura for significativa, mobilizando chaves interpretativas efetivamente literárias, destacando o fator estético, “é possível sair desse processo de escolarização com simpatia pela literatura”.

Outro documento oficial do MEC que contribui nas reflexões acerca da formação leitora são as Orientações Curriculares para o Ensino Médio - OCEM (2006) em seu capítulo 2 (dois) intitulado “Conhecimentos de Literatura” reforça a organização acerca do ensino da Literatura.

Configurada como bem simbólico de que se deve apropriar, a Literatura como conteúdo curricular ganha contornos distintos conforme o nível de escolaridade dos leitores em formação. As diferenças decorrem de vários fatores ligados não somente à produção literária e à circulação de livros que orientam os modos de apropriação dos leitores, mas também à identidade do segmento da escolaridade construída historicamente e seus objetivos de formação (BRASIL 2006, p.60).

De acordo com as OCEM é de suma importância no ensino da Literatura levar em consideração cada etapa escolar para que a formação se efetive de forma satisfatória, articulando e ampliando conhecimentos e competências. “Trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito” (BRASIL, 2006, p. 54).

Na atualidade, percebemos que a falta de um bom acervo de livros literários na biblioteca escolar, tem levado adolescentes, jovens e adultos ao não conhecimento dos cânones e de obras contemporâneas da literatura. Estudos mostram que esses estudantes no ensino fundamental, têm acesso e leem literatura quando lhes são oferecidas, ou quando utilizam o livro didático. “Por isso, faz-se necessário e urgente o letramento literário: empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência literária” (BRASIL, 2006, p.55).

É oportuno ressaltar, que embora as OCEMs (2006) estejam direcionadas para o Ensino Médio, especificamente, no capítulo mencionado anteriormente, trazem orientações que podem ser adequadas também à modalidade EJA, além de mostrar a trajetória pela qual, o aluno do ensino fundamental transita nas práticas escolares de leitura.

O ensino da Literatura no ensino fundamental, e aqui nos interessa de perto o segundo segmento dessa etapa da escolaridade, caracteriza-se por uma formação menos sistemática e mais aberta do ponto de vista das escolhas, na qual se misturam livros que indistintamente denominamos “literatura infanto-juvenil” a outros que fazem parte da literatura dita “canônica”, legitimada pela tradição escolar (BRASIL, 2006, p.61).

É interessante observar também, que quando se trata de formação, conhecer bem a especificidade de cada etapa de ensino é primordial, principalmente para um direcionamento mais eficaz nas práticas de leitura, apesar de na matriz curricular da modalidade EJA no ensino fundamental não ter o componente curricular de Literatura, como vimos, tal saber não pode ser negado a esses alunos nas aulas de Língua Portuguesa.

A Proposta Curricular da EJA (2002) - orientada pelas proposições da LDBEN nº 9.394/96 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, destinada, diretamente, para nortear o trabalho desenvolvido na modalidade EJA no primeiro e segundo segmentos do Ensino Fundamental, destaca que o ensino de Língua Portuguesa

deve privilegiar questões mais pertinentes da linguagem, pois são fundamentais para o bom desempenho do aluno, principalmente nas práticas de leitura e escrita.

Os cursos destinados à Educação de Jovens e Adultos devem oferecer a quem os procura tanto a possibilidade de desenvolver as competências necessárias para a aprendizagem dos conteúdos escolares, quanto a de aumentar sua consciência em relação ao estar no mundo, ampliando a capacidade de participação social no exercício da cidadania. [...] Assim, o ensino de Língua Portuguesa para os alunos da EJA deve, em primeiro lugar, servir para reduzir a distância entre estudante e palavra, [...] ajudá-los a incorporar uma visão diferente da palavra para continuarem motivados a compreender o discurso do outro, também para fortalecer a voz dos muitos jovens e adultos que retornam à escola para que possam romper os silenciamentos impostos pelos perversos processos de exclusão... (BRASIL, 2002, p. 11 e 12).

Nesta perspectiva, o ensino da EJA deve permitir ao aluno uma experiência ativa na formação leitora. “As experiências adquiridas pela escuta e leitura de textos são grandes fontes de energia a impulsionar novas descobertas e a elaboração e difusão do conhecimento” (BRASIL, 2002, p.12).

Ainda, segundo a Proposta Curricular (BRASIL, 2002) para formar leitores é preciso que o professor ofereça textos diversificados para que o aluno leia bastante, converse sempre sobre o que leu; leia outros textos que tratem do mesmo tema. Afirmamos que o professor deve ensinar ao aluno a apreciar poemas, contos, romances entre outros gêneros, lendo em voz alta para a turma. As escolas e bibliotecas precisam dispor de livros, revistas, jornais, caso não os tenham, é necessário fazer mobilização para a aquisição de livros e organização de murais com exposição de textos.

É importante ressaltar que se o aluno recebe um repertório textual significativo, conseqüentemente, ele terá prazer em ler. Essa fruição permitirá também uma leitura com fluidez, logo, será um leitor proficiente.

Assumir o objetivo de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de se organizar em torno de um projeto educativo comprometido com a tarefa de construir pontes entre textos de entretenimento e textos mais complexos, estabelecendo as conexões necessárias para lidar com outras formas culturais (BRASIL, 2002, p. 43).

Quando se fala em formação do leitor, é necessário que a escola trabalhe a leitura como uma atividade em que alunos e professores sejam ativos e colaborativos nesse processo.

Em consonância com a Proposta Curricular (BRASIL, 2002, p.43), ainda em se tratando de formação, “convém que o professor não seja o único a escolher os textos. Os leitores selecionam o que desejam ler. É preciso educar para a liberdade de escolher o que ler, porque se a leitura estiver sempre associada a compromissos escolares, assim que o aluno deixar a escola, não lerá mais”. Dentro desse contexto, Cosson (2018, p. 34) corrobora, “O

letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos”.

Soares enfatiza que a adequada escolarização da literatura é aquela que conduz à prática de leitura que ocorrem no contexto social, às atitudes e aos valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar.

3.2 O Livro Didático de Português e a prática da leitura do texto literário

No Ensino de Língua Portuguesa, o livro didático deve ser um instrumento que possibilite o letramento. Alguns pesquisadores o consideram objeto de maior circulação nas escolas brasileiras, responsável também pela formação leitora, por isso, tem sido alvo de análise e avaliação no processo de ensino da leitura.

A leitura numa abordagem de letramento envolve o comportamento dos sujeitos, a particularidade dos diversos contextos e a materialidade dos textos (RANGEL, 2019).

Sabemos que o Programa Nacional do livro Didático (PNLD) – política pública do Governo brasileiro desde 1995, por meio de critérios acadêmicos, avalia e seleciona os livros que são distribuídos nas escolas públicas de ensino fundamental (regular e na modalidade EJA) e no Ensino Médio. Segundo Paulino (2005, p.103), “o livro didático é sim uma realidade e antes de negá-la é preciso debruçar-se sobre essa para compreendê-la, criticá-la e apresentar alternativas, seja para seu aperfeiçoamento, seja para sua superação”.

Os textos que compõe o livro didático devem favorecer práticas reflexivas acerca da aprendizagem e da produção do conhecimento. É bem verdade, que o livro didático por si só, não forma leitores, mas a partir dele, as estratégias e os procedimentos de leitura utilizados pelo professor podem contribuir para a formação dos alunos-leitores, pois para muitos estudantes, este recurso tem sido o único meio de acesso ao mundo da escrita. Defendemos que por meio de atividades de estudo de texto bem planejadas, esses estudantes adquirem a aprendizagem da leitura, considerando as possíveis contribuições desse manual para o letramento literário.

Rangel (2019), integrante de um projeto de avaliação de materiais didáticos e pedagógicos do MEC, discute em seu artigo *Letramento literário e livro didático de Língua Portuguesa: “os amores difíceis”*, a relação entre a leitura, literatura e livro didático de Português na perspectiva de letramento, a partir do PNLD que aborda alguns problemas que

devem ser evitados e observados para que o Livro Didático de Português (doravante, LDP) desempenhe sua função (mediadora da literatura) com eficácia. Para o pesquisador:

Se pensarmos no ensino de Língua Portuguesa, sem dúvida um agente privilegiado de letramento, podemos dizer que, da cartilha aos usos docentes do LDP, passando pelas experiências de leitura proporcionadas ao aluno leitor, o LDP é parte indissociável de nossas concepções de leitura, literatura e, mais amplamente, de cultura letrada (RANGEL, 2019, p.4).

No entanto, nesse sentido, Rangel ainda afirma que o livro didático é alvo de discussão “das nossas políticas públicas para a educação em programas oficiais como o PNLD, e se destaca sempre quando se trata de letramento no Brasil.”, aponta ainda que a relação literatura e livro didático tem sido das mais difíceis no país, logo, ressalta que o livro didático pode ser considerado como parte das causas e efeitos dos padrões de letramento que definem a sociedade, embora o pesquisador reafirme que o uso do LDP possibilita o efetivo envolvimento do aluno com o universo da escrita.

Atualmente, observamos que o PNLD tem utilizado além do texto não-literário, o texto literário nos livros didáticos destinados à modalidade EJA. Contemplando textos literários diversificados e curtos para atender a especificidade dos jovens, adultos e idosos. Gêneros textuais como poema, conto, memória, crônica, trechos de romance, letra de canção são encontrados nos manuais do ensino fundamental. Embora, por vezes, aborda apenas a função instrumental, para ilustrar algum tópico, iniciar ou finalizar alguma discussão. Mas o professor pode realizar uma abordagem que evidencie toda a riqueza e a peculiaridade do texto literário, “ao mesmo tempo que informa, explica, convence, provoca o sentimento do belo. Fazer com que o aluno se familiarize com esse tipo de emoção é decisivo para que ele valorize e aprenda a amar o ato de ler.” (BRASIL, 2002, p. 15) ressalta o documento oficial e ainda complementa:

Daí a necessidade de estudar os múltiplos recursos de linguagem: o uso figurado das palavras; o ritmo e a sonoridade; as sequências por oposição ou simetria; repetições expressivas de palavras ou de sons. Esses recursos são importantes para conhecer a função estética da linguagem, em que é possível utilizar, por exemplo, o significante das palavras para manifestar significados mais profundos do texto, para explorar novos sentidos, revelando assim novas maneiras de ver o mundo. É possível ocupar-se do maravilhoso, pois as incessantes descobertas de sentido geram o espanto necessário para penetrar o mundo indizível. O impacto profundo causado por uma produção literária, oral ou escrita, acontece em função da fusão perfeita entre a mensagem e sua organização (BRASIL, 2002, p.15-16).

No texto literário há espaço para apreciação e o estranhamento, há ainda espaço para a emoção, sensações e também para a razão. O livro didático é, às vezes, o único acesso que o aluno da escola pública tem ao texto literário como garantia do letramento literário.

Segundo estudiosos, os textos de caráter literário permitem uma prática de leitura enriquecedora, pois predispõe o aluno para a apropriação do conhecimento, torna o estudo mais significativo e contribui para o desenvolvimento do senso estético.

Nesse viés, concordamos com Rangel (2019, p.8-9) que considera o texto literário indispensável para o ensino/aprendizagem da leitura, como também, para a formação do leitor literário que visa “formar um leitor para quem o texto é o objeto de intenso desejo, para quem a leitura é parte indissociável do jeito de ser e de viver”. Embora, o pesquisador considera que o ensino de literatura é quase esquecido no ensino fundamental – anos finais, “a literatura é uma referência remota, presente apenas na cena didática” destaca ainda, que “é possível fazer todo o ensino fundamental sem saber da missa literária a metade” (RANGEL, 2005, p.149), isso levando em consideração o ensino regular, porque na modalidade EJA, percebemos o quanto esse tipo de conhecimento específico fica aquém do desejado para esses alunos que, por vezes, o contato com a literatura foi apenas na infância.

Logo, reconhecemos que no ensino para jovens e adultos, a leitura literária deve ser prioridade, sendo trabalhada de forma diferenciada, pois além de “colocar o leitor em contato com as formas de organização interna próprias ao gênero discursivo” (BRASIL, 2002, p.15) oferece a matéria-prima - o texto com toda a sua polissemia, para que possa compreender e usufruir das inúmeras possibilidades que o texto oferece. Nesse sentido, Nogueira corrobora:

Importa perceber que a aproximação com os novos sentidos propostos pelo texto literário pode dar outro estatuto ao aluno como leitor. Mais do que as necessárias habilidades e competências para viver num mundo letrado, mais do que simplesmente dominar gêneros textuais que o façam como cidadão, “funcionar” bem, esse aluno aprende com a literatura a ter a maior abertura para estranhar e reinventar esse mundo (NOGUEIRA, 2014, p.57).

Percebemos que para a modalidade EJA ainda há pouco incentivo para a formação do leitor em se tratando das políticas públicas. Limita-se apenas ao uso do livro didático. O material de leitura literária ainda é escasso para o público dessa modalidade. As bibliotecas escolares, local de mediação e incentivo à leitura, por vezes, não funcionam adequadamente, compostas de um acervo precário, desatualizado, em que não há diversidade de obras literárias. Desta feita, evidencia uma situação que em nada desperta o interesse dos jovens e adultos, tão pouco, contribui para a formação do leitor. Vale enfatizar que para muitos alunos dessa modalidade de ensino, a única oportunidade de contato sistemático com o universo dos textos literários acontece na escola.

Rangel (2019), com domínio no assunto auxilia professores na escolha qualificada do livro didático. O autor destaca que a seleção adequada do livro é um trabalho primordial, bem como, a efetivação do planejamento para uma melhor utilização do mesmo.

Nesse sentido, concebemos que é importante também o professor observar se o livro didático de Língua Portuguesa está alinhado às práticas de letramento, com o uso de textos da esfera literária, como também de diferentes gêneros do discurso com temas relacionados às práticas sociais dos jovens e adultos que frequentam as salas de aula da EJA. De forma, que apresente uma proposta que contribua para a formação desses alunos e os incentive ao protagonismo social, porque dominar o discurso literário para aqueles que não frequentaram com regularidade a escola, é um processo nada fácil.

Na escola onde a referida pesquisa foi realizada, o livro didático utilizado pelos alunos da EJA – coleção EJA Moderna: Educação de Jovens e adultos: anos finais do ensino fundamental (2013). Verificamos que a estrutura teórico-metodológica desse recurso é pautada nos documentos oficiais que orientam a prática docente. Nele há um plano favorável a atender à especificidade desta modalidade, pois, a proposta de atividades de leitura, parte do princípio de que o sentido dos textos é construído na interação que o leitor estabelece com esses textos e com outros leitores com quem dialoga, mediado, inicialmente, pelo professor, responsável pela formação leitora do aluno, de modo, que se abrem novos horizontes em sua leitura de mundo.

Constatamos ainda que a obra é organizada por textos que contemplam a diversidade de gêneros em práticos, científicos e literários, todos abordados a partir dos propósitos de leitura segundo as estratégias apresentadas por Isabel Solé (1998). A coleção propõe ainda situações relevantes de uso da linguagem oral, pois partem das discussões dos temas apresentados em cada unidade para “desenvolver capacidades de expressão, desde a controlar a timidez ao falar em público até o aprendizado formal de gêneros orais”.

É oportuno frisar que o livro traz em suas “Orientações gerais do componente curricular” algumas propostas de atividades específicas para a prática de leitura, são elas:

Leitura em voz alta: essa atividade deve ser realizada diariamente pelo professor com diferentes textos, e sua finalidade é principalmente colocar o aluno com um modelo de leitor.

Leitura compartilhada ou colaborativa: essa atividade consiste em ler um livro, em capítulos, com a finalidade de ampliar o conhecimento literário.

Leitura de escolha pessoal: nessa atividade, os alunos devem ser estimulados a ler por conta própria, por exemplo, retirando livros disponíveis na biblioteca da escola; é possível também promover troca de livros entre os colegas.

Roda de leitores: atividade em que os alunos compartilham com os colegas os livros lidos (EJA Moderna, 2013, p.309).

Vale destacar que há ainda uma seção intitulada “Texto complementar” que possibilita a familiaridade com os textos literários com as seguintes sugestões: leitura coletiva de poemas, leitura compartilhada de contos, audição e leitura de letra de canção, leitura

dramatizada de crônica para o professor promover momentos de leitura em voz alta, de apreciações, expressão de sentimentos que os respectivos textos provocam no aluno. Conforme a Proposta Curricular da EJA, “a escola é o lugar privilegiado onde o aluno exercita os modos de abordar os textos e aprende a dialogar com o que está escrito” (BRASIL, 2002).

Destacamos que embora o livro didático supracitado tenha qualidade pedagógica, atendendo ao público-alvo, a última distribuição foi realizada em 2016, tornando-se difícil nos anos letivos seguintes, o direito de cada aluno receber seu exemplar. No entanto, os alunos tinham acesso ao livro durante a aula de leitura, geralmente, um exemplar era usado por dois alunos.

Nesse intento, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) endossam “Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura.” Vale ressaltar que no documento estão descritas algumas dessas condições favoráveis: biblioteca com textos de gêneros variados; salas de aula com um acervo de livros e materiais de leitura; organização de momento de leitura pelo professor; mobilização da escola em prol de uma política leitora.

Para referenciar, a Proposta Curricular da EJA prioriza, dentre outros, o gênero literário, cujo domínio é essencial à efetiva participação social, considerando sua presença significativa no contexto escolar.

Portanto, ressaltamos a importância do professor refletir sobre as exigências dos documentos oficiais e nas propostas do livro didático utilizado, pois acreditamos que promover atividades de leitura tendo em vista a formação do leitor por meio da apropriação do texto literário pelo aluno, deverá estar presente não só nos livros didáticos, mas no planejamento e no desenvolvimento das aulas, de modo que esses procedimentos permitam ao aluno ler e ter uma experiência ativa, ampliando sua autonomia e o estimulando ao prazer da leitura.

4. A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

Nesta seção trataremos dos motivos pelos quais decidimos pesquisar sobre a prática da leitura em voz alta com foco na formação leitora dos alunos da EJA, bem como, na inserção do letramento literário, para tanto, serão apresentados os aspectos metodológicos, o contexto da pesquisa, o perfil dos alunos colaboradores, os instrumentos e os procedimentos utilizados.

A metodologia adotada neste trabalho caracteriza-se como pesquisa-ação de abordagem qualitativa, conforme Thiollent (1986, p. 14), é uma investigação social com base empírica, pois além de compreender o problema detectado coletivamente, visa intervir na situação com o propósito de modificá-la a partir de um plano de ação. Ghedin e Franco (2011) reforçam algumas ações a esse tipo de pesquisa que são:

- Devem estar vinculadas a procedimentos decorrentes de um agir comunicativo;
- Devem emergir do coletivo e caminhar para ele;
- Devem integrar processos de reflexão/pesquisa e formação;
- Metodologicamente deve ter procedimentos flexíveis, ajustar-se progressivamente aos acontecimentos, estabelecer uma comunicação sistemática entre seus participantes, em todas suas etapas.

Esse método escolhido reúne coleta e interpretação dos dados, de intervenção na solução de problemas e organização de ações. Acreditamos que é necessário à área educacional, pois é um processo contínuo de análise, ações e nova análise para possíveis direcionamentos de ações eficazes embasadas em teorias para o alcance dos objetivos.

Esse tipo de pesquisa é bastante pertinente, pois possibilita ao pesquisador e participantes investigarem a própria prática de forma cooperativa e reflexiva, sendo possível, conforme estudiosos, modificar positivamente o sujeito e a realidade e promover a produção do conhecimento a partir de uma linguagem dialógica.

Na perspectiva da pesquisa-ação, o professor como pesquisador tem a possibilidade de ressignificar sua prática em sala de aula, aprimorando seu ensino, estabelecendo intervenções no seu próprio trabalho e nas atividades do aluno para garantir o aprendizado.

Nessa abordagem, inicialmente, aparece a fase exploratória. Esta consiste em “descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e esclarecer um primeiro levantamento (ou “diagnóstico”) da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações” (THIOLLENT, 1986, p. 48).

Ainda de acordo com Thiollent (1986), várias estratégias e procedimentos foram agregados à pesquisa para consolidar o estudo, dessa forma, “pretende-se ampliar o

conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o ‘nível de consciência’ das pessoas e grupos considerados”.

Portanto, a escolha desta metodologia pretendeu a conscientização do grupo para uma ação participativa em busca da apropriação da aprendizagem e emancipação social (ANDRÉ, 2014.p.32). É oportuno ressaltar, que o estudo em questão concentra-se na área de Linguagens e Letramentos.

Logo, este trabalho objetiva refletir sobre a promoção de atividades de leitura em voz alta por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública municipal de São Miguel dos Campos-AL, promovendo o letramento literário possibilitado pelo ambiente escolar através de experiências com o texto. Assim, temos como propósito investigar a relação desses alunos com a leitura, buscando compreender o distanciamento deles com esta prática; para (re) aproximá-los, promover na escola e fora dela, atividades de leitura diversificada, pautadas na interação social, por meio da leitura em voz alta para o outro; analisar a prática da leitura em voz alta pelos alunos durante as atividades de leitura expressiva de poemas, histórias infantis e mensagens reflexivas com foco na recepção pela fruição, como também pela fluência. Acreditamos que o método da pesquisa-ação de abordagem qualitativa é adequado para atender esses objetivos, melhorando a realidade da sala de aula.

Nossa proposta pedagógica de intervenção aplicada no contexto da sala de aula de duas turmas do segundo segmento da EJA de uma escola da rede pública de ensino terão seus resultados analisados com a finalidade de verificar se os objetivos foram alcançados. Ressaltamos que não foi fácil essa elaboração, visto que a mesma deveria atender às necessidades e especificidades desses alunos com a faixa etária entre 15 a 58 anos, de forma clara e motivadora.

Diante disso, a partir da observação direta e participação efetiva da professora/pesquisadora nos espaços de investigação (ambiente escolar e instituições sociais) que aconteceu de forma dialógica, durante as aulas de Língua Portuguesa e atividades extraclases realizadas no segundo semestre de 2018 com retomada e conclusão em 2019¹⁵, buscamos um modelo pedagógico que pudesse contribuir para desenvolver as atividades propostas.

Dessa forma, as intervenções ocorreram mediante a aplicação de sequência didática acreditando que esse procedimento numa perspectiva interacionista e social possibilita atividades intencionais estruturadas e intensivas (SCHNEUWLY E DOLZ, 2004), dividida em dois

¹⁵ A proposta de intervenção foi realizada com duas turmas da EJA (IV e V fases do 2º segmento). Aplicada no segundo semestre de 2018 e com continuidade e conclusão no segundo semestre de 2019.

momentos: o primeiro, fazendo uma adaptação à sequência básica do letramento literário conforme Cosson (2018) sendo sistematizada por meio de oficinas em sala de aula. No segundo momento, a efetivação de sessões de mediação de leitura (adaptação do dispositivo pedagógico apresentado por Bajard (2014)) nos espaços sociais como creche, abrigo, hospital e casa de restituição. O intuito dessa sequência era oportunizar o encontro de interação do aluno/leitor com o texto literário e o público específico/ouvinte (criança, jovem, adulto e idoso).

Portanto, no âmbito literário, com foco na leitura em voz alta do texto escrito (inicialmente, poema, conto, no decorrer do percurso, mensagens reflexivas), buscamos desenvolver atividades para promover mudanças na atitude leitora dos participantes, tornando assim, a aprendizagem prazerosa e significativa nas diversas situações de comunicação, bem como, possibilitar a inserção do letramento literário.

4.1 O contexto do campo de pesquisa: a rede municipal e a escola

Neste tópico, discorreremos, inicialmente, sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) na rede municipal e na escola a partir de uma contextualização geográfica, histórica, social e pedagógica.

São Miguel dos Campos, cidade do interior de Alagoas, situada ao leste do Estado, localiza-se às margens do Rio São Miguel, cujo nome é dado ao município e sua fundação está historicamente vinculada à descoberta desse rio em 29 de setembro de 1501, dia consagrado pela Igreja Católica ao Arcanjo São Miguel. A expressão “dos Campos” foi acrescentada devido aos campos de arrozais nas terras de Anadia.

A cidade possui uma área de 360,882 km², limita-se com os municípios de Boca da Mata, Anadia, Campo Alegre, Teotônio Vilela, Coruripe, Roteiro, Barra de São Miguel e Jequiá da Praia. Está ligada à capital pelas rodovias BR-101 e AL-101 Sul.

Atualmente, o município tem aproximadamente 61 mil habitantes, distribuídos em áreas urbanas e rurais (fazendas, povoados). A população vive, principalmente, do setor da agroindústria que gera a economia da cidade com seus principais produtos: cana-de-açúcar, álcool, gás natural, petróleo e calcário, além do serviço público e do comércio que é considerado um polo regional com empresas de grandes redes de varejo, lojas, farmácias, supermercados, mercado público e feira livre. Conta também com agências bancárias: Banco do Brasil, Caixa Econômica, Bradesco e de uma Agência dos Correios.

Historicamente, São Miguel dos Campos é conhecida como a “Cidade heráldica de Alagoas” por apresentar um número significativo de famílias portadoras de títulos

nobiliárquicos aqui nascidos, entre as personalidades ilustres, está a heroína de ideal libertário, Ana Lins e seu filho Visconde de Sinimbu, alagoano que foi o primeiro-ministro e governador de quatro diferentes estados do Brasil.

Além da história marcante, das riquezas naturais e de uma boa infraestrutura urbana, a cidade se destaca também na cultura com as manifestações artísticas e tradições folclóricas. Folguedos como Taira e Baiana são preservados e cultivados por intermédio da Casa de Cultura e Secretaria de Cultura Municipal, prestigiados em eventos que fazem parte do calendário cultural da cidade. A cultura é disseminada também pela AMILA¹⁶, constituída por artistas miguelenses (agentes/promotores culturais, incentivadores da leitura, poetas, escritores, músicos, artistas plásticos). A comunidade miguelense também desfruta de atividades de esporte e lazer. Há um ginásio de esportes, quatro quadras poliesportivas e um estádio de futebol na parte alta da cidade. A população conta ainda com um praça de multieventos, local onde acontece shows e eventos de grande porte.

No âmbito educacional, o município conta com um campus da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) - Campus IV - (localizado na parte alta), oferece os cursos de Letras e Ciências Contábeis; há também diversas instituições particulares de ensino superior que oferecem graduação à distância; o Instituto Federal de Alagoas – IFAL (Campus São Miguel) oferece o curso subsequente tecnológico em Segurança do Trabalho com sede temporária no anexo da escola municipal Mário Soares Palmeira; há ainda duas turmas do Curso técnico de enfermagem ofertado pelo Centro de Ensino profissionalizante Santa Juliana e vários cursos ofertados pelo SENAI, além das três escolas da Rede Estadual, que ofertam o Ensino Médio regular, integral e EJA; há 19 escolas municipais que ofertam educação infantil, ensino fundamental (Anos iniciais e finais) e a modalidade EJA (1º e 2º segmentos) e sete escolas da rede privada que ofertam desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Conta ainda com o ensino Supletivo do Ensino Fundamental sob a responsabilidade da Secretaria Estadual de Educação e o Supletivo Ensino Médio sob a responsabilidade de instituição particular. O município conta ainda com uma Biblioteca Pública Municipal. É importante informar que a sede da 2ª Gerência Regional de Educação (GERE), responsável pelo

¹⁶ Academia Miguelense de Letras e Artes é uma instituição cultural, idealizada em fevereiro de 2010 por iniciativa de um grupo de escritores, artistas e produtores culturais do município de São Miguel dos Campos. Fundada em 23 de setembro de 2010 com sede provisória na Casa de Cultura no centro da cidade. É composta por 27 membros efetivos, 4 sócios beneméritos, e 4 sócios honorários. Trabalha pelo desenvolvimento da comunidade miguelense com foco na construção da cidadania dentro do cenário artístico alagoano, por meio do cooperativismo entre os acadêmicos. Atualmente é presidida pelo poeta e escritor Ernande Bezerra de Moura.

funcionamento das escolas estaduais e a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), órgão responsável pelas escolas municipais, também estão localizadas na cidade.

Quanto aos indicadores educacionais, de acordo com o IBGE, o IDEB¹⁷ do município em 2017 nos anos iniciais foi de 5,3 e os finais foi de 4,2. Notamos uma preocupação dos gestores na busca de investimentos para melhorar a educação local.

Para fins desta pesquisa, faremos um recorte apenas da modalidade EJA do Ensino Fundamental para compreendermos o problema e as estratégias de intervenção. Segundo informações da Secretaria Municipal de Educação, esta modalidade foi implantada em 1998 apenas com a oferta do 1º segmento. Com o objetivo de ampliar o acesso, em 2005 e 2011 aderiu-se a novos programas como SABER, MOVA, Brasil alfabetizado, entre outros. No ano de 2012 em parceria com outras instituições, foram ofertados cursos profissionalizantes, considerando as necessidades desses estudantes e o foco para o mercado do trabalho. É importante ressaltar que só no ano de 2008 é que o 2º segmento foi implantado nas escolas municipais, ampliando assim, o número de jovens e adultos matriculados.

Registramos que em 2019 havia 1.108 alunos matriculados no município, distribuídos, respectivamente em seis unidades de ensino com oferta no diurno e noturno. Ressaltamos que o município está fazendo, estudo e audiências para organização do ensino desta modalidade com foco em minimizar a evasão escolar e combater o analfabetismo, tomando como base as estratégias do Plano Municipal de Educação.

Dentro de um contexto estadual de baixos índices de leitura e escrita, observamos que o município tem buscado desenvolver projeto institucional de leitura que melhorem esses indicadores educacionais. Atualmente, contemplando também a modalidade EJA nesta ação de fomento à política leitora. Contudo, percebemos a necessidade de expansão e investimentos no acervo da biblioteca pública do município, bem como, ações que dinamizem e façam valer a função mediadora/formadora desse espaço para o aluno-leitor. Além de estabelecer prioridades para melhorias nas salas de leitura das escolas, principalmente na aquisição de obras literárias que atendam ao público jovem e adulto, promovendo a imersão no universo textual literário. Vale ressaltar também, a importância de investir na formação contínua dos professores que atuam com este público, de forma que ressignificando a prática docente, possam fazer intervenções significativas que contribuam na formação humana desses sujeitos (ARROYO, 2011).

¹⁷ Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/ideb>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Mário Soares Palmeira, localizada na área urbana, situada à rua Visconde de Sinimbu, Nº 32, no centro de São Miguel dos Campos. A instituição pertence à rede municipal de ensino, funciona nos três turnos com a oferta do Ensino Fundamental - Anos finais no diurno, e modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) – I a V Fase, correspondente ao 1º e 2º segmentos – no noturno. Atende também a alunos com necessidades especiais nos três turnos, sempre acompanhados por um profissional de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e ainda 23 estudantes que são atendidos diretamente no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). A instituição também foi contemplada em 2018 com o Programa Novo Mais educação, atendendo duas turmas no turno vespertino do ensino regular.

A unidade de ensino atendeu em 2019 cerca de 891 alunos, distribuídos em 27 turmas. Sendo 598 alunos do Ensino fundamental – anos finais - regular e 293 alunos da EJA. Estes considerados uma clientela de classe baixa, a grande maioria dos alunos oriunda de famílias iletradas que mora em fazendas/povoados e em um bairro populoso na parte alta da cidade. Os discentes chegam à escola utilizando-se do transporte escolar. É oportuno destacar, que o público da EJA é 70% de jovens.

Figura 1 - Fachada da escola



Fonte: autora, 2018

Figura 2 - Alunos na sala de leitura da escola



Fonte: autora, 2019

No tocante ao prédio educacional, vale destacar, que foi reformado em 2018. Possui uma boa estrutura física com condições de acessibilidade para os alunos com necessidades especiais. Dispõe de 10 salas de aula climatizadas para conforto dos alunos e professores. Além dos espaços que são necessários em uma instituição de ensino (sala de direção, secretaria, sala de coordenação, sala dos professores, almoxarifado); há também uma sala de leitura pequena composta ainda com um acervo remanejado de outra escola, é considerado precário e desatualizado; laboratório de informática funcionando com internet,

esporadicamente; sala multimídia, entre outros espaços que são importantes para o desenvolvimento de atividades esportivas e projetos didáticos interdisciplinares. Como mencionado anteriormente, nesse mesmo prédio funcionam turmas do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) - Campus São Miguel com a oferta do curso Tecnológico Segurança do trabalho.

No contexto pedagógico, percebemos que a escola tem apresentado avanço educacional quanto ao desempenho na aprendizagem dos alunos nas avaliações externas Prova Brasil/SAEB. É interessante destacar, que em 2015 a escola teve o pior IDEB do município – 2,6 – revertendo esse resultado em 2017 para 4,7. Para continuar avançando, a unidade de ensino tem buscado investir em ações de intervenção pedagógica que possibilitem melhores resultados da aprendizagem dos alunos, mobilizando e incentivando-os à participação efetiva para desenvolver toda capacidade cognitiva. Realiza também projetos pedagógicos que são direcionados pela Secretaria Municipal de Educação (Semed), um deles é o projeto institucional de fomento à leitura com atividades de leitura diversificada que devem ser desenvolvidas ao longo do ano letivo por professores (as) de Língua Portuguesa.

Um outro dado relevante é que em 2018, a escola foi contemplada com o Programa Residência Pedagógica do governo Federal, coordenado pelo campus IV da Universidade Estadual de Alagoas. Para efetivação do programa na escola, foram selecionados uma professora/preceptora e quatro graduandos/residentes que atuaram em turmas do regular do Ensino fundamental no turno vespertino. Percebe-se que o programa gerou impactos positivos nas habilidades de leitura e escrita dos discentes.

Além das ações interventivas para melhorar a leitura e a escrita, constata-se melhorias nas seguintes áreas de conhecimento Matemática e Ciências da natureza no ensino regular.

Todavia, é oportuno frisar que a modalidade EJA precisa ser contemplada com essas ações não apenas de forma pontual, pois é necessário um olhar diferenciado para esses alunos que trazem consigo saberes, conhecimentos que devem ser reconhecidos e potencializados ao longo do processo ensino-aprendizagem. De acordo com esse pressuposto, Arroyo ressalta:

Reconhecê-los sujeitos de conhecimento, de leituras de si e do mundo, e colocá-los em diálogo com os conhecimentos de mundo, com as leituras de mundo e de sociedade, de si mesmos a que têm direito. Reconhecer os educandos sujeitos de conhecimento é pré-condição para garantir seu direito ao conhecimento (ARROYO, 2017, p. 131).

É preciso criar ações contínuas para garantir a permanência e a conclusão dos estudos desse público, que dentro de um contexto nacional, é sempre tratado em segundo

plano. Diagnósticos da escola, descritos no Projeto Político Pedagógico, comprovam que a evasão escolar é um fator preocupante nessa modalidade nos últimos anos. São vários os motivos que geram essa evasão, mas o cansaço após um longo dia de trabalho tem sido a principal desmotivação. Nesse sentido, Arroyo (2017, p.63) afirma que as altas evasões e desistências na EJA revelam não tanto o abandono e o desinteresse por retornar seu direito à educação, mas a inviabilidade de articular tempos de estudos e tempos para trabalhar.

4.2 Os alunos colaboradores da pesquisa

Figura 3 - Turma colaboradora em sala de aula **Figura 4 - Turma colaboradora em sala de aula**



Fonte: autora, 2018



Fonte: autora, 2019

Os alunos participantes desta pesquisa são do segundo segmento da modalidade da Educação de Jovens e Adultos – EJA, respectivamente das IV e V Fases do Ensino Fundamental Anos finais, um total de 52 estudantes na faixa etária de 15 a 58 anos. São homens, mulheres, filhos(as), pais, mães (algumas “solteiras”); alguns trabalhadores(as), muitos desempregados (as). Turmas mistas (literalmente, há o jovem (70%) e o adulto (30%), um desencontro que se encontra). Do ponto de vista social, um grupo relativamente homogêneo; em termo cultural, um grupo amplamente diversificado.

Turmas que reúnem alunos que diferem entre si, além da faixa etária, o lugar de origem, a experiência escolar, os saberes, as concepções de mundo, os interesses, a trajetória de vida e expectativas em relação à escola, aos estudos, às leituras.

Os mais jovens já inseridos no mundo da tecnologia digital, possuem conhecimentos adquiridos nos mais diversos espaços e mostram habilidades nas diversas formas de expressão cultural (música, teatro, canto), estudos da juventude dão destaque as culturas juvenis (DAYRELL, 2011, p. 55). Nesse sentido, em consonância com o autor, as experiências escolares desses jovens são diferenciadas. Alguns deles foram excluídos da escola em

variados estágios. Vivem uma luta constante para concluir o Ensino Fundamental. Uma trajetória marcada por repetências, evasão esporádicas e retornos. Muitos até gostariam de dedicar-se integralmente as atividades estudantis e culturais, mas o mundo do trabalho é visto como garantia à sua sobrevivência.

Percebemos ainda que muitos desses jovens recebem influências negativas fora da escola, muitas vezes, pela falta de assistência da família e de um olhar mais atento dos governantes na efetivação de políticas públicas mais pontuais. Consideramos um descaso que os possibilita ao acesso em adquirir a droga ilícita e até usá-la no próprio espaço escolar, às vezes, tornando-se sujeitos agressivos ou apáticos durante a aula e sem nenhum desejo de estudar, desta feita, indo à escola apenas para alimentar-se da merenda, ou até mesmo, com o pretexto de sair de casa, vislumbrando uma maior liberdade para realizar “suas vontades”.

Já os adultos são limitados quanto ao uso dos recursos tecnológicos, porém possuem vasta experiência de vida. Mostram maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento. Interagem bastante durante a aula, são mais solícitos e abertos à aprendizagem. Apesar de apresentarem dificuldades no rendimento, expressam o desejo de ampliar suas possibilidades de ascensão social através do saber adquirido na escola.

Vale ressaltar, que no início do ano, para conhecer melhor as duas turmas, aplicamos uma atividade - intitulada Perfil (apêndice A). Os alunos, além de registrarem informações pessoais (nome completo, idade, estado civil, religião, trabalho), tiveram oportunidade também de registrar suas expectativas quanto à escola, estudos e futuro profissional, experiências significativas (familiar e cultural) vivenciadas até o momento. A maioria escreveu que via nos estudos a possibilidade de formação necessária para alcançar as metas, a realização de sonhos, a conquista de um trabalho digno para viver bem em família na sociedade. Embora reconhecessem a importância dos estudos, poucos pensavam em cursar o ensino superior.

Portanto, atividades desse tipo e conversas informais durante as aulas permitiram-nos um conhecimento minucioso sobre cada aluno participante.

Consideramos que trabalhar com essas turmas da EJA é um desafio diário, pois são compostas de sujeitos que vivem em diversas situações de vulnerabilidade social, considerados marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, alguns sem acesso aos bens culturais que é direito do ser humano, assim como a literatura – fator indispensável de humanização (CÂNDIDO, 2004). Contudo, essa relevante experiência tem nos permitido refletir e fazer diversas leituras da realidade desta modalidade de ensino, como também reconhecer as potencialidades desses jovens e adultos.

Nos primeiros dias de aulas, constatamos que eram alunos carentes de tudo. A maioria oriunda de família iletrada, analfabeta. Alguns apresentando dificuldades em decifrar o código, outros até liam, mas não compreendiam o sentido do texto, estes são considerados analfabetos funcionais. Contudo, fez-se necessário depois de conhecer esse contexto, realizar intervenção pedagógica para contribuir na mudança dessa realidade. Logo, pensamos na promoção de atividades de leitura em que possibilitasse ressignificar o letramento e ampliar o universo da leitura dos alunos, de modo a incentivar o protagonismo social através da formação leitora e buscamos aproveitar as aulas de Língua Portuguesa um espaço para a formação do gosto literário.

Com a finalidade de coletar dados para o aprofundamento da análise, utilizamos para essa pesquisa os seguintes procedimentos e instrumentos: atividade de sondagem, sequências didáticas, diário de campo, gravação em vídeos, áudios, fotos e relatos escritos e orais.

4.3 A observação participante: atividade de sondagem, as sequências didáticas, o diário de campo, as gravações em vídeos, áudios e relatos

Como professoras pesquisadoras, envolvidas nas atividades de aproximação de jovens e adultos com o universo da leitura, especificamente, com o texto literário, a partir do conhecimento da turma, analisando o perfil de cada aluno por meio de aulas dialogadas acerca do tema leitura e na aplicação de um questionário inicial (apêndice B), percebemos que os estudantes não valorizavam a leitura literária pela falta de contato com o texto literário, quer pelo tempo que estavam afastados da escola, muitas vezes, tão envolvidos com as atividades do dia a dia, pois para muitos alunos adultos, o contato inicial com esse tipo de texto foi apenas no ambiente escolar; quer pelo não reconhecimento do valor que há no texto literário, é o caso dos alunos mais jovens, que tão envolvidos com as redes sociais, responderam que liam de vez em quando esse tipo de texto.

Logo, verificamos que de forma geral, esses alunos não tiveram experiências literárias marcantes ao longo da trajetória estudantil, que despertassem na atualidade, o prazer de vivenciar o jogo das palavras que só o texto literário permite. Embora, eles reconheçam que a leitura significa uma fonte de conhecimento para a vida, conforme respondeu grande parte da turma no questionário, citado anteriormente. Registramos aqui também algumas respostas que esses alunos escreveram acerca da importância da leitura: “a leitura é boa para o intelecto”; “para se distrair”; “com a leitura frequente se desenvolve e aprende a ler melhor”;

“aprende coisas novas”; “é essencial para o contato na escola, uso mais eficiente nas redes sociais e oportunidades de trabalho, futuramente”.

Após investigar a relação dos alunos da EJA com a leitura literária durante as primeiras aulas de Língua Portuguesa do ano letivo de 2018 e em 2019¹⁸ com novas turmas, pudemos compreender o distanciamento deles com essa prática, por isso, seria necessário buscar novos procedimentos para ter uma prática de leitura dinâmica, motivadora em que esses estudantes interagissem nas aulas para desenvolver as habilidades leitoras, assim sendo, estimulando a sensibilidade, a criatividade, a curiosidade, a capacidade de ler melhor e compreender o texto em diversos contextos sociais, ampliando dessa forma, o letramento desses estudantes.

A seguir, trataremos dos procedimentos e instrumentos utilizados na coleta de dados durante o desenvolvimento da pesquisa.

Atividade de sondagem

Com o objetivo de (re) aproximar os alunos da leitura por meio de atividades pautadas na inserção do letramento literário e na interação social, propomos, inicialmente, levá-los a fazer uma visita à biblioteca pública de São Miguel dos Campos para realizar uma atividade de sondagem (a partir da observação direta) e aproveitar a oportunidade para fazê-los conhecer o funcionamento da biblioteca e apreciar a diversidade de materiais que nela podem ser encontrados. Considerando também este espaço um lugar que contribui para a formação leitora.

Figura 5 - Alunos selecionam livros para leitura na Biblioteca Pública Municipal



Fonte: autora, 2018

¹⁸ A proposta de intervenção foi aplicada com uma turma da IV fase em 2018 e para dar continuidade a pesquisa, a referida turma passou a ser a V fase em 2019. Esclarecemos também que contemplamos em 2019 mais uma turma da IV Fase.

Na ocasião, os alunos puderam exercer comportamentos próprios do leitor: selecionar os livros nos quais poderiam encontrar o texto que gostaria de ler. Segundo Valarini (2018), “na aula de leitura, o professor deve fazer levantamentos sobre o texto a ser trabalhado a partir do conhecimento prévio do seu público, destacando as estratégias que serão utilizadas para a compreensão de textos literários”. Após a escolha do texto, de 32 alunos presentes, 4 (quatro) leram com fluência, dez alunos fizeram a leitura, por livre e espontânea vontade e os demais tiveram dificuldade no processo de decodificação.

A partir dessa vivência de aula de leitura compartilhada de texto literário e percebendo os aspectos fascinantes que ele possibilita tanto na autonomia e autoafirmação do sujeito, aproveitamos o projeto institucional de leitura que a escola desenvolveria durante o ano letivo de 2018 com o tema “Vivenciando valores” e em 2019 com o tema “São Miguel tem história para contar”, selecionamos textos literários e não-literários. Os gêneros escolhidos foram: poemas, contos, crônicas, músicas, filmes, mensagens reflexivas (anexos) para fazerem parte do repertório da nossa proposta didática que seria desenvolvida durante a pesquisa.

Dentro dessa proposta, buscando efetivar um movimento contínuo de leitura, possibilitando ao leitor mover-se e construir o mundo e a ele mesmo (COSSON, 2018), reconhecendo também a relevância do papel de mediador de leitura que o professor exerce nesse processo, planejamos além das sete sequências didáticas, outras atividades complementares de leitura a fim de sensibilizar os alunos, a saber: leitura no pátio e na quadra da escola; gincana da leitura, seminário de literatura; oficina sobre Letramento literário; audição de conto; oficina de contação de história; bate-papo com os poetas miguelenses, vale informar que na oportunidade, os alunos leram poemas desses escritores locais; roda de leitura com a maleta de livros; Café literário – homenagem à escritora miguelense; recital; visita à exposição literária nas escolas estaduais da cidade; sessão de cinema na escola e no auditório da Secretaria Municipal de Educação do município com a exibição dos filmes *Escritores da liberdade*, *Desafiando o gigante*, *Lar verdadeiro*, *Prova de fogo*, *Narradores de Javé*; o curta-metragem *O matuto Zé Cará*; leitura na feira (integração com as turmas do diurno); participação em evento literário – Festa Cultural e Literária Miguelense (FESCLIM) - culminância do projeto institucional¹⁹ - com leitura de história infantil, leitura de poema e peça teatral.

¹⁹ O Projeto institucional de fomento à leitura é elaborado pela Secretaria Municipal de Educação de São Miguel dos Campos e efetivado nas escolas municipais desde a educação infantil aos anos finais do ensino fundamental. Em 2018 foi desenvolvido o tema valores e em 2019 “São Miguel tem histórias para contar”, este com o objetivo

Participaram também de outros eventos culturais e como forma de confraternização da turma, juntando o saber ao sabor, realizamos a atividade Leitura com pizza na sala de leitura da escola para encerrar as ações do ano de 2018 e a produção de textos (antologia) e livros infantis em 2019 (ver anexo). Seguem registros de algumas atividades de leitura.

Figura 6 - Alunas colaboradoras leem no pátio da escola



Fonte: autora, 2019

Figura 7 - Alunas colaboradoras leem na Festa Literária



Fonte: autora, 2019

Figura 8 – Aluno colaborador lê no Café literário



Fonte: autora, 2019

Sequências didáticas

Elaboramos sete sequências didáticas com a finalidade de levar o aluno a valorizar e reconhecer na leitura um duplo propósito: ler para se apropriar do texto, de certos conteúdos constitutivos da prática social da leitura e ler com um propósito comunicativo relevante desde a perspectiva atual do aluno (LERNER, 2002, p.80), efetivando a sociabilidade.

A partir dessa perspectiva, em concordância com a minha orientadora e proposta partilhada com a professora parceira desta pesquisa e equipe gestora da escola, pensamos na promoção de atividades de leitura na escola e em ambientes externos (creches, abrigo, hospital, casa de restituição) considerando o propósito social da leitura literária, primeiro, permitir aos alunos o ingresso no mundo literário, poético, os colocando em contato com o texto de diferentes poetas, e escritores que são referências na literatura brasileira e local, “criando condições que lhes permitam avançar como leitores ‘em voz alta’ ”(LERNER, 2002, p.81), além de poder compartilhar com outras pessoas, textos que o leitor considera apropriados e significativos para um determinado público (criança, jovens, idosos) com foco no desenvolvimento pleno da cidadania.

Para tanto, pensamos como proposta de intervenção pedagógica desta pesquisa a elaboração de sequências didáticas que está dividida em dois módulos. O primeiro compreende

de despertar no aluno e ampliar seus conhecimentos acerca da história e cultura da cidade natal. O projeto é desenvolvido no período de junho a novembro do ano letivo. A culminância acontece, geralmente, no mês de dezembro.

etapas com o objetivo de permitir aos alunos a vivência de atividades de leitura em sala de aula, a qual nomeamos de oficina de leitura (adaptação do exemplo de Cosson). Já o segundo módulo, envolve as práticas de leitura em espaços fora da escola, a esse momento, denominamos sessão de mediação de leitura (adaptação do dispositivo pedagógico apresentado por Bajard, conforme explicitado, anteriormente) – um encontro de interação do aluno/leitor com o texto literário e o público específico/ouvinte (criança, jovem, adulto e idoso).

A seguir, descreveremos cada um dos módulos com suas respectivas etapas:

1º módulo: Leituras compartilhadas

Objetivos:

- Promover atividades de leitura de textos literários e não literários com o propósito de (re) conhecer a situação comunicativa, o tema/assunto e a finalidade do texto;
- Ler em voz alta textos literários e não literários (poema, contos, crônicas, mensagens reflexivas), expressando a compreensão e a interpretação do texto por meio de uma leitura expressiva e fluente que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados pela pontuação ou recursos gráficos.

Conteúdos:

- Texto literário e não literário
- Leitura expressiva e fluente
- Gêneros textuais: poema, conto, crônica, letra de canção e mensagens reflexivas
- Função social da leitura

Apresentação da proposta a ser trabalhada com os alunos

Como apresentação da situação, socializamos a proposta de intervenção para os alunos, detalhando as etapas, os objetivos, os gêneros que seriam utilizados nas atividades de leitura. Aproveitamos também para explicitar como seria a produção final - sessão de mediação de leitura em quatro espaços sociais com o propósito de ler para o outro (criança, jovem, adulto, idosos). Em se tratando do trabalho com a leitura, “o aluno, antes de qualquer coisa, deveria estar convencido das vantagens de saber ler e de poder ler” (ANTUNES, 2003, p.81).

Na sequência, enfatizamos a importância da leitura na aquisição do conhecimento, os benefícios que ela proporciona ao ser humano ao longo da vida, o poder transformador dessa prática nas relações humanas. Depois da conversa informal, como proposta para um momento

de sensibilização, realizamos uma atividade de leitura, utilizando o texto *Eu aprendi*²⁰, de autoria desconhecida, levamos o texto impresso e para a leitura do mesmo, usamos a técnica do texto fatiado, por ser extenso, selecionamos 15 estrofes, cada aluno ficou com uma para ler. A proposta da atividade foi a leitura compartilhada em voz alta pela professora e alunos.

Organizamos a leitura em forma de jogral. Antes, propomos uma reflexão acerca do tema “aprendizagem”, com os seguintes questionamentos: *O que é aprendizagem? O que você tem aprendido até agora? O que gostaria de aprender? O que deveria aprender na escola? O que a escola deveria ensinar para haver uma aprendizagem significativa? O que poderíamos aprender com a proposta da atividade de leitura em outros ambientes sociais?*

Alguns alunos colaboradores responderam e também falaram suas impressões sobre o texto, aproveitamos para mostrá-los que a vida é repleta de aprendizado que são construídos, inicialmente no âmbito familiar, depois, o escolar e segue ao longo da existência humana.

Com foco em vivenciar os sentidos do texto e exercitar a leitura para o outro, eles fizeram a leitura para os alunos de outra turma da escola. Segue abaixo o texto trabalhado durante a aula:

<p><i>Eu aprendi</i></p> <p><i>Eu aprendi que a melhor sala de aula do mundo está aos pés de uma pessoa mais velha;</i></p> <p><i>Eu aprendi que ter uma criança adormecida nos braços é um dos momentos mais pacíficos do mundo; Eu aprendi que ser gentil é mais importante do que estar certo;</i></p> <p>[...]</p> <p><i>Eu aprendi que eu sempre posso fazer uma prece por alguém quando não tenho a força para ajudá-lo de alguma outra forma;</i></p> <p><i>Eu aprendi que não importa quanta seriedade a vida exija de você, cada um de nós precisa de um amigo brincalhão para se divertir junto;</i></p> <p><i>Eu aprendi que algumas vezes tudo o que precisamos é de uma</i></p>	<p><i>Eu aprendi que ignorar os fatos não os altera;</i></p> <p><i>Eu aprendi que o AMOR, e não o TEMPO, é que cura todas as feridas;</i></p> <p><i>Eu aprendi que a maneira mais fácil para eu crescer como pessoa é me cercar de gente mais inteligente do que eu;</i></p> <p>[...]</p> <p><i>Eu aprendi que cada pessoa que a gente conhece deve ser saudada com um sorriso;</i></p> <p><i>Eu aprendi que ninguém é perfeito até que você se apaixone por essa pessoa;</i></p> <p><i>Eu aprendi que as oportunidades nunca são perdidas; alguém vai aproveitar as que você perdeu.</i></p> <p><i>Eu aprendi que quando o ancoradouro se torna amargo</i></p>
---	---

²⁰ Texto disponível em <<https://www.pensador.com/frase/MTI1NTI4/>>. Acesso em: 10 dez 2018.

De acordo com uma nota expressa no site, o texto é de autoria desconhecida. Inclui trechos do livro “The Complete Live and Learn and Pass It On”, de H Jackson Brown Jr.

<p><i>mão para segurar e um coração para nos entender;</i></p> <p><i>Eu aprendi que os passeios simples com meu pai em volta do quarteirão nas noites de verão quando eu era criança fizeram maravilhas para mim quando me tornei adulto;</i></p> <p><i>Eu aprendi que deveríamos ser gratos a Deus por não nos dar tudo que lhe pedimos;</i></p> <p><i>Eu aprendi que dinheiro não compra "classe";</i></p> <p><i>Eu aprendi que são os pequenos acontecimentos diários que tornam a vida espetacular;</i></p> <p><i>Eu aprendi que debaixo da "casca grossa" existe uma pessoa que deseja ser apreciada, compreendida e amada;</i></p> <p><i>Eu aprendi que Deus não fez tudo num só dia; o que me faz pensar que eu possa ?</i></p>	<p><i>a felicidade vai aportar em outro lugar;</i></p> <p><i>Eu aprendi que devemos sempre ter palavras doces e gentis pois amanhã talvez tenhamos que engoli-las;</i></p> <p><i>Eu aprendi que um sorriso é a maneira mais barata de melhorar sua aparência;</i></p> <p><i>Eu aprendi que todos querem viver no topo da montanha, mas toda felicidade e crescimento ocorre quando você está escalando-a;</i></p> <p><i>Eu aprendi que só se deve dar conselho em duas ocasiões: quando é pedido ou quando é caso de vida ou morte;</i></p> <p><i>Eu aprendi que quanto menos tempo tenho, mais coisas consigo fazer.</i></p> <p><i>Autor desconhecido</i></p>
--	--

Socializamos a seguir as sete sequências didáticas para os momentos em sala de aula com o objetivo de preparação para cada sessão de mediação. “A sugestão é que se estabeleça na rotina não só momentos de leitura individual, mas também espaços em que molde o ato de ler” (COSSON, 2019, p.104).

Vale salientar, que a proposta pedagógica se constitui de textos literários curtos, selecionados pela professora/pesquisadora por entendermos que o aluno precisa se apropriar do universo cultural letrado e considerando também a gestão do tempo em sala de aula, uma vez que, demandam espaço menor de tempo para serem socializados, em virtude do próprio tempo da hora/aula.

Sob a perspectiva do Letramento literário, procuramos trabalhar os gêneros literários: poema, conto infantil, crônica, letra de canção; e não-literário: mensagem reflexiva, que foram escolhidos levando-se em consideração o público-alvo daquele determinado espaço social onde aconteceria a sessão de mediação de leitura.

Ressaltamos que se trata de sugestões de textos e propostas pedagógicas considerando também os alunos da EJA envolvidos na pesquisa, que apesar de muitos apresentarem dificuldades no processo da leitura, seriam os próprios leitores em cada sessão de mediação.

Vale enfatizar que a sequência de atividades elaborada para concluir a análise da pesquisa foi adaptada, durante o desenvolvimento da pesquisa, tanto as estratégias para haver um maior engajamento dos alunos, quanto à temática, para atender as ações de leitura do Projeto institucional do município e assim aproximar o aluno de textos que são pertinentes a sua realidade. Nesse sentido, selecionamos vários textos literários de escritores miguelenses²¹ que descrevem a história e a cultural local. É oportuno informar, que os textos fazem parte da obra *Letras e Lirismo: valentes Sinimbys* (2013)²².

Conforme explicado, anteriormente, as sequências didáticas foram aplicadas em 2018/2019. Estruturadas da seguinte forma: título, componente curricular, turmas, nº de aula, conteúdos, objetivos, desenvolvimento, recursos didáticos e avaliação.

Sequência Didática I – Leitura deleite – o texto literário		
Componente curricular: Língua Portuguesa	IV e V fase da EJA	Duração: 2 aulas de 50min
Conteúdos:		
<ul style="list-style-type: none"> • Texto literário • Leitura deleite 		
Objetivos:		
<ul style="list-style-type: none"> • Motivar o aluno para a leitura; • Promover o contato dos alunos com o texto literário; • Proporcionar um momento da leitura deleite; • Desenvolver a leitura em voz alta de textos literários; • Observar o comportamento leitor dos alunos. 		
Desenvolvimento:		
<u>1ª etapa –</u>		
<ul style="list-style-type: none"> • Organização no pátio da escola para o momento da leitura deleite. • Distribuição dos livros literários nas mesas para a escolha e leitura do texto literário. • Palestra sobre a importância da leitura do texto literário pela professora da sala de leitura da escola. 		
<u>2ª etapa –</u>		
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de escolha pessoal. • Leitura silenciosa. 		
<u>3ª etapa –</u>		
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura individual em voz alta. 		

²¹ Escritores que são membros efetivos da Academia Miguelense de Letras e Artes (AMILA). Seus textos fazem parte da obra *Letras e Lirismo: valentes sinimbys* (2013).

²² *Letras e lirismo valentes sinimbys: coletânea de poemas miguelenses/ Academia Miguelense de Letras e Artes - Maceió: Viva Editora, 2013.*

Recursos: Livros literários da escola.

Avaliação:

- Observação quanto à participação dos alunos na atividade proposta.
- Socialização de textos lidos (poemas e contos).

Figura 9 - Alunos colaboradores participam de palestra no pátio da escola



Fonte: autora, 2018

Figura 10 - Alunos leem no pátio da escola



Fonte: autora, 2018

Com os livros literários distribuídos em duas grandes mesas no pátio da escola, iniciamos a atividade falando sobre a finalidade daquele momento de leitura deleite, ressaltando que estávamos ali para um contato mais direto com as obras literárias de gêneros textuais diversos. Convidamos a professora responsável pela sala de leitura da escola para ministrar uma rápida palestra acerca do texto literário com o propósito de envolver os alunos na prática da leitura. Na oportunidade, ela falou também do funcionamento da sala que, atualmente, não estava funcionando a contento, pois a mesma estava servindo de depósito para as sobras de livros didáticos, mas informou que após a reforma da escola (início previsto pra o mês de junho) aquele espaço de leitura e promotor da formação leitora estaria disponível para os alunos.

Com os alunos sentados em bancos, ao redor das mesas, os convidamos para escolher um livro e, individualmente, fazer uma leitura silenciosa para compreender o texto, solicitamos que ficassem à vontade para procurar um lugar dentro daquele espaço (pátio). Alguns alunos permaneceram em seus lugares, outros se distanciaram um pouco para realizar a leitura do texto escolhido. Falamos que, se caso não estivessem gostando do livro ou o texto escolhido, poderiam fazer a troca, ressaltamos que só não deveriam ficar sem ler um texto.

Após um determinado tempo de leitura individual, convidamos a todos para estarem próximos. Perguntamos o que estavam achando da leitura do texto escolhido. *Quais eram as impressões acerca do texto lido? Que sensações sentiam ao ler aquele texto?* Dos alunos participantes, em virtude do tempo, oito deles fizeram, voluntariamente, a leitura do texto em

voz alta. Encerramos, pedindo aos alunos que comentassem o que acharam daquele momento de leitura. “Foi bom, professora!” “Ah, eu tenho vergonha de ler, por isso que não li.” “Faça outros momentos assim, professora!” “Faz tempo que não tinha contato com o livro de histórias, professora!” “Quando criança, lia muito na escola.” Eu gosto mais de ler poesia”.

Sequência Didática II – Compartilhando leituras literárias		
Componente curricular: Língua Portuguesa	Ano: V fase da EJA	Duração: 4 aulas de 50min
Conteúdos: <ul style="list-style-type: none"> Textos literários: <i>Colcha de retalho</i>, de Cora Coralina <i>Retrato</i>, de Cecília Meireles <i>Meus oito anos</i>, de Casimiro de Abreu <i>A história de um lápis</i> (autor desconhecido); Gêneros textuais: Poema e parábola 		
Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> Desenvolver no aluno a prática da leitura expressiva; Desenvolver estratégias de socialização individual e em grupo; Levar os alunos a conhecer a situação comunicativa, o tema e finalidade do texto; Refletir com os alunos acerca do assunto dos textos; Socializar as características do gênero textual poema; Solicitar aos alunos para expor, oralmente, as percepções e sensações acerca dos textos lidos. Observar o comportamento leitor do aluno. Socializar a proposta da leitura em ambiente fora da escola, no Abrigo dos idosos. 		
Desenvolvimento: <p><u>1ª etapa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Apresentação dos objetivos da aula. Socialização da proposta da sessão de mediação no abrigo dos idosos. Reflexão acerca da importância da leitura Distribuição dos textos literários e não literários. Leitura silenciosa. Explicação sobre escritores/autores dos textos selecionados. <p><u>2ª etapa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Leitura expressiva pelo professor. Explicação sobre o gênero poema. Leitura em voz alta – análise dos efeitos de sentido, modulação no tom de voz, na postura corporal e gestualidade. <p><u>3ª etapa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Prática da leitura em voz alta pelos alunos. Análise da atuação dos alunos como leitores. <p><u>4ª etapa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Escolha dos alunos leitores no abrigo. Definição da forma como a leitura seria realizada. Orientações acerca da leitura expressiva e fluente, respeitando o ritmo, as pausas, a entonação indicadas pela pontuação. Treinos dos textos para a leitura com qualidade. 		
Recursos: 40 cópias dos textos selecionados		

Avaliação:

- Observação quanto à participação dos alunos na atividade proposta em sala de aula.
- Desenvoltura do aluno na leitura do texto no Abrigo dos idosos.

Em sala de aula, antes de iniciar a atividade de leitura, conversamos com a turma acerca dos objetivos da aula, bem como, a proposta da leitura no abrigo dos idosos. Ressaltamos que a leitura é um ato social (COSSON, 2018) e que, portanto, havia selecionado textos que seriam lidos para um público-alvo específico – pessoas idosas. Enfatizamos que todo o texto verbal ou não verbal faz parte de uma situação sociocomunicativa e que tem uma finalidade no processo de interação social: autor- texto-leitor. Em seguida, distribuimos a folha com os textos para os alunos e solicitamos que fizessem uma leitura silenciosa, inicialmente. Conversamos, rapidamente, com os estudantes a respeito dos autores dos poemas/textos. Perguntamos se já conheciam esses autores e se sabiam algo sobre eles. Como não conheciam, fizemos uma breve explicação, destacando a contribuição desses autores na literatura brasileira.

Escolhemos o poema *Retrato*, de Cecília Meireles e fizemos a leitura normal, simples, sem expressividade. Depois lemos, novamente fazendo uma leitura expressiva com o objetivo de servir de exemplo e motivação para a leitura dos poemas pelos alunos, individual ou em dupla, a ser realizada na sequência. Na ocasião, perguntamos aos alunos qual das duas leituras, eles acharam mais expressiva, mais envolvente. Alguns explicaram que havia sido a segunda, pois a entonação foi diferente, além de ter realizado com expressões faciais, gestos etc. Aproveitamos para explicar as características do gênero poema e enfatizar aspectos relevantes da leitura em voz alta, considerando o que afirma Antunes (2003). “Orientações como ler pausadamente, ler com boa pronúncia, ler observando os sinais de pontuação, sejam dadas não como valores em si, mas como recursos para que facilite a compreensão do texto”.

Solicitamos que os alunos escolhessem um dos textos para ler individualmente ou em dupla com expressividade. Os incentivamos a usarem movimentos corporais, expressões faciais, gestos, modulação da voz e até mesmos sons. Após a leitura dos textos em voz alta para a turma toda, os próprios alunos fizeram a avaliação do desempenho dos colegas e já definiram quem faria a leitura dos textos no abrigo dos idosos.

Com os alunos que seriam os leitores no abrigo dos idosos, escolhemos a forma como seriam lidos os textos, em seguida, os orientamos a desenvolverem a leitura do texto de forma audível, com entonação adequada e pronúncia clara das palavras. Em sala de aula, houve vários ensaios/ preparação para o dia da apresentação.

Sequência Didática III – Lendo contos infantis		
Componente curricular: Língua Portuguesa	Ano: V fase da EJA	Duração: 4 aulas de 50min
Conteúdos:		
<ul style="list-style-type: none"> • Gênero Conto clássico infantil 		
Objetivos:		
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer o gênero conto infantil; • Desenvolver a leitura expressiva; • Desenvolver estratégias de socialização em grupo; • Refletir sobre o tema do texto; • Ter acesso ao universo da literatura infantil; • Treinar a leitura em voz alta; • Participar de prática de compartilhamento de leitura em evento de contação de história em creches. 		
Desenvolvimento:		
<u>1ª etapa:</u>		
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta de atividade de leitura. • Socialização dos espaço onde aconteceria a sessão de mediação – creches municipais. • Explicação sobre o Gênero conto clássicos infantis. • Reflexão acerca das temáticas das narrativas infantis. 		
<u>2ª etapa:</u>		
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos livros infantis. • Formação dos grupos para cada história infantil. • Leitura compartilhada no grupo. • Explicação acerca dos elementos da narrativa com foco no narrador observador. 		
<u>3ª etapa:</u>		
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura compartilhada em voz alta para a turma. • Análise sobre a atuação do grupo de alunos/leitores. • Análise sobre o público-alvo – crianças. • Orientações sobre o ato de ler. 		
<u>4ª etapa:</u>		
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura expressiva pela professora. • Orientações pertinentes sobre contação de história. • Escolha da forma de apresentação: leitura dramatizada, apenas a leitura. • Explicação sobre a postura corporal, entonação, expressão facial, gestualidade. • Ensaios dos grupos para uma melhor atuação na hora de ler as histórias na creche. 		
Recursos: Distribuição de livros dos contos clássicos infantis: Os três porquinhos; <i>Pinóquio</i> ; <i>A bela e a fera</i> ; <i>Chapeuzinho vermelho</i> ; <i>Cinderela</i> ; João e Maria; João e o pé de feijão, todos da coleção Ciranda cultural.		
Avaliação:		
<ul style="list-style-type: none"> • Observação quanto à participação dos alunos na atividade proposta em sala de aula. • Desenvoltura do aluno na leitura do texto (conto infantil) na creche. 		

Figura 11 - Contos clássicos infantis para a leitura na creche



Fonte: autora, 2018

Figura 12 - Seleção dos livros infantis



Fonte: autora, 2018

Iniciamos a aula apresentando aos alunos a proposta da atividade de leitura que teria como produto final a sessão de mediação na creche. Levando em consideração o público-infantil, selecionamos livros de contos infantis, mas também deixamos os alunos à vontade para escolherem outros livros. Reservamos um tempo da aula para conversar com a turma, resgatando os conhecimentos prévios sobre essas narrativas que, possivelmente, os alunos tiveram contato ainda na infância. Interessante que alguns alunos mais jovens disseram lembrar da história por meio de desenhos, filmes. Já alguns adultos falaram que ouviam essas histórias na escola e aproveitaram o momento para citar as mais conhecidas por eles. Na oportunidade, abriu-se uma discussão acerca das mensagens e temática que essas narrativas infantis transmitem e que, elas permitem à criança o acesso ao universo da literatura.

Apresentamos os livros para que a turma fosse organizada em grupo. Sete grupos foram formados no momento. Orientamos que, inicialmente, fizessem a leitura, entre eles, para um momento deleite, de experimentar o texto, depois escolheriam quem leria que parte da narrativa e/ou quem representaria um determinado personagem do livro. Depois cada grupo socializaria a leitura para a turma de forma que envolvessem o público na história lida. Aproveitamos para fazer uma explanação acerca do gênero conto infantil, enfocando os elementos da narrativa, principalmente a presença do narrador, já fazendo uma relação com o(s) contador (es) da história.

Finalizado o tempo estabelecido, cada grupo fez a leitura da história para a turma. Eles ficaram bem à vontade, ao término das apresentações, fizemos as observações necessárias quanto a forma de ler, pois algumas alunos gaguejaram, não conseguiram decodificar algumas palavras mais difíceis, não comuns ao uso diário; outros por timidez não conseguiram fazer uma leitura fluente. Lembramos que a leitura daquelas narrativas seria feita

para as crianças, provavelmente, elas conheciam a história, então teriam que ler com fluência e entusiasmo, envolvendo-as no enredo e assim, interagindo de forma significativa com os pequenos ouvintes.

Para orientar melhor os alunos nesse ato de ler, escolhemos uma das histórias e fizemos uma leitura expressiva. Perguntamos se algum aluno ali presente já havia participado de eventos com contação de história. Algumas alunas que são mães lembraram que em algum momento já havia contado histórias para seus filhos (sem o uso do livro) uma história que estava guardada na memória. Ressaltamos que a leitura deveria ser envolvente. Aspecto como a faixa etária dos ouvintes deveria ser levado em consideração e que os valores que a história aborda deveriam ser enfatizados. Orientamos para que cada grupo estudasse (lesse) a história mais vezes para se sentirem preparados com mais segurança e desenvoltura no momento da leitura na creche. Também os deixamos livre para escolherem outras histórias para ler. Como os grupos não tinham experiências na leitura dirigidas às crianças, solicitamos que, para uma melhor preparação, principalmente, na transmissão vocal, bem como, na expressão facial e corporal, os grupos realizassem ensaios até o dia da apresentação na creche.

Sequência Didática IV – Leitura de mensagens reflexivas		
Componente curricular: Língua Portuguesa	Ano: V fase da EJA	Duração: 6 aulas de 50min
Conteúdos: <ul style="list-style-type: none"> • Gênero mensagens reflexivas 		
Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a leitura em voz alta de textos; • Refletir sobre a mensagem transmitida pelo texto; • Expor, oralmente, as percepções e sensações acerca do texto. • Conhecer o suporte que circula esse tipo de texto; • Produzir frases com o tema gentileza. • Participar de prática de compartilhamento de leitura em uma ação social na Sta. Casa de Misericórdia. 		

Desenvolvimento:1ª etapa:

- Conversa informal para apresentar a proposta da atividade de leitura na Sta. Casa de Misericórdia da cidade.
- Socialização de informação sobre o espaço onde seria a sessão de mediação.
- Análise sobre os possíveis ouvintes (internos/enfermos e funcionários do hospital local).
- Reflexão acerca das temáticas dos textos: gentileza, fé, superação.

2ª etapa:

- Distribuição dos textos para a leitura silenciosa.
- Leitura compartilhada em voz alta pelos alunos.
- Leitura de alguns textos em voz alta pela professora.
- Explanação sobre as características do gênero textual – mensagem reflexiva.

3ª etapa:

- Seleção dos textos que seriam lidos no estabelecimento definido.
- Definição do grupo de alunos participantes.
- Orientações quanto a postura do leitor na transmissão da voz.
- Oficina de texto/arte para produção do material que seria entregue aos ouvintes (dobradura de tulipa com mensagem (post).

Recursos: Quadro branco, textos(post) retirados da internet, folhas coloridas de papel A4, cola, tesoura, hidrocor, imagens, papel crepom, palito de picolé.

Avaliação:

- Observação quanto à participação dos alunos na atividade proposta em sala de aula.
- Desenvoltura do aluno mediante a leitura de texto para pacientes e funcionários do hospital local.

Iniciamos a aula apresentando para a turma a proposta da sessão de mediação de leitura no hospital local. Esclarecemos que em virtude do projeto didático da escola com o tema valores, estaríamos fazendo uma alteração no tema dos textos selecionados para atendimento à solicitação da gestão escolar, pois a mesma faria uma ação social com o tema gentileza e logo nos procurou para que nossa atividade planejada fosse adaptada a esse evento na Santa Casa de Misericórdia. Na oportunidade, reforçamos para a turma os objetivos, quem seria o possível público-alvo e a temática da atividade de leitura, discutimos ainda sobre os procedimentos que deveríamos tomar para que a sessão fosse bem sucedida. Para direcionar um diálogo significativo com os alunos acerca do tema gentileza, fizemos algumas perguntas para provocar reflexões: *O que é gentileza? Qual a importância desse valor na vida do ser humano? Que ações do cotidiano representam atitudes de gentileza? Na escola, é possível vivenciar atitudes de gentileza? Como esses comportamentos acontecem no cotidiano da unidade de ensino e no meio familiar? Como resgatar valor tão essencial na construção da cidadania? Você se acha uma pessoa gentil?* Nesse momento, os alunos interagiram bastante acerca do tema e ainda foram abordados outros temas como fé e superação.

Sequência Didática V – Compartilhando leituras de poemas e canções			83
Componente	Ano: V fase da EJA	Duração: 6 aulas de	

Na sequência, após levantamento dos conhecimentos prévios da turma sobre os valores: gentileza, fé e superação, distribuimos os textos para uma leitura silenciosa e em seguida, solicitamos que cada aluno lesse uma mensagem (post) em voz alta. Inicialmente, escolhemos alguns, fizemos a leitura e abrimos espaço para a compreensão do propósito do texto. Vale ressaltar, que nem todos leram. Alguns alunos fizeram comentários sobre as mensagens lidas. Aproveitamos para fazer uma breve explanação acerca daquele gênero textual que na atualidade, circula nas redes sociais.

Depois do momento de leitura, selecionamos com os alunos os textos que seriam lidos no hospital e já ficou definido também quem faria a leitura dessas mensagens. Solicitamos que esses alunos fizessem a leitura em voz alta várias vezes para a compreensão do sentido do texto e uma leitura fluente.

É importante ressaltar, que os próprios alunos sugeriram produzir mensagens, confeccionar material com mensagens de fé e superação para serem distribuídas às pessoas daquela casa de saúde. Logo, aceitamos a sugestão, marcamos uma oficina que denominamos oficina texto/arte.

Salientamos ainda que esta atividade de leitura contou com a efetiva participação da professora de língua portuguesa das outras turmas da EJA. O intuito era o envolvimento de todos os alunos nessa ação social.

Para a efetivação de mais uma sessão de mediação com os alunos da EJA, iniciamos a aula, socializando a proposta da atividade de leitura na Casa de Restituição para dependentes químicos. Vale enfatizar que a escolha do lugar foi sugestão da turma. Durante a conversa, analisamos o público-alvo e elaboramos a programação. Apresentamos os textos e dialogamos sobre as temáticas e as características específicas do texto literário, bem como, os vários sentidos que ele apresenta. “A prática dos textos literários possibilita eficiência na aprendizagem da língua e ainda acrescenta outras oportunidade de aperfeiçoamento linguístico.” (BAJARD, 2014, p.95).

curricular: Língua Portuguesa		50min
Conteúdos: <ul style="list-style-type: none"> • Texto literário (<i>Receita de Ano Novo</i>, de Carlos Drummond de Andrade, Jovem de valor, poemas: <i>Canto de Natal</i>; <i>Cidadania</i>; <i>Os estatutos do homem</i>) • Gêneros textuais: poema e letra de canções 		
Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • Ler em voz alta textos literários; • Ler de forma autônoma para socialização em grupo; • (Re) conhecer a situação comunicativa, o tema e finalidade do texto literário; • Refletir sobre o tema dos textos; • Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos em textos literários; • Expor, oralmente, as percepções e sensações acerca do texto literário; • Participar de prática de compartilhamento de leitura na Casa de restituição. 		
Desenvolvimento: <p><u>1ª etapa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Conversa informal para apresentação da proposta da atividade de mediação de leitura na Casa de restituição para dependentes químicos. • Socialização do espaço de mediação de leitura. • Análise sobre o público-alvo(ouvintes) para a seleção dos textos. • Explanação sobre a linguagem polissêmica do texto literário. • Reflexão acerca da temática dos textos. <p><u>2ª etapa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Seleção dos textos e distribuição das cópias (letra das canções). • Escrita do texto receita de <i>Ano Novo</i> no quadro branco/caderno • Leitura expressiva do poema pela professora. • Leitura compartilhada em voz alta pelos alunos; • Socialização da leitura individual e em grupo para a turma toda. • Explanação acerca das questões de contextualização e intencionalidade dos gêneros poema e letra de canção. <p><u>3ª etapa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Escolha do texto e seu respectivo leitor para efetivação da leitura no espaço definido. • Organização da apresentação individual ou em grupo de alunos participantes. • Definição da forma como o texto literário seria socializado: jogral, declamação, 		

<p>leitura individual, coral.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Orientações quanto a leitura expressiva: postura do leitor, transmissão de voz, expressões facial e corporal entre outros aspectos para transmitir com qualidade o texto literário. • Ensaios das leituras em voz alta na sala de aula, com sugestões e ajustes dos ouvintes (turma) para o leitor apresentar-se bem diante de seu público específico na Casa de recuperação.
<p>Recursos: Textos literários: <i>Receita de Ano Novo</i>, de Carlos Drummond de Andrade, <i>Jovem de valor</i>, <i>Canto de Natal</i>; <i>Cidadania</i>; <i>Os estatutos do homem</i>;</p> <p>Livros literários, quadro branco, 40 folhas com as letras das canções: <i>Ele não desiste de você</i> (Anderson Freire) e <i>Aleluia</i> (Gabriela Rocha)</p>
<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação quanto à participação dos alunos na atividade proposta em sala de aula. • Desenvoltura do aluno na leitura do texto na Casa de restituição.

Muitos alunos confirmaram que gostavam de ler textos literários e alguns citaram títulos e trechos de alguns que conheciam, aproveitamos para fazer levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes acerca do gênero poema e também das canções. Promovemos uma análise das características dos textos, questionando: *Por que esse texto é considerado literário? Que outros gêneros podem ser considerados literários?* Depois, tratamos dos temas abordados nos textos selecionados. Deveriam ter uma mensagem direcionada àquele tipo de ouvinte (internos) para quem os textos seriam lidos.

Escrevemos no quadro branco, o poema de Carlos Drummond de Andrade, *Receita de Ano novo* (anexo). Fizemos a leitura expressiva do mesmo e refletimos um pouco sobre a temática, observando as características desse gênero. Depois, solicitamos à turma que fizesse a leitura em voz alta. Convidamos à frente sete alunos que disponibilizaram-se a ler, dividimos as estrofes e cada um deles fez a leitura em voz alta de sua respectiva estrofe. Aproveitamos para juntos analisarmos os efeitos de sentidos decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos como ritmo, modulações no tom de voz, as pausas, bem com, a postura corporal e a gestualidade na apresentação de poemas. O grupo de aluno repetiu duas vezes a leitura do texto.

Na aula seguinte, distribuímos as cópias das canções (escolha dos alunos), iniciamos com o canto das músicas à capela. Refletimos acerca da temática que estaríamos levando ao público-ouvinte da Casa de recuperação. Aquela prática social de leitura sem dúvida, estaria contribuindo para a formação cidadã e leitora dos alunos da EJA. Solicitamos a leitura em voz alta do poema receita de *Ano Novo*, a apresentação do jogral *Jovem de valor* para observação

da forma de ler dos alunos. Abrimos uma discussão acerca da importância desse momento de leitura para aqueles internos, refletindo sobre o ato social que a leitura promove em ambas as partes.

Organizamos com a turma a programação literária para o momento da sessão de mediação. Definimos os grupos que apresentariam o poema receita de *Ano Novo*, o jogral *Jovem de valor* e quem participaria do coral ou faria uma apresentação solo. Ficamos decididos que os grupos também fariam outros ensaios antes da apresentação na Casa de Restituição Shalom. A proposta estava tão interessante que alunos de outras turmas participaram fazendo a leitura de poemas trabalhados em sala de aula pela professora de Língua portuguesa, que consideramos ser uma grande colaboradora no desenvolvimento das ações planejadas.

Em 2019 iniciamos, socializando a proposta da sequência de atividades de leitura para concluir a análise da pesquisa (a partir de um replanejamento para fortalecer o trabalho já iniciado com a turma colaboradora e envolver e observar as novas turmas). Informamos que daríamos continuidade ao trabalho de envolvimento com a leitura literária e o ato de ler para o outro, retornando aos espaços sociais anteriores, começando dessa forma, com a sessão de mediação em leitura para os idosos, os jovens e senhores da Casa de Restituição.

Demos início à aula, apresentando a proposta da atividade de leitura com foco no tema do Projeto Institucional do município “São Miguel tem história para contar”. Explicamos que no desenvolvimento das atividades teríamos o prazer de conhecer melhor a cidade por meio do jogo de palavras dos textos literários dos escritores miguelenses. Na ocasião, utilizando as estratégias de leitura, suscitamos algumas questões para fazer o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos acerca dos aspectos históricos, culturais e sociais do município. Após reflexões sobre o lugar em que vivem, distribuimos as cópias dos poemas e solicitamos que fizessem uma leitura silenciosa para a compreensão do texto. Na sequência, escolhemos o poema *Origem de um povo*, de Francisca Alves²³ e fizemos uma leitura em voz alta para dar início ao momento da leitura expressiva e compartilhada pelos

²³ Professora aposentada. Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas. É poeta e escritora. Classificada no VIII e IX Concurso Nacional de Poesias do Clube dos escritores Piracicaba SP 2006/2007 com as poesias “Extinção e o Soneto “Despedida”. Em novembro de 2007, 1º lugar no Concurso Penedense de Poesia Falada, “Origem de um povo”. Recebeu o colar de Mérito Literário “Haldumont Nobre Ferraz” pelos relevantes serviços prestados à Literatura brasileira. Participou da Conferência Internacional de Cultura. É citada no livro *O ciclo do algodão e as vilas operárias*, do escritor e historiador Douglas Apratto Tenório. Tem suas poesias publicadas na Revista do Clube dos Escritores e na Coletânea *Letras e Lirismo- Os valentes Sinimbys*. A escritora é sócia-efetiva da Academia do Clube dos escritores de Piracicaba e da Academia Miguelense de Letras e Artes (AMILA).

alunos. Os alunos ficaram livres para escolher o texto e de que forma fariam a leitura, se individual, em dupla ou grupo. Percebemos a resistência por uma boa parte da turma em fazer a leitura em voz alta, mas após a leitura do texto *A feira da ponte*, de Ernande Bezerra²⁴, lido por uma aluna, os demais alunos se encorajaram e leram em voz alta outros textos da atividade recebida, socializando para a turma toda. Alguns já com uma boa modulação de voz, ritmo e altura apresentaram fluência em leitura. Depois, discutimos a linguagem polissêmica do texto literário e refletimos acerca da temática expressa, a contextualização e a intencionalidade nos poemas.

Na aula seguinte, apresentamos a proposta da sessão de mediação em leitura que seria realizada, primeiro, no Abrigo dos idosos e depois na Casa de Restituição em forma de recital. Para tanto, retomamos a leitura compartilhada do texto *Origem de um povo* em forma de jogral, e o poema *A Feira da ponte* lendo todos juntos, cada estrofe. Convidamos a turma para realizarmos a leitura no pátio da escola. Gravamos esse momento para uma análise à leitura realizada em conjunto, observando alguns aspectos prosódicos dentro de uma dimensão performática (KEFALÁS, 2012). Depois gravamos a leitura de outros alunos lendo individualmente, textos escolhidos por eles como *Rios de lágrimas*, *Despedida*, entre outros. Durante a aula, também organizamos a programação, já definindo quem leria qual texto e a forma de apresentação para o público específico. Aproveitei o próprio áudio para dar alguma orientações quanto à leitura expressiva em voz alta em um ambiente, possivelmente, amplo e aberto, observando alguns elementos necessários à postura do leitor como a emissão da voz, o olhar, postura corporal, entre outros.

Sequência Didática VII – Oficina: leitura de histórias infantis		
Componente curricular: Língua Portuguesa	Ano: IV e V fase da EJA	Duração: 8 aulas de 50min
Conteúdos:		
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de histórias infantis 		

²⁴ Poeta e escritor migueleense, Ernande Bezerra de Moura tem várias obras publicadas em Antologias e Coletâneas Brasileiras. As poesias apresentadas nesta dissertação estão publicadas na Coletânea *Letras e Lirismo- Os valentes Sinimbys*. Como escritor é membro fundador e atual presidente da Academia Migueleense de Letras e Artes. Disponível em: <<https://ernande-bezerra.webnode.com.br/sobre-nos/>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as características da narrativa infantil; • Refletir sobre a estrutura da narrativa; • Desenvolver estratégias de ler para crianças; • Ter acesso ao universo da literatura infantil; • Treinar a leitura em voz alta; • Participar de prática de compartilhamento de leitura em evento de leitura de história infantil na Creche municipal.
<p>Desenvolvimento:</p> <p><u>1ª etapa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta de atividade de leitura. • Oficina com uma pedagoga, contadora de história infantil. • Explicação sobre técnicas de ler histórias para crianças. • Leitura em voz alta de uma narrativa infantil para a turma. • Reflexão acerca da estrutura da narrativa infantil e a produção de livros. <p><u>2ª etapa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos livros infantis e/ou produção escrita da história. • Formação dos grupos para cada história infantil. • Explicação acerca dos elementos da narrativa com foco no narrador e personagens. • Análise sobre o público-alvo: crianças. <p><u>3ª etapa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Oficina para produção da narrativa infantil. • Oficina para produção do livro infantil. • Análise sobre a atuação do grupo de alunos/leitores. <p><u>4ª etapa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Orientações pertinentes sobre a leitura de história infantil. • Escolha da forma de apresentação: leitura dramatizada, apenas a leitura. • Explicação sobre a postura corporal, entonação, expressão facial, gestualidade. • Ensaios dos grupos para uma melhor atuação na hora de ler as histórias na creche.
<p>Recursos: Livros infantis produzidos pela contadora de história; livros paradidáticos; Caderno, papel A4, cartolinas, E.V.A, cola, tesoura, régua, hidrocor, tecido, revistas.</p>
<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação quanto à participação dos alunos na atividade proposta em sala de aula. • Desenvoltura do aluno na leitura do texto (narrativa infantil) na creche.

Buscando aproximar cada vez mais o aluno da leitura por meio da literatura com foco na formação do leitor, iniciamos a aula, informando que aquele momento seria uma oficina de leitura, porque tínhamos como objetivo preparar os alunos para a sessão de mediação na Creche municipal. Para tanto, convidamos a professora com experiência em contação de história para ministrar a oficina, socializando técnicas de ler/contar histórias infantis, como também dar dicas de produção/confecção de livros para crianças. Vale frisar que durante o horário das aulas, a oficina foi realizada em dois momentos para atender as turmas da IV e V fases.

Na aula seguinte, apresentamos toda a proposta da atividade. Ressaltamos considerações relevantes da oficina anterior acerca da leitura da narrativa para o público

infantil. Na ocasião, realizamos uma aula expositiva acerca dos elementos da narrativa, além de focarmos o papel do leitor diante do público infantil.

Na efetivação da 3ª etapa, com foco no tema sobre as histórias, personalidades, tradição cultural da cidade, levamos lendas, contos sobre o município, e na sequência, fizemos um levantamento dos assuntos interessados pelos alunos para a escrita de uma narrativa infantil. Organizamos uma oficina para a elaboração do texto em grupo. Na revisão da escrita, aproveitamos para analisar e explicar como deveria atuar cada equipe. Foram escolhidas três histórias. Definidos os grupos e histórias, foi realizada uma oficina para a produção do livro infantil.

Na 4ª etapa, iniciamos a aula retomando a leitura feita pela professora na oficina realizada anteriormente, na escola. Aproveitamos para orientar a respeito da estrutura e da leitura da história infantil. Citamos exemplos da desenvoltura da contadora de história. Durante a aula, definimos também a forma da apresentação – leitura da história para as crianças na sessão de mediação. Ressaltamos a postura do leitor/mediador (a) da narrativa: entonação, olhar, resgate, a exposição do livro, os gestos; dicas para aprimorar a atuação. Na ocasião, divulgamos o espaço social onde ocorreria a sessão de mediação de leitura e toda a organização. Definido os grupos, as alunas leram as histórias para outras turmas e ensaiaram várias vezes para ler com segurança no dia da apresentação. Vale enfatizar que nesta atividade, os alunos do sexo masculino não quiseram participar do momento da sessão de leitura, justificando que não tinha jeito nem segurança para contar histórias.

Socializamos a seguir o cronograma que foi utilizado para o desenvolvimento da proposta pedagógica da sessão de mediação como produto final das sequências didáticas, após as atividades realizadas em sala de aula. Em seguida, apresentamos o diário de campo dessas sessões.

QUADRO I - Cronograma de atividade – sessão de mediação de leitura

DATA	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES
04/08/18	Leitura no Abrigo dos idosos Joana Figueiredo Alves
24/10/18	Leitura na Creche Municipal Josefa Benedita
01/11/18	Leitura na Creche Municipal São Miguel Arcanjo
13/11/18	Leitura na Santa Casa de Misericórdia de São Miguel
03/01/19	Leitura na Casa de Restituição Shalom
31/08/19	Leitura no Abrigo dos idosos Joana Figueiredo Alves
05/10/19	Leitura na Casa de Restituição Shalom
14/12/19	Leitura na Santa Casa de Misericórdia de São Miguel
19/12/19	Leitura na Creche Municipal São Miguel Arcanjo

Fonte: a autora, 2019

Figura 13 - Alunos compartilham leitura no abrigo dos idosos

Fonte: autora, 2018

Figura 14 - Alunas leem para os idosos

Fonte: autora, 2018

Diário de campo

A primeira sessão de mediação teve como objetivo ler textos literários para os idosos e demais funcionários daquela instituição de assistência social. Seguindo uma programação denominada “literária”, os alunos, individual ou coletivamente, leram em voz alta os seguintes

textos: *Colcha de retalho*, de Cora Coralina; *A lição do lápis*, autor desconhecido (texto escolhido pela própria aluna que leu); os poemas *Retrato*, de *Cecília Meireles* e *Meus oito anos*, de Casimiro de Abreu foram dramatizados por duas alunas, caracterizadas de idosas, leram com muita expressividade. Um grupo maior de aluno fez a leitura cantada, em forma de coral com as músicas *Trem bala*, de Ana Vilela e *Aos olhos do pai*, de Ana Paula Valadão. Foi uma sessão de leitura bastante emotiva que durou 1h30m.

Figura 15 - Alunos preparados para a leitura na creche



Fonte: autora, 2018

Figura 16 – Preparando as crianças para a hora da história



Fonte: autora, 2018

A segunda sessão de mediação teve como objetivo ler contos infantis para as crianças da Creche²⁵. Seguindo a programação literária, os alunos divididos em grupo, usando um figurino atrativo, bastante colorido, leram os seguintes contos: *Pinóquio*; *A bela e a fera*; *Chapeuzinho vermelho*, *Cinderela*; apenas *Os três porquinhos* foi uma leitura dramatizada. Apesar da inexperiência como contadores de histórias, por meio da leitura em voz alta, os alunos da EJA proporcionaram o contato das crianças com o mundo imaginário dos livros. “As histórias contribuem com diversos aspectos na formação de crianças e de jovens, elas propiciam o desenvolvimento de atenção e raciocínio, senso crítico, imaginação, criatividade, afetividade e transmissão de valores” (DOHME, 2013, p.25). Verificamos que alguns alunos na experimentação do texto literário, usaram com entusiasmo a voz alta. A sessão durou 1h40.

Figura 17 - Aluna lê para as crianças na creche



Fonte: autora, 2018

Figura 18 - Alunos leem para as crianças



Fonte: autora, 2018

²⁵ Creche municipal Josefa Benedita dos Santos. Localizada na Praça Padre Júlio de Albuquerque no centro de São Miguel dos Campos-AL.

A terceira sessão de mediação também aconteceu em outra creche municipal²⁶ com o objetivo de ler histórias para as crianças. Desta feita, foram lidas cinco histórias: *Van Gogh e o passarinho Téo*, de Mércia Maria Leilão; *O mal do lobo mau*, de Cláudio Fragata; *Os dez amigos*, de Ziraldo; *Música no zoológico*, de Cecília Cavariere; *O dente de leite*, Socorro Miranda. Utilizando os livros para ler as histórias, os alunos da EJA interagiram o tempo todo com o público-infantil, tiveram posturas de mediadores experientes, atuaram com expressividade a cada texto lido, a cada história contada. Experimentaram o valor estético do texto literário. Percebemos que eles, mesmo sem saber, fizeram uso dos quatro componentes considerados estruturantes na transmissão vocal: “a extração do texto pelos olhos, a emissão vocal, o olhar endereçado ao ouvinte e a exposição do livro ao público” (BAJARD, 2014, p. 53). Para encerrar a sessão houve também a leitura dramatizada de *Os três porquinhos*, da coleção Ciranda Cultural e brincadeiras com cantigas de roda. O tempo de duração da sessão foi de duas horas.

Figura 19 - Alunos da EJA fazem leitura para os internos



Fonte: professora colaboradora, 2018

Figura 20 - Leitura e ação social no hospital



Fonte: professora colaboradora, 2018

A quarta sessão de mediação aconteceu na Santa Casa de Misericórdia de São Miguel dos Campos. Teve como objetivo compartilhar leituras com mensagens reflexivas para os funcionários, acompanhantes e para os enfermos. Os alunos da EJA ao chegarem no hospital se dirigiam aos funcionários, liam uma mensagem de gentileza e em seguida, dirigiam-se às salas da enfermaria para lerem uma mensagem, cumprindo a nobre tarefa de levar alento e esperança aos pacientes por meio da leitura em voz alta. A sessão durou uma hora.

²⁶ Creche/Escola de Educação infantil São Miguel Arcanjo

Figura 21- Alunos da EJA leem na Casa de restituição



Fonte: autora, 2018

Figura 22 - Alunos leem poema na Casa de restituição



Fonte: autora, 2018

A quinta sessão de mediação de leitura foi realizada na Casa de Restituição para dependentes químicos. Teve como objetivo ler poemas, mensagens reflexivas para os internos. Os alunos da EJA divididos em grupo leram poemas, apresentaram jogral e participaram da leitura cantada, conforme a seguinte programação literária: Jogral Jovem de valor(anexo), o coral cantou as canções *Ele não desiste de você*; *Raridade*; *Aleluia*; *Preciosidade* e leitura dos poemas: *Receita de Ano Novo* (anexo), de Carlos Drummond de Andrade, *Canto de Natal*, de Manuel Bandeira²⁷; *Cidadania, Os estatutos do homem*, ambos de Thiago de Mello²⁸ e leitura de trechos bíblicos. Os alunos compartilharam a leitura em voz alta de textos literários e não literários, deixando uma lição de cidadania naquele lugar. O tempo de duração da sessão foi de 1h50.

Figura 23 - Aluna lê versículo bíblico no Abrigo de idosos



Fonte: autora, 2019

Figura 24 - Aluno lê poema no Abrigo de idosos



Fonte: autora, 2019

A sexta sessão de mediação de leitura aconteceu em agosto de 2019, foi realizada no Abrigo dos idosos com o objetivo de compartilhar textos literários sobre a cidade. Esse momento foi intitulado de Recital literário miguelense. Os alunos tiveram a oportunidade de

²⁷ Poema extraído da obra *Meus primeiros versos*, – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001- (Literatura em minha casa).

²⁸ MELLO, Thiago de. *Os estatutos do homem* – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

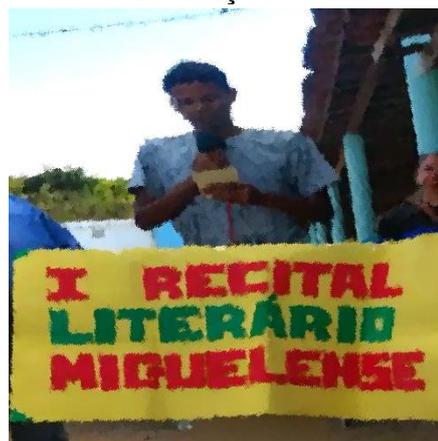
ler poemas livres de escritores miguelenses, versículos da bíblia e cantaram para os idosos (internos) e funcionários da instituição. A programação iniciou-se com a leitura em voz alta de um acróstico formando o nome da cidade – SÃO MIGUEL DOS CAMPOS – 18 alunos participaram, cada um leu uma frase. Na sequência, foram lidos os seguintes poemas em voz alta: *Minha cidade bela*, *Origem de um povo*, *Fatos históricos de minha terra*, *Rios de lágrimas*, *Feira da ponte*, *Ana Lins* (todos em anexo); trecho bíblico e a canção *Aos olhos do pai*. Houve uma boa interação entre os alunos participantes e o público presente. O tempo de duração foi de 1h30.

Figura 25 - Aluna lê poema na Casa de restituição



Fonte: autora, 2019

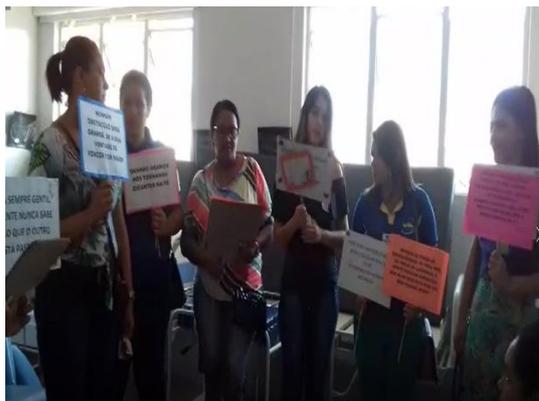
Figura 26 - Aluno lê poema na Casa de restituição



Fonte: autora, 2019

A sétima sessão de mediação de leitura aconteceu na Casa de Restituição Shalom com o objetivo de compartilhar leitura para aproximadamente 70 acolhidos entre adolescentes, jovens e adultos. Seguimos com a mesma programação do Recital literário realizado no Abrigo dos idosos. Conforme imagens acima, 15 alunos participaram lendo poemas livres e trechos bíblicos, além de canções apresentadas em forma de coral. Os poemas lidos em voz alta foram os seguintes: *Aniversário de São Miguel*, *Minha cidade bela*, *A feira da ponte*, *São Miguel dos meus encantos*, *Origem de um povo*, *Rios de lágrimas*, *Revelando a cidade* (todos em anexo), além da leitura de trechos bíblicos realizada por duas alunas e o canto das canções *Conquistando o impossível* e *Ele não desiste de você*. O tempo de duração da sessão foi de 2h.

Figura 27 - Alunas leem mensagens na Santa Casa de misericórdia de S.M.C



Fonte: autora, 2019

Figura 28 - Alunos participam de sessão de leitura na Santa Casa de Misericórdia de S.M.C



Fonte: autora, 2019

A oitava sessão de mediação de leitura foi realizada na Santa Casa de Misericórdia de São Miguel dos Campos com a finalidade de ler mensagens reflexivas de gentileza e de autoajuda para os enfermos, acompanhantes e funcionários do hospital. Como mostram as figuras acima, contamos com a participação de 13 alunos lendo em voz alta frases, trechos bíblicos, retirados de sites da internet, expostos em placas confeccionadas na escola. Formamos dois grupos para a entrada nos quartos da enfermaria – Alas Masculina e Feminina e na Clínica de Nefrologia. O tempo de duração da sessão foi de 1h40.

Figura 29 - Aluna lê história infantil autoral na Creche/escola



Fonte: autora, 2019

Figuras 30 e 31 - Alunas leem histórias infantis na Creche/escola



Fonte: autora, 2019



A nona sessão de mediação de leitura aconteceu na Creche Municipal São Miguel Arcanjo com o objetivo de ler em voz alta narrativas infantis para 100 crianças de 3 a 5 anos. Contamos com a participação de seis alunas que leram para as crianças. Na oportunidade, foram lidas quatro histórias infantis, uma de produção autoral da aluna da EJA²⁹, duas escritas por incentivadoras da leitura e cultura da cidade e a história *O mal do lobo mau*, de Cláudio

²⁹ Ana Alice Barbosa da Silva é aluna da V fase da Escola Municipal Mário Soares Palmeira. Casada, mãe de três filhos. Voltou a estudar depois de 10 anos fora da escola. É leitora. Gosta de ler livros para os filhos. O texto *O viajante e a fada* é de sua autoria, produzido logo após as oficinas de contação de história realizadas na escola.

Fragata; houve também a leitura do poema ilustrado pelos alunos, *Origem de um povo*, de Francisca Alves.

Gravações em vídeo, áudios e fotos

O quarto instrumento, gravações em vídeos, áudios foram utilizadas para registrar os momentos de leitura individual ou coletiva em sala de aula ou nos espaços externos da escola. Inicialmente, em sala de aula, muitos alunos, acreditamos que por timidez ou insegurança no ato de ler pela falta de prática, não permitiram que fosse feita a gravação na hora da leitura, mas no decorrer do trabalho alguns já se sentiam mais à vontade. Vale ressaltar, que a proposta era gravar vídeos de cada aluno no ato da leitura, porém em algumas sessões de leitura foram gravados pelo menos dois, devido à dificuldade que tivemos, em simultaneamente, está à frente da atividade, conduzindo a programação e também gravando esses momentos, por vezes, já deixava determinado um aluno colaborador ou o professor que acompanhava as turmas, ocasionando muitas vezes problemas técnicos, tornando o vídeo sem qualidade. Ainda assim, foram realizadas 12 gravações de vídeos. Contudo para completar a coleta dos dados, além dos 24 áudios, aproveitamos para justificar que não tivemos a totalidade da turma, pois muitos não permitiram a gravação. Houve também o registro imagético de cada atividade executada.

Relatos orais e escritos

O quinto instrumento utilizado para o desenvolvimento da pesquisa foi o relato escrito por alunos colaboradores, participantes das atividades e o oral (por meio de depoimentos e um escrito) dos ouvintes em cada sessão de leitura. Configurou-se em uma dupla função: recepção e impressões do texto escrito e/ou da sessão de mediação também materializado no relato de experiência – (apêndice D) e da avaliação do desempenho dos participantes direto no ato comunicativo.

4.4 A seleção dos dados e a perspectiva de análise

Conforme mencionado, anteriormente, para que a referida investigação fosse efetivada, buscamos promover várias atividades de leitura permitindo o acesso dos alunos a textos literários e não literários, selecionados a partir da proposta de mediação de leitura nos

espaços externos da escola como o abrigo dos idosos, creches, casa de restituição, o hospital local, considerando o público-ouvinte e a definição dos textos lidos conforme escolha dos alunos nas atividades em sala de aula.

As sete sequências didáticas permitiram-nos observar o envolvimento dos alunos em cada etapa nas atividades de leitura realizadas em sala de aula, evidenciando a experimentação com o texto escrito, o interesse em participar da leitura compartilhada em voz alta e o desenvolvimento para uma leitura mais fluente. Depois da seleção dos textos escritos, havia a preparação em sala de aula para o momento da sessão de mediação em um determinado espaço social.

O instrumento diário de campo foi utilizado para registrar os momentos de aplicação das atividades, nesta pesquisa, especificamente para analisar as nove sessões de mediação de leitura pelos alunos da EJA, possibilitando reflexões à prática docente.

A sessão de mediação de leitura foi pensada (inclusive adaptada) com o objetivo de envolver os alunos da EJA em práticas de leitura, possibilitando o contato deles com o texto (literário ou não literário) de forma que nesses estudantes fossem contempladas as dimensões imaginária, científica, espiritual, cívica, linguística e cognitiva (BAJARD, 2014). Logo, surgem as perguntas norteadoras dessa pesquisa: Quais possibilidades podem ser geradas com a prática do letramento literário? Atividades de mediação de leitura em ambientes externos à escola podem promover e sedimentar habilidades de leitura? Em que aspectos a prática da leitura em voz alta pode contribuir para a fluência leitora e a inserção do aluno ao letramento literário?

Depois de realizar atividade em sala em caráter de pesquisa exploratória com as turmas, conversas com a orientadora, e a professora colaboradora, inicialmente, elaboramos a proposta com quatro sessões de mediação, sendo que no desenvolvimento da pesquisa, sentimos a necessidade de realizarmos mais momentos para contemplar outras turmas, totalizando assim, nove sessões. Contudo para fins deste trabalho de pesquisa, analisamos apenas seis: duas para o público de criança, duas para jovens e adultos uma para o público de idoso. Para tanto, foram analisadas as sessões de mediação no Abrigo dos idosos, na Creche Municipal (Escola de Educação infantil), na Santa Casa de Misericórdia e na Casa de Restituição.

É oportuno, ressaltar que os espaços sociais foram analisados e escolhidos para efetivar também o ato comunicativo, dando oportunidade aos alunos utilizarem a língua para estabelecer relacionamentos sociais, potencializando-os para uma atuação mais autônoma e cidadã na sociedade.

5. ENTRE A LEITURA E A ESCUTA: O PAPEL DA LEITURA EM VOZ ALTA

Nesta seção, à luz de aportes teóricos deste estudo, analisaremos a leitura do texto escrito desde a sua seleção e preparação em sala de aula, a efetivação das sessões de mediação por meio da leitura em voz alta em espaços sociais, e os efeitos da escuta.

Sabe-se que a voz alta possibilita a ligação entre o texto, o leitor e o ouvinte. Bajard (2014) afirma que a transmissão vocal transforma a permanência do texto escrito em ato efêmero e único. Esse texto continua sempre o mesmo diante dos olhos do leitor, enquanto a voz do leitor é sempre nova aos ouvidos do ouvinte.

Logo, de acordo com o pesquisador, escuta e leitura abrem acesso à compreensão do texto escrito, embora não operem sobre a mesma matéria, pois uma é sonora, a outra, visual. Enfatiza ainda que a escuta é realizada por meio de uma comunicação ao vivo; já a leitura acontece dentro de um ato demorado e solitário. Inúmeras são as aprendizagens desenvolvidas tanto pela escuta quanto pela leitura, pois as duas põem em jogo operações cognitivas distintas (temporal/espacial), utilizam linguagens de acompanhamento diferentes (gesto/imagem), estabelecem relações específicas com o outro, com o mundo e consigo mesmo (presença/ ausência) (BAJARD, 2014, p. 96-97).

Consideramos que as práticas de leitura em voz alta contribuem tanto para a formação de quem as realiza, quanto para o ouvinte.

5.1 Leitura do texto escrito: a seleção e a preparação

Em sua estrutura, o texto escrito se submete à uma performance oral que implica no movimento do corpo, da voz. A leitura não só leva em conta os olhos, a voz, como também os ouvidos. Bajard (2014) considera que a voz alta publica a leitura do texto, por isso, é necessária uma leitura prévia tanto para a compreensão quanto para que não haja limitações na performance.

Em sala de aula, logo após a seleção dos textos escritos, considerando os espaços sociais e com foco nos respectivos ouvintes foram efetivadas as oficinas de leitura como o momento de preparação com a finalidade de apropriar-se do texto literário, pois “há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejado pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor” (CÂNDIDO, 1995, p.180). Em se tratando ainda do texto literário, Kefalás (2014, p. 122) complementa “abrem-se espaços para que o leitor não somente componha sentidos no texto, mas o performatize. O leitor é convidado a atuar no texto”.

Logo, o momento foi visto também para treinar a leitura em voz alta, conforme detalhado, anteriormente, na descrição das sequências didáticas.

Neste tópico, faremos um recorte para analisar etapas da VI e VII sequências didáticas conforme diário de campo, gravação de vídeo e seleção de áudios para fins de análise desses momentos de preparação.

Iniciamos a aula apresentando aos alunos a proposta de atividade de leitura, tendo como produto final a sessão de mediação de leitura na Casa de Restituição. Levando em consideração o público juvenil e adulto, bem como, o respectivo contexto social em que estavam inseridos, para tanto, selecionamos o gênero poema que mobiliza a comunicação em eventos de prática da leitura.

Distribuímos cópias (anexo) com os poemas de escritores locais, abordando a temática sobre a cidade. “Para uma eficaz preparação da leitura em voz alta, uma leitura prévia, um contato com o texto, através de uma primeira leitura silenciosa, realçando os mecanismos subjacentes que a leitura em voz alta partilha com esta prática leitora e que concorrem para a sua qualidade” (NÓBREGA, 2015, p.90). Após essa leitura silenciosa para a compreensão do texto literário, como o professor é o mediador nesse percurso formativo dos alunos, escolhemos um dos poemas, *Origem de um povo*, de Francisca Alves para ler em voz alta, não para servir de modelo, mas permitir por meio da leitura expressiva, que os alunos adentrassem no universo literário, percebendo também a sonoridade que é pertinente ao texto. Na sequência, os alunos escolheram um dos textos expostos na folha e a forma como seria lido para a turma, se individual, dupla, trio ou em grupo maior. Depois de um determinado tempo, convidamos os alunos para fazer a leitura em voz alta. Uma aluna leu o poema *A feira da ponte*³⁰, de Ernande Bezerra. Vejamos a transcrição.

R: [lendo] Feira da ponte/ Que bonito é a feira da ponte/ Vem gente de todo lugar/ Onde de tudo se encontra/ Para vender e para comprar. /Tem roupas, calçados e panelas, /Frutas, mariscos e verduras, / Cereais, alumínio e violas/ Bolos, bolachas e rapaduras. / Pregos, porcas e parafusos, /Selas, arreios e bugiangas;/ Quentinhas, picolés e sucos;/ Cervejas, carne seca e ciganas. / Tudo dela é divertido, / Os folguedos e as cantorias/ Sua história e sua gente/ Quem tem o dom da poesia. / Na quinta-feira, a feira se acaba/Todos na maior animação /E os feirantes vão embora / Com São Miguel no coração.

Durante a leitura, verificamos nitidez da aluna na oralização do poema livre com estrofe de quatro versos; na emissão vocal, a aluna leu de modo que o ouvinte compreendeu o sentido do texto. Na penúltima estrofe leu mais rápido os últimos versos, mantendo uma

³⁰ Áudio da leitura do poema feito pela aluna
<https://drive.google.com/file/d/1j-CfahsIltuLFNnOzo-3uU3YyXAXGfef/view?usp=sharing>

postura corporal adequada. Aproveitamos para dar algumas orientações consideradas relevantes na transmissão vocal, principalmente, quando estamos lendo para o outro, deve-se considerar “critérios linguísticos que compõem a materialidade sonora da emissão: o volume, altura, timbre, acento, ritmo, velocidade, pausas, regularidade, melodia e sotaque” (BAJARD, 2014, p.53-54). Nem todos quiseram ler em voz alta, mas como a atividade desse tipo já vinha acontecendo ao longo do ano, percebemos que muitos estavam lendo com fluência.

Selecionamos também para analisar uma leitura realizada com os alunos no pátio da escola como treino da leitura em voz alta em um ambiente aberto, amplo. O texto escolhido foi *A feira da ponte* para trabalhar além da emissão vocal, a postura corporal. Em pé, formando um círculo, juntos fizemos a leitura do poema. Destacamos nesse momento, ênfase às características da sonoridade e a própria temática do texto, explorando a performance do movimento da voz e do corpo. Nesse ato de ler, buscamos efetivar o que Kefalás apresenta acerca da noção do jogo do texto. Lendo e relendo, “percorrendo vias diversas de compreensão analítica e o modo de perceber a voz como meio de evidenciar caminhos de interpretação do texto” (KEFALÁS, 2018, p. 255). Durante a leitura coletiva, observamos ainda que em coro todos participaram da leitura oralizada com mais segurança, os alunos não se desconstruíam mais, usavam um tom de voz audível, a maioria estava fluente na leitura e eram poucos os que continuavam lendo em tom baixo. Sobre essa atividade, Nóbrega (2015, p.95) confirma, “a leitura em voz alta, em grupo, deve ser audível e expressiva, para além de congregar o interesse de todos, sendo uma responsabilidade não só de quem lê, como de quem ouve”.

Figura 32 - Alunos leem textos literários no pátio da escola



Fonte: autora, 2019

Analisaremos também a transcrição de quatro áudios³¹ nos primeiros momentos de preparação em sala de aula. Todos, inicialmente, expressam dificuldade de decodificação de algumas palavras.

Transcrição I

T: [lendo] Despedida/... Quando patiste/ minha alma chorava amargamente/Sentindo a separação daquele que me aqueceu ardetamente/Resta a lembrança, sentimento que entristece/Consola-me, só uma prece[...].

Transcrição II

E: [lendo] Origem de um povo/Minha terra tem palmeira/Mas não canta sabiá/As aves se refugia,/No galho do Jatobá. [...] /Minha terra tem César/Mas... são descendes de romanos/São grandes laquifundiários /Que larbutam no cortidiano[...].

Transcrição III

P: [lendo] Rios de lágrimas/ Não foi sonho. Sei que sonhei/Até posso lhe confessar/ Porque vi com os próprios olhos/A crise nesse lugar/ Presenciei o céu aberto/ Um triatro de... incerteza/Onde as crianças encenavam/ Uma das peças da probreza/Onde elas retardavam/ Os seus rios e ti-tristeza[...]

Transcrição IV

S: [lendo] Os verdes canaviais de minha terra/ Santo, santo São Miguel Arcanjo/Nome sagrado da nossa cidade,/A nossa fé não deixa morrer:/ O amor, esperança e muita felicidade,/As - belezas dos nossos campos/ São... os... verdejantes canaviais./ Salve a terra gran-des coronéis,/Seus engenhos bangues e usinas.../Nesta...terra cheia de bonança/De pessoas boas e hospitaleiras/Sempre cheia de esperança[...].

³¹ Áudios disponíveis em:

I- <https://drive.google.com/file/d/1F-18PmQZiHHINIvc2euIHJpoXLswWij0/view?usp=sharing>

II- <https://drive.google.com/file/d/1--ho0yJEF2uDJgQdDB1z4Qk7-0CbMVRR/view?usp=sharing>

III- <https://drive.google.com/file/d/1-6csZBsWnzfxUCXymGC2CqoAcF2ZQ-or/view?usp=sharing>

IV- <https://drive.google.com/file/d/149mHY7Y3Out-qXTF-wmdm2V6YmEiAOzP/view?usp=sharing>

Observamos que os alunos T, E e P por não terem familiaridade com determinadas palavras, a exemplo da transcrição I as palavras “partiste” e “ardentemente”; transcrição II “latifundiário”, “labutam”, “cotidiano”; transcrição III “teatro”, “retardavam”, articulavam com dificuldade a leitura em voz alta, evidenciando a troca de sílaba, acréscimos e omissões, erros de acentuação dos textos *Despedida e Origem de um povo*, ambos de Francisca Alves e *Rios de lágrimas*. Já a aluna S, transcrição IV passou a impressão que estava nervosa e gaguejou na pronúncia das palavras “grandes” e “banguês”, destacando o erro de acentuação na leitura do poema *Os verdes canaviais*, Antônio Valentim³². Percebe-se que fazer a leitura em voz alta para o outro pode ser constrangedor, causa insegurança para quem não tem o hábito de ler em público. Entretanto, vários pesquisadores reforçam que a leitura em voz alta contribui na construção da fluência e permite a compreensão do texto.

Logo, ressaltamos também a importância da leitura prévia para apropriar-se do texto e proferi-lo de forma adequada. Possibilitando desenvolver o aspecto socioemocional e estarem com mais tranquilidade e segurança no momento das apresentações públicas. Destacamos ainda alguns critérios considerados relevantes durante a leitura expressiva do poema, como a entonação de voz, as pausas, a respiração, os elementos cinésicos e o olhar para o outro.

Vale salientar que os alunos participantes das sessões de leitura, reconhecendo a relevância desses momentos de preparação, com autonomia, na escola, em sala de aula se prepararam, lendo várias vezes o texto, apropriando-se, treinando as falas para atuar com desenvoltura na hora da apresentação de cada grupo nos espaços sociais. Tudo isso, trouxe-nos alegria e a sensação de que estávamos começando a envolvê-los no prazer da leitura, vivenciando uma significativa experiência no contato com o texto e contribuindo para o domínio de linguagens: leitura/escuta e oralidade.

5.2 Leitura em voz alta: as sessões de mediação

A prática de ler em voz alta o texto literário foi efetivada nas sessões de mediação. Como já mencionado, anteriormente. A proposta da instituição *A Cor da Letra* foi adaptada para atender uma experiência de prática de leitura com os alunos da EJA de uma escola

³² Antônio Valentim é miguелense por adoção. Considerado um dos artistas da Terra dos Caetés. É sócio fundador da Academia Miguелense de Letras e Artes (AMILA), ocupante da cadeira de número 15, que tem como patrono Manoel Joaquim de Albuquerque Lins. Escritor de várias poesias e autor do livro de pesquisa *São Miguel dos Campos – seu rio e sua história* (2015), obra comemorativa dos 513 anos do descobrimento do rio São Miguel.

Municipal de São Miguel dos Campos com a intenção de inseri-los nas práticas do letramento literário, criando condições para efetivar a formação leitora desses estudantes, possibilitando-os a apropriação do texto literário e não literário, sendo contemplados também nas dimensões linguística e cognitiva (BAJARD, 2014) e assim tornarem-se como mediadores de leitura para públicos específicos: crianças, jovens, adultos e idosos.

Portanto, a sessão de mediação se constitui da seguinte forma: propiciar encontros dos alunos da EJA com o texto literário e não literário partilhado com um público ouvinte específico, em lugares diversificados, tais como pátio da creche, abrigo de idosos, hospital e casa de restituição. Organizada de forma pontual com base em uma programação literária para atender a esse público. As sessões são conduzidas pelas professoras e com a participação efetiva de alunos do ensino fundamental na modalidade EJA da própria escola. E para atender de forma adequada no ato comunicativo, esses estudantes recebem na escola uma preparação para atuarem na qualidade de mediadores de leitura. Dessa forma, buscamos promover tanto ao leitor quanto ao ouvinte a efetiva participação no processo de construção de sentidos do texto, além de possibilitar uma experiência literária.

De acordo com Nóbrega (2015, p.), a leitura em voz alta requer além da presença do texto, mecanismos de interpretação e compreensão do texto, mecanismos da fala e da oralidade. Nesse sentido, Bajard (2014, p. 56) complementa, “a necessidade de conhecer os textos para transmiti-los pela voz, leva os mediadores a praticarem a leitura fora da própria sessão de mediação”.

A partir do texto escrito da esfera literária, analisaremos as sessões de mediação considerando as categorias apresentadas por Bajard (2014, p. 53), os quatro “gestos” considerados estruturantes na transmissão vocal: “a extração do texto pelos olhos, a emissão vocal, o olhar endereçado ao ouvinte e a exposição do livro ao público.”

É oportuno ressaltar que para esta análise, além da recepção com o texto escrito, trataremos com maior frequência de apenas três gestos: a emissão vocal, a extração do texto pelos olhos e o olhar endereçado ao ouvinte, pois o quarto gesto - exposição do livro - será utilizado apenas na sessão de mediação de leitura na creche.

Bajard (2014, p. 13) ainda ressalta, que “o mediador propicia uma abordagem dupla da literatura, não somente sonora, mas também gráfica. Assim como um barqueiro, ele facilita a passagem entre as duas margens – auditiva e visual – da recepção.”

Logo, o propósito deste tópico é a partir das considerações sobre as sessões de mediação de leitura, analisar como os alunos atuaram e as receberam dentro do contexto da

pesquisa, buscando compreender o efeito dessa prática na inserção do letramento literário desses estudantes.

5.2.1 Sessão 1 - no Abrigo de idosos

Analisaremos a primeira sessão de mediação que aconteceu no abrigo dos idosos no município de São Miguel dos Campos com o objetivo ler textos literários para os idosos e demais funcionários daquele estabelecimento. Foi uma manhã de valiosa lição de solidariedade vivenciada por nossos alunos da EJA, que na oportunidade, compartilharam leituras com expressividade, passando muita emoção a cada apresentação. Percebíamos um misto de nervosismo ao ler e um olhar de compaixão ao ver a situação de abandono familiar de cada idoso presente naquele abrigo. Verificamos que os alunos conseguiram fazer uma leitura “daquele mundo”, antes mesmo de fazerem a leitura da palavra (a decodificação). Um sentimento de generosidade pairava naquele espaço. Vivenciamos naquele ambiente “o ato social da leitura” (COSSON, 2018).

Observamos que os alunos que receberam o texto com antecedência, treinaram antes, tiveram mais segurança ao ler. Seguindo uma programação denominada “literária”, uma aluna, por escolha dela em sala de aula, leu em voz alta com desenvoltura o texto *Colcha de retalho*, de Cora Coralina, mostrou que havia compreendido o texto, pois foi capaz de explorar entonação e pausas com expressividade (ANTUNES, 2003, p.79). Uma outra aluna também fez a leitura do texto *A história do lápis*, autor desconhecido (texto escolhido pela própria aluna para fazer parte da seleção dos textos lidos naquele lugar) com entonação significativa; os poemas *Retrato*, de Cecília Meireles e *Meus oito anos*, de Casimiro de Abreu foram lidos de forma dramatizada por duas alunas, caracterizadas de idosas, leram com expressividade com um caráter emocional à comunicação, elas prepararam a atuação mediante leituras prévias, conforme Bajard (2014), exploraram a função de expressões fisionômicas e de gestos (ANTUNES, 2003, p.104).

Naquele evento, os alunos puderam desfrutar de uma aula extra de leitura expressiva. Um poeta miguelense³³ esteve presente e na oportunidade leu três poemas de sua autoria, aproveitamos para chamar a atenção dos alunos a observar como os poemas eram declamados ou lidos por ele com uma performance, representada na transmissão de voz, expressão facial e corporal, entre outros aspectos relevantes para transmitir o texto literário de modo adequado.

³³ Poeta Vicente Minervino de Oliveira. Autodidata. Membro efetivo da academia Miguelense de Letras e Artes. Autor de vários fascículos de poemas em quadras. Seus textos também fazem parte da *Letras e lirismo valentes sinimbys: coletânea de poemas miguelenses* (2013).

Outro ponto observado, durante a sessão foi a apresentação do coral composto pelos alunos da V Fase “B” cantando a música “*Trem bala*” e em seguida, juntos com os alunos da V fase ‘A’ cantaram a música “*Aos olhos do pai*”. A sessão durou 1h30 minutos na manhã do sábado.

É importante ressaltar já nessa atividade, a presença da professora de Língua Portuguesa e alunos de outras turmas (V Fase B, C e D). A proposta da sessão de leitura foi partilhada na escola no momento hora/atividade e de imediato, a professora colaboradora reconhecendo a finalidade do projeto para uma aprendizagem significativa aos alunos da EJA se dispôs a participar da atividade.

Verificamos que os alunos se sentiram à vontade na leitura para os idosos. Leram, cantaram com entusiasmo, reconhecendo na leitura, um caminho para interagir com o outro. “Qualquer texto precisa ser lido como sendo o lugar de um encontro” (ANTUNES, 2003, p. 80). Os alunos se sentiram tão úteis no compartilhamento da leitura que já saíram perguntando: “Quando voltaremos aqui?”; “Gostei muito da oportunidade de ler para esses ‘velhinhos’.” Um aluno que não havia lido, disse que na próxima atividade de leitura, iria ler, percebi nessas falas que os alunos estavam tomando gosto pelo ato de ler. Saímos de lá com o compromisso de realizar uma outra sessão de mediação de leitura no mês de outubro no Dia do idoso (1º) ou durante a semana, porém, diante das atividades da escola naquele período, só foi possível realizar esse 2º momento em agosto de 2019.

O resultado dessa atividade proporcionou aos alunos, entre outros, perceber a importância do trabalho com a leitura. Uma experiência que gera transformação. Vejamos o registro da avaliação feita pela aluna colaboradora da V fase, participante da sessão de mediação no abrigo dos idosos em 2018.

“Minha experiência de leitura foi ver como um texto, uma música ou um poema pode alegrar um coração adormecido, ver aqueles velhinhos sorrindo, cantando, batendo palmas, trouxe, uma alegria que não coube dentro de mim e escorreu pelos meus olhos e o que era pra ser apenas um trabalho escolar se tornou um grande aprendizado de como o pouco pode ser muito e isso mudou meu jeito de percepção, hoje olho para os mais velhos com mais amor, compaixão e respeito a história que ele viveu. Sem contar na experiência marcante com a leitura, pois naquela oportunidade eu pude ler, interpretar o poema “RETRATO”, de Cecilia Meireles abordava o tema da sua juventude que passou. Por isso quero compartilhar mais a leitura para incentivar, emocionar e fazer rir”.

Neste relato, percebemos a satisfação da aluna em participar de um momento de partilha do texto literário, reconhecendo sua própria performance no ato de ler em voz alta. Observamos ainda que no ato da leitura, numa perspectiva do sujeito da experiência de acordo

com Kefalás (2012), a aluna não apenas compreendeu o texto lido, mas foi tocada por ele, interagindo com as palavras.

Socializaremos também o relato de uma aluna colaboradora em 2019.

“Sobre a visita do asilo de idosos nossa... que lugar triste! Mas ao mesmo tempo lugar que transmite uma paz enorme, gostei muito de passar o dia com eles, sei alguns ali não sabia que estava acontecendo, mas alguns ficaram atentos, senti uma emoção tão grande quase não me contive as lágrimas, mas meus olhos começaram a lagrimejar quando olhava no fundo dos olhos deles e sentia que eles não estavam felizes ali naquele lugar, e essa doeu muito, mas eu estava muito feliz e queria compartilhar um pouco da minha alegria, lendo para eles naquela manhã tive a oportunidade de ler o poema “Rios de lágrimas” junto com minha colega de turma. Mesmo nervosa acho que conseguimos ler bem para eles, porque já tinha em casa ensaiado e no final deu tudo certo. Amei a visita, espero que dias como aquele se repitam mais vezes”.

Além de descrever o espaço e a impressão acerca do público-ouvinte, a aluna também avalia sua performance no ato de ler em dupla, considerando que leram “bem” porque havia treinado antes, se sentiram mais seguras diante do texto escrito, mesmo estando nervosas diante do público. Conclui seu relato, expressando sua satisfação e o desejo de participar de outros momentos.

5.2.2 Sessão 2 – na Creche municipal

Na elaboração da proposta da sessão de mediação para crianças, foi planejado apenas um momento em uma das creches do município. Foi a primeira atividade de leitura para as crianças com o objetivo de ler contos infantis, os alunos divididos em grupo, usando um figurino atrativo, bastante colorido, leram os seguintes contos: *Pinóquio*; *A bela e a fera*; *Chapeuzinho vermelho*, *Cinderela*; apenas *Os três porquinhos* foi uma leitura dramatizada. É importante frisar que a escola entrou em contato com antecedência com a direção da Creche para informar sobre a ida dos alunos da EJA à Creche. A atividade aconteceu logo após a hora do lanche das crianças. Foi uma tarde bastante interativa e ver 15 alunos da EJA engajados na atividade de leitura, esforçando-se para fazer o melhor, interagindo com o público infantil, foi muito gratificante! Inicialmente, estavam tímidos, receosos, depois foram se envolvendo e deram conta da atividade proposta de compartilhar o texto, lendo em voz alta.

Averiguamos que durante a apresentação na creche apenas um grupo estava mais seguro, pronto, fez uma leitura mais envolvente, que chamou a atenção das crianças, talvez por estarem caracterizados, conseguiu prender a atenção daquelas crianças; o outro, pela falta de um integrante não foi realizada a leitura dramatizada, apenas a contação da história.

Percebemos que a aluna que fez a leitura estava sentindo-se insegura, a voz trêmula e baixa, ela ficou nervosa, não conseguindo atrair o olhar de muitas crianças para o livro e para sua fala, mas concluiu a leitura do conto *A bela e a fera* com bastante esforço.

Aquela situação nos fez repensar em outras estratégias para preparar melhor os alunos, principalmente, na leitura individual. Já a leitura dramatizada atraiu a atenção das crianças, os alunos-atores interpretaram bem seus personagens, a aluna leitora/mediadora atuou com segurança na transmissão da história.

Apesar da inexperiência como contadores de história, os alunos da EJA proporcionaram o contato das crianças com o mundo imaginário dos livros, de forma geral, “as histórias contribuem com diversos aspectos na formação de crianças e de jovens, elas propiciam o desenvolvimento de atenção e raciocínio, senso crítico, imaginação, criatividade, afetividade e transmissão de valores” (DOHME, 2013, p. 25). Podemos inferir que a aluna que contou a história dos *Três porquinhos*, explorou de forma adequada, mostrou que estava desenvolvendo o perfil de mediadora.

A repercussão da sessão no grupo de whatsApp da escola foi tão interessante que na semana seguinte, ao retornarmos à escola, a professora(colaboradora) de Língua Portuguesa das turmas da V fase B, C e D sugeriu que fôssemos para uma outra creche na parte alta da cidade para realizarmos mais uma sessão de leitura para crianças, agora, também com a participação de mais alunos. Logo, planejamos juntas mais uma sessão de mediação de leitura.

No segundo contato com o público infantil foi uma experiência ainda melhor que a primeira. Parecia que os alunos estavam mais aperfeiçoados. A sessão aconteceu em outra creche municipal em um bairro da parte alta da cidade com o objetivo de ler histórias para as crianças. Desta feita, cinco histórias foram lidas: *O mal do lobo mau*, de Cláudio Fragata, *Os dez amigos*, de Ziraldo. *Van Gogh e o passarinho Téo*, de Mércia Maria Leilão; *Música no zoológico*, Cecília Cavariere; *O dente de leite*, Socorro Miranda. *O mal do lobo mau*, foi lido por uma aluna da IV fase, houve a gravação desse momento de leitura (analisada, posteriormente).

Utilizando os livros para ler as narrativas infantis, os alunos da EJA interagiram o tempo todo com o público-infantil, tiveram posturas de mediadores experientes, atuaram com expressividade a cada texto lido, a cada história contada. Foi emocionante vê-los tão soltos, tão à vontade com o livro e as crianças. Vivenciando uma experiência significativa com as palavras.

Constatamos que os alunos fizeram uso dos quatro componentes considerados estruturantes na transmissão vocal: “a extração do texto pelos olhos, a emissão vocal, o olhar endereçado ao ouvinte e a exposição do livro ao público.” (BAJARD, 2014, p. 53), Para encerrar a sessão houve também a leitura dramatizada de *Os três porquinhos* o grupo fez uma excelente apresentação, estava com uma desenvoltura incrível, as crianças deram boas gargalhadas, percebemos que a boa atuação do grupo conseguiu atrair a atenção dos pequenos, uma média de cinquenta crianças presentes que interagiram o tempo todo no momento da dramatização. A aluna/leitora explorou toda a história, apresentando uma boa desenvoltura no ato de ler. É importante informar, que esta aluna era muito participativa nas atividades de leitura, observamos que a competência leitora foi desenvolvendo-se ao longo do processo e por já estar lendo com fluência e eficiência, a direção escolar a convidou para representar o corpo discente no evento de reinauguração da escola em dezembro fazendo a leitura de um agradecimento escrito por ela mesma com a minha intervenção . Observamos que ela leu com muita segurança.

Encerramos a sessão com a sensação de dever cumprido, agradecemos a equipe gestora por nos permitir realizar tão significativo momento de leitura, um encontro mágico do leitor – texto - ouvinte. E poder perceber que os alunos da EJA estavam tão envolvidos e motivados com essa prática social. Por meio da leitura em voz alta puderam transportar o ouvinte para outros mundos.

Deixamos registradas, aqui, algumas falas dos alunos participantes: “Que outros momentos como esse aconteça com mais frequência, professora.”; “Que tarde maravilhosa!” “Foi muito bom ver essas crianças interagindo a cada história contada.”; “Na próxima não esqueça de me chamar, professora, eu quero ir de novo.” “Percebi que li melhor, hoje, professora.”; “A peça ficou dez, hoje! (esse aluno fez uma análise comparativa da primeira apresentação do grupo na sessão anterior).

É importante informar que retornamos à Escola/Creche São Miguel Arcanjo em 2019 para realizarmos mais uma sessão de mediação de leitura, desta feita, com o objetivo de ler o poema ilustrado *Origem de um povo*, de Francisca Alves e histórias infantis *O viajante e a fada*, produção criativa e autoral da aluna Ana Alice (lido pela própria aluna que a escreveu); *Nair da Bertina – a menina de gingado no pé*, de Maria Conceição Malheiros³⁴; *As aventuras*

³⁴ Folclorista miguелense. Primeira secretária de cultura de São Miguel dos Campos. Coordenadora do Projeto Escola Comunidade. Primeira coordenadora do supletivo na cidade. Atuou por 16 anos na Secretaria de Cultura do município de Jequiá da Praia - AL. É membro efetivo da Academia Miguелense de Letras e Artes (AMILA). Gosta de escrever poemas e contos.

da indiazinha Sanambi, de Jossely Correia³⁵. Ressaltamos que essas histórias e o poema abordam a temática acerca de fatos e personalidades da cidade de São Miguel dos Campos.

Podemos inferir que a identificação com o contexto das histórias, o sentimento de pertencimento promoveu uma maior autonomia no momento de ler cada história. A aluna que leu a história *O viajante e a fada*, apresentou-se bastante segura durante toda leitura, interagiu com o público infantil, naquele ato, percebemos que o encontro entre mediador e crianças descortinou o universo das artes que recorrem à língua escrita. A comunicação consolidada pela transmissão vocal, possibilitou uma performance singular através da exposição do livro, a emissão da voz e o olhar (BAJARD, 2014), observamos uma leitura espontaneamente fluída e uma experiência relevante com as palavras.

A aluna que leu a história *Nair da Bertina - a menina de gingado no pé*, apesar de não ter treinado antes, mostrou segurança durante a leitura ao público infantil. Utilizou alguns gestos estruturantes na transmissão vocal como o resgate, mobilizando os olhos e a emissão; na sequência, a exposição do livro. A aluna que leu a história *As aventuras da indiazinha Sanambi*, leu também a história *O mal do lobo mau* com muita desenvoltura e expressividade, ou seja, teve também uma boa performance da transmissão vocal nas duas histórias lidas “em uma comunicação viva entre os protagonistas presentes: mediador e os ouvintes” (BAJARD, 2014, p. 65).

Constatamos que as histórias lidas provocaram a emoção, o encantamento e o envolvimento dos alunos. Contudo, a aluna que leu o poema ilustrado *Origem de um povo*, ficou muito nervosa e não conseguiu fazer uma leitura fluente com expressividade, assumiu o compromisso de ler o texto, mas no momento da transmissão vocal não se sentiu à vontade. Embora tenha se esforçado, observamos também que pela pouca familiaridade com o gênero, ela apresentou dificuldade na decodificação do texto.

Análise da gravação – Lendo uma história infantil na creche

Apresentaremos a seguir a leitura do texto realizada por uma aluna da IV fase.

³⁵ Professora da Educação infantil há 12 anos na Escola Conceição Lyra em São Miguel dos Campos, AL. Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas. É psicopedagoga. Gosta de trabalhar com o lúdico e contar histórias. Já escreveu várias histórias infantis: *A indiazinha Sanambi*, *O país dos bonecos*, *O menino e as sementes*.

A transcrição dessa leitura foi feita da forma mais aproximada possível da escrita padrão, seguindo a do texto original, que se encontra anexo. As inserções em meio à leitura foram destacadas entre colchetes.

<p>A.: (...) Aaaah era uma ovelhiiiiinha Tão branquinha! Tão redondinha! Um pouquinho de algodão. Maaas para o lobo, advinha? Era uma grande tentação. O malvado ficou boquiabeeertooo Vendo a ovelhinha tão perto Derramou-se em atenções Fingiu-se de bonzinho cheio de más intenções. A ovelha não conhecia O paciente assim valente Que os remédios engolia sem manhã sem rebeldia Moço tão obediente! [Quem gosta de tomar remédio, aqui?] [Faz careta feia?] [Eu não gosto não de tomar.] [Tu gosta?] O lobo sorria contente. Arreganhava os dentes até na hora da injeção E a ovelhinha encantada com tanta comemoração Era somente a três Da colher do velho xarope fazia aviãozinho O lobo lambia os berços com a cara de coitadinho! A ovelha se desisperava. Se o lobo o lobo reclamava de dor aqui e outra ali -Escute só viu! Até a cama ela trocava quando a fera fazia xixi -Quem faz xixi aqui na cama? Assim, tão paparicado, logo o bicho foi curado Das tremedeiras, maaas Não quis sair do lado da sua doce enfermeira (Olha a doce enfermeira dele! (Apontando para ao aluno personagem)</p>	<p>Só que o bom dura pouco, o lobo ficou quase louco no dia que teve alta Mentiu que estava rouco... tá rouco? (se dirige ao aluno personagem lobo) Não, não se entregou a peraaalta Disse que estava pelangudo, maaais pelado do que peluudo! [-Ele é bem peludo, né nosso lobo mal?] Que tinha coceira na orelha Inventou um pouco de tudo Pra ficar perto da enfermeira. [É cera, né?] [Quem limpou o ouvido, hooje?] [Que boom!] Tossia, tossia! Psiu! O fingido pediu pastilha de hortelã. [Quem gosta de pastilha de hortelã?] [Que bom que gostam de tudo!] Disse que ... é... disse com olho comprido que a vida não tinha sentido, sem um cobertoziinho de lã! Sinto um...Sinto uma dor que...que me corrói Soluçou nosso herói. A febre deixou em brasa, ninguém vê estou dodói Não posso voltar pra casa! Errou quem tinha piolho aaaahhhh Precisava ficar de molho E ninguém sentia pena Depois, pelo canto do olho Conferiu o efeito da cena. De nada valeu a trama. Quando percebeu a traama O doutor pôs fim na festa. Logo levantou-se da cama E voltou enfim à floresta [Tchaaaaau!] [Vamos dar tchau ao lobo!] Hooje, pensa na ovelhinha Sente um ui no abdôme Senti um ai no coração Não sabe se é de fome Não sabe se é de paixão! [Tchaaaaau!]</p>
--	---

Analisaremos o perfil leitor da aluna da IV fase ao ler a narrativa infantil *O mal do lobo mau* em uma sessão de mediação na creche, verificar se ela realmente atuou como uma

leitora proficiente. A partir da gravação³⁶ e fundamentada em Bajard (2014), observaremos os seguintes aspectos: postura da mediadora, a transmissão vocal do texto, os gestos, a desenvoltura entre outras atitudes necessárias à formação do leitor/mediador.

À escolha da aluna leitora/mediadora, a história foi lida com o auxílio do livro (mostrando ilustrações e dois alunos dramatizando algumas cenas) houve também interferências com os pequenos ouvintes.

É importante frisar, que desde a proposta apresentada em sala de aula, a aluna mostrou-se entusiasmada em participar da sessão de mediação, inclusive, muita determinada, fez a escolha do próprio livro que tinha em casa e acreditamos que fez várias leituras para compreender a história e interpretá-la de forma expressiva.

No dia da apresentação, a aluna escolheu ler a história em pé com os ouvintes à sua frente, essa escolha já permitiu expressividade à performance da mediadora. Percebemos que estava bem à vontade. Na transmissão vocal, fica evidente a materialidade sonora da emissão, durante a leitura muitas palavras eram destacadas pela intensidade e duração a exemplo de, “Aaaah era uma ovelhiinha”; “boquiabeeertoo”, entre outras destacadas na transcrição. Observamos também, que a aluna utilizou as expressões faciais e corporais, interagiu com o público (expressões entre colchetes) e com os dois alunos que representavam personagens da história lida (expressões entre parênteses, tornando a leitura mais envolvente).

Observamos que a aluna mostrou que conhecia o texto, ou seja, primeiro teve uma experiência de deleite com o texto, pois com os olhos o varria para extrair um fragmento e assim emiti-lo, olhando para o público, isto é um resgate, a extração de um trecho do texto por meio de uma exploração visual rápida segundo Bajard (2014, p.55) e de forma dinâmica fez a exposição do livro permitindo às crianças o acesso ao universo da literatura, possibilitando também o letramento e iniciação à leitura. Segundo Kleiman (2002), “flexibilidade na leitura, não apenas em procedimentos, mas em ações que o façam chegar aonde queira, de forma consciente, reflexiva e intencional, são habilidades linguísticas, características do leitor proficiente”.

Vejamos o registro da avaliação feita pela aluna colaboradora da IV fase, participante da sessão de mediação na creche. A transcrição foi realizada conforme a aluna escreveu.

*Bom, eu aluna tive um privilégio de ser uma leitora.
Confesso que não foi fácil, foi muito pensamento: - “Ah, eu vou gaguejar,
vou ler tudo errado e etc.”*

³⁶Vídeo acesso em: https://drive.google.com/file/d/1g9e-pIdD4SFBI_S9OVXyJsycmzvrHg-/view?usp=sharing

Daí eu disse para mim mesma “Eu irei conseguir”, e consegui, simplesmente entendi que iria dá um pouco de mim, da minha atenção para alguém que precisa de um minutinho de atenção. Minha primeira experiência foi ler uma historinha infantil para crianças e simplesmente amei! Reforçou mais meu desejo futuramente ser uma professora, exercer minha função com amor e carinho (ALUNA IV FASE).

Notamos a satisfação da aluna com experiência literária vivida, permitindo-lhe uma reflexão sobre o ato de ler para o outro, bem como, a confirmação de perspectiva de sua atuação futura.

Seguem abaixo mais dois relatos de outros alunos colaboradores, participantes também da sessão de mediação na creche.

Em 2018 na escola tivemos uma experiência de leitura foi uma experiência boa, perdi um pouco de vergonha de ler. Porque lemos uma história e fizemos uns tipos de personagem que baseava naquela história que as crianças gostam e baseamos essa história em um tipo de desenho, as crianças gostaram da história e se divertiram também. Por isso é importante ler e aprender, a leitura é tudo na vida do ser humano. Nós viajamos por um mundo de imaginação. A leitura trouxe mudanças na minha vida, porque eu aprendi mais a ler e também pretendo aprender cada vez mais, fizemos um tipo de leitura representando personagens para as crianças na creche: Josefa Benedito e São Miguel Arcanjo, as crianças se divertiram muito. O que eu tenho a dizer é que aprendi a ler mais nesses momentos e gostaria que tivesse mais momentos como esses (ALUNO V FASE A).

Averiguamos neste relato que a prática da leitura foi significativa na aprendizagem do aluno, pois permitiu mudanças em sua postura de leitor, no momento, sentia-se mais seguro quanto ao ato de ler. Vejamos ainda o relato da participação de uma aluna em 2019.

...foi maravilhoso pois estar na creche lendo para aquelas crianças e ver elas interagindo, compartilhando também, tudo que virão em sala de aula pra mim é de grande orgulho ter sido uma das leitoras das histórias contadas e recontadas... uma experiência única para levar pra sempre na memória e no coração. Esse ano termino o ensino fundamental, mas vou sair do Mário com muita experiência e muito conhecimento. Vivi aqui momentos lindos e alegres a cada história e textos contados irei para o ensino médio, mas com muita saudade dessa escola... (ALUNA V FASE C).

A aluna mostra-se satisfeita com sua participação enquanto leitora, pois percebeu que houve reciprocidade no ato de ler. A leitura gerou interação por meio da escuta. A história lida trouxe à memória dos alunos-ouvintes assuntos já estudados em sala de aula. De acordo com Bajard, 2014, p.13), o mediador propicia uma abordagem dupla da literatura, não somente sonora, mas também gráfica. Assim como um barqueiro, ele facilita a passagem entre as duas margens – auditiva e visual – da recepção.”

5.2.3 Sessão 3 – na Santa Casa de Misericórdia

Analisaremos a leitura feita por seis alunos, participantes da segunda sessão de mediação de leitura no hospital local - Santa Casa de Misericórdia de São Miguel. Segue a transcrição dos textos lidos em voz alta por alunos da EJA. Vale ressaltar que foram textos curtos como frases e pensamentos com mensagens de encorajamento e fé para os enfermos/internos, acompanhantes e também funcionários. No total foram treze alunos que participaram como mediadores.

A1 – *“Apesar de todas as tempestades, todos os tropeços, todas as lágrimas, a gente sempre tem que acreditar que algo bom está por vir. Não tenhas medo! ... Enquanto houver fé, haverá esperança para vencer!”*

A2 - *“A fé é o caminho que nos faz ver a vitória.”*

A3 – *“Nenhum obstáculo será grande... se a sua vontade de vencer for maior.”*

A4 – *“Apesar de todas as enfermidades, de toda dor, de todas as lágrimas, a gente precisa acreditar que algo bom está por vir. Não tenhas medo!”*

A5 – *“Eu aprendi que eu sempre posso fazer uma pre-ce por al-guém quando não tenho a força para ajuda-lo de alguma outra forma.”*

A6 – *“Quando passares pelas águas, estarei contigo e quando pelos rios, eles não te submergirão. Quando passares pelo fogo não te queimarás, nem a chama arderá em ti”.*

Durante a leitura realizada nas alas da enfermaria feminina e masculina do hospital local, observamos que os alunos 1, 2, 3 e 6 utilizaram alguns gestos que configuram uma postura de mediador de acordo com Bajard (2014), além da boa comunicação por meio da transmissão vocal dos textos escritos, usaram o olhar para interagir com o seu interlocutor. Percebemos que os alunos 4 e 5 tiveram dificuldade na decifração de algumas palavras que não são comuns no vocabulário deles, logo não conseguiram fazer uma leitura fluente com expressividade.

Socializaremos o relato de uma aluna participante, expressando sua experiência de ler em voz alta para ouvintes no hospital.

A leitura no hospital foi a que eu mais gostei, porque vendo aquelas pessoas acamadas com os pensamentos de fé nos passa uma coragem, um prazer de estar ali lendo palavras de consolo. Confesso que fiquei um pouco nervosa, mas quando comecei a ler achei bem legal a reação das pessoas era a melhor, se emocionaram e juntos nos emocionamos, alguns choraram uma delas foi ao ver aquelas pessoas sem poder sair dali, os familiares crentes em que eles saiam logo, mas eu gostei muito mesmo... (ALUNA V FASE A).

Dois pontos são interessantes e se sobressaem nesse relato. Primeiro, a compreensão da proposta da atividade de leitura, potencializou o ato de ler da aluna, mesmo reconhecendo que estava nervosa, que é compreensível, pois além da emoção, estava diante

de um público que não lhe é comum no dia a dia, mas fez a emissão do texto com habilidades linguísticas necessárias ao leitor. O segundo ponto, a própria experiência com o texto escrito, expressando satisfação em transmiti-lo.

5.2.4 Sessão 4 – na Casa de Restituição

A sessão de mediação foi uma noite de muita leitura compartilhada na Casa de Restituição para dependentes químicos, localizada na área rural da cidade em um povoado chamado Coité, teve como público-alvo jovens e adultos. Com o objetivo de ler poemas, mensagens reflexivas para os internos (pessoas que buscam mudar de vida), os alunos da EJA divididos em grupo leram em voz alta poemas, apresentaram jogral e participaram da leitura cantada, seguiram a seguinte programação literária: Jogral Jovem de valor, o coral cantou as canções *Ele não desiste de você*; *Raridade*; *Aleluia*; *Preciosidade* e leitura dos poemas: *Receita de Ano Novo*, de Carlos Drummond de Andrade, *Canto de Natal*, de Manuel Bandeira; *Cidadania*; *Os estatutos do homem*, de Thiago de Mello e leitura de trechos bíblicos.

É importante ressaltar, que esta sessão, inicialmente, foi planejada apenas para os alunos colaboradores dessa pesquisa (IV e V Fase), porém ao partilhar a proposta pedagógica na escola, a outra professora de Língua Portuguesa do noturno, também quis envolver seus alunos nesta ação de leitura. Uma parceria que vinha acontecendo desde a 2ª sessão de mediação quando compreendemos a necessidade de trabalhar este projeto de leitura com todos os alunos da EJA.

Esses alunos reconhecendo a importância da leitura estavam entusiasmados para participar dessa prática social. Naquela oportunidade, acontecia uma aula de cidadania, mais de setenta alunos estavam muito disciplinados e concentrados a cada apresentação. Aqueles que leram, fizeram com uma certa desenvoltura, percebemos que alguns estavam tímidos, nervosos, a exemplo, dos alunos que leram em grupo o poema *Receita de Ano Novo*, mesmo tendo treinado em sala de aula, estavam desarticulados, não leram com expressividade, não conseguiram tirar o olhar do papel; já o grupo que apresentou o texto *Jovem de valor* em forma de jogral (alunos da V fase A), leu de forma rápida com vozes que alternavam e variavam em velocidade e volume, interpretando muito bem o texto, constatamos o aprimoramento da elocução e pronúncia dos alunos (COSSON, 2018, p.109). Um outro grupo de alunos da IV Fase escolheu ler trechos da bíblia (versículos), mesmo nervosos para a leitura em público, conseguiram compreender o texto e assim passar para os ouvintes de forma audível a mensagem reflexiva. Três alunas da V fase B e C fizeram a leitura individual

dos poemas *Canto de Natal*; *Cidadania*; *Os estatutos do homem*. Cada uma leu pausadamente o texto considerando a entonação, conforme a pontuação.

As leituras compartilhadas em voz alta eram alternadas com o canto das músicas escolhidas pelos alunos e ensaiadas em sala de aula. Entre outros, a sessão teve como propósito auxiliar aqueles internos no processo de recuperação com mensagens literárias e reflexivas. E para os nossos alunos a prática da leitura, buscou o envolvimento do leitor com o texto, promovendo “a construção literária dos sentidos, isto é, o letramento literário” (COSSON, 2018, p. 116). A sessão durou 1h50, permitindo uma lição de cidadania a todos os envolvidos na ação.

Retornamos à Casa de Restituição Shalom para realizamos mais uma sessão de mediação de leitura, na ocasião, os alunos compartilharam novamente textos literários em voz alta para os acolhidos ali presentes, aproximadamente setenta entre adolescentes, jovens e adultos. Consolidamos a programação do Recital literário miguelense (conforme mencionado anteriormente no diário de campo). Desta vez, os alunos da EJA tiveram oportunidade de ler poemas livres de escritores miguelenses como forma de resgatar as expressões artísticas, culturais e histórica da cidade, partilhando com o público-ouvinte.

A partir da observação participante e de gravação de vídeos, analisamos que os alunos que leram individualmente os poemas *Aniversário de São Miguel*, de Vicente Minervino, *Origem de um povo*, de Francisca Alves, *A feira da ponte*, de Ernande Bezerra tiveram uma performance melhor no ato de ler, além da habilidades linguísticas. O olhar no texto para o resgate e rapidamente voltado para o público. Os textos *São Miguel dos meus encantos* e *Rios de lágrimas* foram lidos em duplas, conforme escolha em sala de aula. Verificamos uma leitura fluente com entonação na emissão da voz, mas o olhar muito focado no texto. Já o texto *Revelando a cidade* foi lido em forma de jogral, percebemos que pela falta de um treino mais intenso, o nervosismo, a timidez de alguns alunos que nunca leram para público externo, a leitura não aconteceu de forma expressiva.

Duas alunas da V Fase também avaliaram a sessão de mediação na Casa de Restituição. Transcrevemos seus relatos da forma como os escreveram. Denominamos Aluna 1 e Aluna 2, seguindo a ordem alfabética de seus respectivos nomes.

(...) É a minha primeira experiência foi indo a biblioteca com a nossa turma de sala, foi bom conhecermos escritores de alguns livros, nós apresentamos lendo algumas histórias e foi muito importante, porque eu não gosto de ler, mas com essas experiências, estou começando a gostar aos poucos. A segunda experiência é que fui a casa de recuperação Shalom, ali vi umas pessoas que querem melhorar e viver para o bem, eu acredito na força de

vontade que eles tem e ali, nós colegas de classe levamos palavras de conforto (...) (Aluna 1).

Sobre a visita a “Shalom” foi bem legal, fizemos leituras, ouvimos histórias, aliás relatos verdadeiros de alunos da escola que eu frequento, cantamos para Deus, e Deus honrou nossa fé, no final deu tudo certo. Eu e minha colega de turma recitamos um poema chamado “Rios de lágrimas” ficamos muito nervosas, medo de começar a gaguejar e medo de travar e não sair nada da nossas bocas diante daqueles olhares, mas sabíamos que tínhamos que fazer aquilo para ajudar quem estava lá dentro, sei que não é um presídio, sei que eles não são sozinhos, mas sei de uma coisa, quando eles vão dormir vem lembranças de casa, da uma saudade da família, saudade de ficar no ponto conversando com os amigos e isso me motiva a ler diante de todos, mesmo com medo. (Aluna 2).

No primeiro relato, observamos, que a aluna 1, indiretamente, faz uma análise comparativa de seus avanços quanto ao prazer de ler, a partir de uma leitura para ela mesma à leitura para o outro, ressaltando ainda a importância dessas experiências. Conclui, reafirmando a relevância em ler naquele espaço social. No segundo registro, a aluna 2 se refere a leitura em voz alta que fez do poema junto a colega como ‘recitação’, mas destaca que estavam mais preocupadas de como os ouvintes iriam receber a mensagem, embora motivadas a ler, cientes do papel enquanto mediadoras de leitura naquele lugar.

Vale ressaltar que a avaliação das atividades de leitura foi realizada com todos os alunos, porém selecionamos algumas (conforme citadas, anteriormente) para analisar se essas atividades propostas alcançaram os objetivos estabelecidos para o desenvolvimento do letramento literário com foco na formação do leitor e na mediação da leitura em voz alta por intermédio dos alunos. Vejamos mais um relato que avalia a ação de leitura de forma geral.

Habitualmente a leitura de ordem didática é realizada dentro da escola e pontualmente na maioria das vezes na sala de aula. Mas neste ano letivo de 2018 vivenciamos experiências diferentes no âmbito da leitura; começando com a leitura de textos de livros variados no pátio da escola, seguido por visita a casa (abrigo para idosos) onde apresentamos leituras de contos, poesias, músicas e outras apresentações. Também para as creches leitura para os pequenos, através de contos infantis e apresentação teatral, leitura de história em quadrinhos na quadra de esportes da escola, onde ‘revivenciamos’ experiências remotas que nos trouxeram memórias esquecidas.

Enfim foram experiências inovadoras e bastante prazerosas, as quais vamos levar como boas recordações deste ano letivo de 2018 (Aluna da V fase).

É oportuno destacar que a avaliação feita de forma oral ou escrita (apêndice C) pelos alunos colaboradores evidenciou que as atividades de leitura tornam-se prazerosas, quando fazem sentido para eles, logo, é necessário sempre ter um propósito comunicativo para que se sintam partícipes desse processo de interação social.

Ademais, todo processo educativo exige uma avaliação para compreender o percurso formativo, as dificuldades que surgem durante o desenvolvimento das ações pedagógicas e os avanços alcançados no ensino, por isso aplicamos dois instrumentos: autoavaliação (apêndice C) e o relato da experiência de leitura (apêndice D) para que também o próprio aluno pudesse refletir sobre o seu desempenho durante a atividade de leitura em voz alta, destacando a experiência com o texto escrito.

É pertinente, transcrevermos ainda, algumas aprendizagens e comentários dos alunos acerca da experiência literária vivenciada nas atividades de leitura em voz alta na escola e nos espaços sociais.

“Aprendi a me abrir mais com as pessoas. Apesar de perder meu nervosismo, eu também perdi a timidez com a leitura em sala de aula”.

“Conheci a nossa história através da leitura. Desenvolvi ainda mais na leitura”.

“Todos os eventos foram bons porque me ajudaram a perder um pouco da vergonha que eu tenho de ler em público”.

“Aprendi que a porta para um sonho é a leitura. Aprendi a combater a vergonha...”

“Eu tive muito conhecimento. Participar de várias leituras. Foi gratificante fazer parte da vida de cada pessoa daquele local, ajudando com uma mensagem”.

“Na sala de aula, leio alguns textos e histórias em voz alta e ao meu ver, a leitura hoje é uma forma de aprendizagem muito importante para todo mundo. A leitura nos ensina a melhorar em muitas coisas”.

Esses comentários escritos pelos alunos expressam que o aprendizado ocorreu por meio do contato com o texto literário, logo, nos incentivam a continuar realizando atividades que promovam o aperfeiçoamento pessoal e o desenvolvimento cognitivo. Diante desses relatos, tivemos a certeza que estamos no caminho certo. Por isso, reafirmamos o pressuposto pedagógico de que as habilidades em qualquer atividade se desenvolvem e se aperfeiçoam pela prática.

5.3 Escuta: uma reflexão sobre os relatos dos ouvintes

Bajard (2014) afirma que a escuta do texto é uma primeira entrada no mundo da escrita e ocasiona efeitos diretos de letramento.

A escuta do texto não enriquece apenas a língua oral, ela revela também ao ouvinte modalidades de funcionamento do texto.

Retornamos aos espaços sociais onde realizamos a sessão de mediação de leitura para recolher relatos de forma oral ou escrito de alguns ouvintes quanto à receptividade à leitura realizada em voz alta pelos alunos/leitores da EJA.

No Abrigo dos idosos, recolhemos o relato oral de dois idosos, perguntamos para um senhor e uma senhora o que acharam da leitura em voz alta dos alunos e se gostaram da seleção de textos literários compartilhados. Segue a transcrição das respostas:

M – *Os alunos apesar de estarem nervosos, leram bem. Os textos melodramáticos. Não gosto desse tipo de texto* (J.M.F).

F – *Momento de divertimento. Gosto de ouvir as pessoas lendo* (M.F.F.S).

Levar a literatura por meio da leitura para outros espaços era também nosso propósito, reconhecendo que o contato do leitor e do ouvinte com texto literário proporciona experiências cognitivas, emocionais, além de culturais. Como observamos, na resposta do senhor, houve a compreensão do texto a partir da emissão vocal dos alunos, porém a recepção ao gênero textual e a respectiva temática não foram bem aceitas por ele. Já a senhora considerou a leitura em voz alta do texto literário um encontro de alegria, efetivando-se naquele ambiente, “um exercício de convivialidade” (BAJARD, 2014). Essa prática permitiu tecer laços de solidariedade.

Na Creche-Escola São Miguel Arcanjo recolhemos três relatos de crianças que participaram da segunda sessão de leitura realizada durante a pesquisa. Foram lidas as histórias *O viajante e a fada*, *As aventuras da indiazinha Sanambi*, *Nair da Bertina - a menina de gingado no pé, o mal do lobo mau*. Perguntamos o que acharam da leitura dos alunos da EJA e se gostaram das histórias lidas.

M1 - *Gostamos da leitura delas, (as alunas) leram bem e alto, mas uma falou baixinho, ficou vermelha porque acho que ela lembrou da família. Gostei mais da história do “Viajante e a fada” porque me chamou mais atenção. Ela leu alto e entendi a história* (B.E.S. 06 anos).

M2 – *Gostei muito da história da indiazinha. Ela (aluna) conversou com as crianças na hora de ler a história. Foi legal!* (J.E.S. 05 anos).

M3 – *Gostei das histórias. Elas leram com uma voz mediana. A do “Viajante e a fada” chamou mais a minha atenção porque tinha um jacaré que se transformou em um príncipe. Lembro também da indiazinha que chamou os animais da floresta para fazer uma reunião para não poluir o rio de São Miguel. Foram histórias interessantes* (E.E.G.F. 05 anos).

Como podemos observar, os alunos além de avaliaram a postura das alunas mediadoras, relatam com precisão cenas ou personagens das histórias escutadas e vistas, dessa

forma, torna-se evidente a mobilização da atenção dos alunos na atividade. Logo, destacamos também a contribuição da voz na compreensão do texto por meio da escuta. “Como a criança conhece a língua oral, é possível de compreender qualquer mensagem escrita em mensagem vocal. A compreensão, por sua vez, se daria a partir da língua oral já dominada” (BAJARD, 2014, p.17).

Percebemos ainda que as perguntas suscitaram reflexão sobre as operações mentais efetuadas, gerando descobertas linguísticas do código gráfico, possibilitando futuramente, o seu domínio (BAJARD, 2014). De acordo com Amarilha (2013, p. 41) “escutar história é a satisfação de experimentar-se como ser pensante.” Sendo assim, corrobora com Bajard quando diz que “a escuta inicia o letramento da criança”.

Na Santa Casa de Misericórdia, conseguimos registrar alguns depoimentos orais de pessoas que estavam no momento da sessão de leitura. “Agradecemos as mensagens positivas que vocês expressaram” (um paciente); “Parabéns pelo lindo trabalho com palavras de fé e alento!” (uma acompanhante); “O hospital está sempre de portas abertas para esses momentos”. “Venham mais vezes”; “Gostaríamos que essas atividades de leitura acontecessem com mais frequência” (funcionárias das enfermarias).

Verificamos nas falas que os ouvintes ali presentes, cada um dentro de um estado emocional, apreciaram os textos, a atuação dos alunos e compreenderam as mensagens lidas por eles. Além disso, o reconhecimento dessa prática social gerou satisfação e segurança na transmissão vocal e/ou performance do grupo participante.

Socializaremos também a transcrição na íntegra do relato escrito de um ouvinte da Casa de Restituição Shalom:

No dia 05/10/19 fomos agraciados com a visita dos alunos da Escola Mario Soares, vieram com o intuito de nos pôr a par da cultura e da poesia do município de São Miguel dos Campos; cantaram músicas e declamaram poesias de poetas miguелense.

Os alunos dotados de uma excelente dicção e de fácil entendimento, causando em nós uma alegria e contentamento pois como dependentes químicos a “sociedade” em parte nos esqueceu, e estes pequenos cidadãos nos deram um exemplo de cidadania, empatia e gentileza (M.C.S).

Nesse relato observamos que o objetivo da atividade foi alcançado, pois a escuta proporcionou compreensão dos textos lidos pelos alunos, isso evidencia que esses alunos/leitores fizeram uma leitura prévia dos textos escritos para então, atuarem com segurança como mediadores de leitura, pois utilizaram uma boa entonação, gestos, expressão

corporal permitindo uma forma adequada na comunicação significativa para o público-ouvinte.

Sabemos que a mediação promove a interação entre autor-texto-leitor, e neste caso, também o ouvinte. Segundo Moura e Martins (2012, p.88-89), o trabalho de mediação de leitura exige a compreensão como uma atividade social, dinâmica que exige do leitor, além de conhecimentos linguísticos, experiência de mundo para processar as informações contidas no texto e encontrar uma performance para um melhor dizer no ato comunicativo.

Analisar as sensações e reações dos ouvintes de cada espaço social foi fundamental para compreender se a prática da leitura em voz alta do texto literário e não literário realizadas nas sessões de leitura contribuíram na aprendizagem dos alunos, bem como, apontaram aspectos relevantes para ressignificar as atividades de intervenção pedagógica.

Na próxima seção apresentaremos nossas considerações finais acerca desta pesquisa, expondo as possíveis contribuições deste estudo para as práticas de leitura, desenvolvidas em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa investigação tem evidenciado que a leitura é uma prática que pode promover mudança qualitativa na cognição do aluno, pois, ao mesmo tempo que é uma questão linguística, pedagógica, é também social (ORLANDI, 1988) e contribui no processo de letramento, permitindo ainda uma experiência de fruição com o texto literário.

Este estudo analisou a prática da leitura em voz alta do texto literário com foco na formação do aluno/leitor da EJA para a promoção do letramento literário. Para a análise dos dados nos aportamos em Bajard (2014 a e b), Freire (2011), Silveira (2015), Kleiman (1995), Soares (2004), Kefalás (2018/2012), Cosson (2018/2019) entre outros teóricos que a partir de suas abordagens acerca das práticas de linguagem – leitura/escuta, dialogaram, evidenciando aspectos relevantes nessa investigação e também como forma de contribuir com outros pesquisadores que tenham interesse em se debruçar nos estudos acerca do letramento literário.

Inicialmente, constatamos que, no ensino de Língua Portuguesa na modalidade EJA, os desafios são inúmeros para trabalhar a formação do leitor dos alunos da IV e V fases de uma escola municipal, porque são jovens e adultos que fazem parte das camadas menos privilegiadas da sociedade, que vêm de um processo irregular de escolarização. Oriundos de classes com baixo nível de letramento, conseqüentemente, apresentando dificuldades de ler com fluência e com maior autonomia; como também, sem familiaridade, sem uma vivência significativa com os textos escritos pertencentes aos gêneros literários. Por isso, discutimos a necessidade de desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica com atividades sistematizadas de leitura com foco no ensino da literatura para tornar esses estudantes em leitores autônomos, ativos, motivados a ler e assim interagir melhor nesta sociedade letrada.

A partir desse contexto, verificamos que foi possível desenvolver os procedimentos metodológicos como as oficinas e as sessões de mediação de leitura, a partir da leitura em voz alta dos textos literários selecionados como forma de contribuir para o letramento literário de jovens e adultos em processo de formação leitora.

Quanto aos objetivos específicos, destacamos algumas reflexões: a primeira faz referência à investigação para compreender a relação desses alunos com a leitura, pois, nesse caso, vimos o distanciamento deles com a prática pela falta de contato com material literário no ambiente familiar; muitas vezes, o acesso apenas na escola, e ainda assim, sem incentivo e tempo, devido à correria diária na busca da sobrevivência. Para (re) aproximá-los e contribuir com a apropriação de um repertório textual, organizamos uma seleta de textos literários

(anexo) de escritores da literatura brasileira e local que foi trabalhada durante as oficinas. Observamos que as práticas diárias de leitura desses gêneros textuais: poemas, contos, crônicas, histórias infantis, letras de canção foram instrumentos poderosos para sensibilizar o aluno (BOSI, 2011), embora percebamos a resistência de muitos estudantes, principalmente, dos mais jovens na recepção desses gêneros e no próprio ato de ler, mas, ainda assim, durante esse trajeto, colocamos em prática as estratégias de leitura abordadas por Silveira (2015), Solé (1998) e Cosson (2018).

Retomando as discussões teóricas na seção dois acerca da modalidade leitura em voz alta como forma de contribuir na fluência e fruição estética, observamos que as orientações dadas aos alunos da EJA durante o desenvolvimento das oficinas em sala de aula, possibilitaram o aperfeiçoamento da leitura em voz alta. Bajard, (2014) reforça que a habilidade de comunicar um texto pertence a pessoas letradas que podem tratar os textos gráficos graças à sua capacidade de ler.

A compreensão sobre os “gestos” estruturantes na transmissão vocal apresentados pelo autor: emissão, olhar, resgate e exposição do livro foram vistos nesta pesquisa como categorias analisadas, principalmente, nas sessões de leitura, potencializaram o ato de ler para o outro. Nóbrega (2015) ainda nos lembra que é do professor a responsabilidade de incluir nas suas aulas estimulantes momentos de leitura oralizada, que reforçarão as competências interpretativas dos alunos, possibilitando também instrumentalizá-los e assim atuarem como mediadores de leitura (nosso maior desafio, mas um desejo enorme de torná-los agentes do conhecimento, conforme enunciado já no título desse trabalho de pesquisa).

A presença frequente da leitura em voz alta em nosso cotidiano nos permitiu refletir acerca dessa modalidade didática no contexto escolar e em espaço social com o propósito de analisar a relação entre o leitor, o texto e o ouvinte na busca de responder uma das questões norteadoras dessa investigação: Em que aspectos a prática da leitura em voz alta pode contribuir para a fluência leitora e a inserção do aluno ao letramento literário? Verificamos que a recepção ao texto literário, bem como, a prática da leitura em voz alta pelos alunos durante as atividades de leitura expressiva de poemas, contos e histórias infantis em sala de aula, pátio da escola, sala de leitura como preparação para a comunicação oral a um público específico, trouxeram significativas contribuições como o desenvolvimento da fluência em leitura com compreensão para quem ler, possibilitando a quem escuta, atribuir sentido ao texto.

De acordo com as discussões na seção três acerca das políticas públicas para a EJA a partir dos documentos oficiais que buscam garantir a formação integral do aluno e nortear a

prática docente, consideramos que, como agência formadora, a escola deve fomentar a utilização de práticas pedagógicas que ampliem os saberes dos alunos da EJA, garantindo-lhes além do direito de entrar em contato com o mundo da literatura, e acerca disso Cândido (2004) salienta que em nossa sociedade contemporânea, a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, no currículo deve ser vista como um recurso intelectual e afetivo; como também, um aprendizado que proporcione o domínio da linguagem escrita e oral, além do domínio pleno de seu papel de cidadão.

Como vimos na seção quatro - abordagem teórico-metodológico para a resolução do problema constatado, utilizamos vários instrumentos e procedimentos para a coleta dos dados, dentre eles, as sequências didáticas divididas em dois módulos: as oficinas em sala de aula e as sessões de mediação de leitura fora do ambiente escolar, realizada em espaços sociais, acreditando ser uma possibilidade de transformar o aluno receptor em agente do conhecimento.

Conforme seção cinco, a partir das análises na efetivação das sessões de mediação nos ambientes externos à escola: abrigo de idosos, creches, casa de restituição e hospital, constatamos que as orientações baseadas em Bajard (2014) e Kefalás (2012) foram pertinentes, para garantir a boa apresentação dos alunos que atuaram na qualidade de mediador, lendo em voz alta para um público-ouvinte. A desenvoltura, o entusiasmo e o conhecimento literário são características fundamentais ao mediador, mas verificamos que é necessário que primeiro, ele seja apreciador da leitura para que possa ser agente. Por isso, nos preocupamos em oferecer textos escritos que dialogassem com o cotidiano desses alunos, despertando o gosto pela leitura, e dessa forma, reconhecer que “ler em voz alta pode ser uma via para a fruição do texto literário” (KEFALÁS, 2012, p. 95). Logo, percebemos que essas práticas podem promover a transformação, elucidando assim, outra questão norteadora desta pesquisa: Atividades de mediação de leitura em ambientes externos à escola podem promover e sedimentar habilidades de leitura?

Na aplicação do instrumento relato escrito e oral, confirmamos que as atividades de leitura permitiram mudanças de comportamento na vida dos alunos da EJA, conforme as respostas descritas na autoavaliação (apêndice C): os alunos passaram a ler mais e socializar impressões acerca dos textos lidos, enfrentando a timidez que os impediam de participar do momento de leitura; de encorajamento para falar em público; na ampliação do repertório textual; no envolvimento com a literatura; ampliação de saberes da língua escrita; desenvolvimento de habilidades de ouvir e de interagir com o outro, participação em peças teatrais apresentadas em culminâncias de projetos didáticos e atividades extraclasse.

Ademais, ficam evidentes outras contribuições relevantes que as atividades de leitura promoveram aos alunos da EJA, principalmente, na reafirmação de suas identidades percebendo-se ativos e úteis na sociedade, isto é, os benefícios constatados puderam ultrapassar a formação escolar, alcançando o desenvolvimento humano. Além disso, destacamos a autonomia para o ato de escrever. A partir das experiências de leitura na sala de aula, produziram poemas livres, parafrazearam poemas, escreveram memórias, crônicas e até histórias infantis, incluindo a produção de livros. “Ser letrado significa ter desenvolvido e usar uma capacidade metalinguística em relação à própria linguagem” (KLEIMAN, 1994, 17).

Ainda apontamos como aspectos positivos que as atividades de leituras do texto escrito, por meio da mediação entre os estudantes, tanto de forma individual quanto da leitura coletiva em voz alta para a escuta do outro, possibilitaram significativas impressões leitoras com foco no desenvolvimento de uma leitura fluente e mais eficiente, bem como, na motivação dos alunos quanto ao ato de ler o texto literário; essa prática foi contagiante, pois envolveu também alunos de outras turmas.

Como todo processo em sua implementação, nem tudo caminhou como planejamos no desenvolvimento da proposta. Vários alunos não frequentaram com regularidade às aulas devido ao horário de trabalho, entre outros motivos. Vale ressaltar que grande parte dos alunos, principalmente, do sexo masculino, não quis participar dos momentos de leitura externos à escola, em decorrência da timidez e do nervosismo diante de um público desconhecido. Esta foi uma das dificuldades enfrentadas durante o percurso, também a inconstância na formação de grupo para ler nos espaços sociais. Além disso, a evasão foi um outro ponto preocupante, impossibilitando a participação de todos até o final da aplicação das atividades.

Sabemos que no contexto da EJA, são situações socioeconômicas esperadas que atrapalham o bom andamento do processo para o alcance de um resultado desejado no ensino/aprendizagem. Não que esse fato nos tranquilize, ao contrário, leva-nos a refletir sobre o que devemos fazer e como mudar esse quadro tão real que impede os alunos dessa modalidade permanecerem na escola para obter o direito que lhes é garantido.

Contudo, em linhas gerais, o resultado positivo deste trabalho nos motiva a trilhar com perspectivas de novas possibilidades nesse percurso formativo e a compreender que o letramento literário como um processo contínuo certamente não se encerrará nesta proposta, irá além do ensino fundamental.

É oportuno salientar que a leitura do contexto da sala de aula na modalidade EJA fez-nos refletir que é necessário buscar sempre caminhos que possibilitem a ressignificação da

prática pedagógica, encontrando formas significativas para suscitar e acompanhar os diversos e nem sempre previsíveis caminhos do processo de aprendizagem (SOARES, 2004).

Por todo exposto, concluímos que a continuidade dessas atividades proporcionarão ainda mais uma aprendizagem profícua na formação leitora desses alunos que trazem consigo saberes, experiências de vida que precisam ser potencializados no ambiente escolar. Este trabalho demonstra que o ensino deve caminhar em direção a uma proposta de ampliação da educação literária, possibilitando a formação cidadã.

Dessa forma, motiva-nos a relevância do PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras) agregando concepções à nossa “leitura de mundo”, contribuindo, significativamente para o desenvolvimento desta pesquisa e o aperfeiçoamento profissional.

Reporto-me a Freire, o ensinar não pode ser desvinculado do pesquisar, por isso, enquanto ensinava, buscava constantemente novos saberes, assumindo uma postura de pesquisadora com a finalidade de encontrar novos conhecimentos para reinventar a prática docente e estar atualizada diante das mudanças na educação e, em especial, na Educação de Jovens e Adultos, pois é necessário entender que “quando adultos, jovens, adolescentes populares são outros, a EJA e a docência são obrigadas a serem outras. O pensamento pedagógico é obrigatório a ser pedagógico. Educador” (ARROYO, 2017, p. 40), por isso foi preciso fortalecer-me por meio da pesquisa para enfrentar os desafios diários da sala de aula que permeiam esse contexto educacional.

Nesse contexto e trajetória, vivenciar o mestrado profissional foi uma enriquecedora experiência que possibilitou reflexões acerca da prática pedagógica e o estímulo a melhorar a qualidade do ensino direcionada aos alunos da EJA para que a partir de uma aprendizagem significativa, por meio da aquisição do conhecimento, desenvolvessem habilidades de leitura/escuta, escrita, oralidade com foco no protagonismo e reintegração na escola e sociedade. Ressalto que conciliar a prática docente e o percurso formativo no mestrado não foi nada fácil, foi desafiador retornar aos estudos depois de dez anos, porém valeu a pena todo esforço e aprendizado adquirido ao longo desses dois anos. O processo foi difícil, porém significativo e gratificante.

Nessa perspectiva, faço uso das palavras de Paulo Freire “ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar; constatando, intervenho; intervindo, educo e me educo” (FREIRE, 2011, p.30-31). Dessa maneira, busquei e procuro contribuir na formação e transformação desses alunos para ampliar os saberes e adquirir o domínio de diferentes linguagens com foco em uma atuação autônoma e cidadã nesta sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: educar para ler ficção na escola**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação** – São Paulo: Parábola editora, 2003 – (Série Aula; 1).

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel G. (2005). **Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: Soares, L.J.G.; Giovanetti, M.A. & Gomes, N. L. Diálogos na educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 19-50.

BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2014. – (Coleção questões da nossa época; v.51).

_____. **Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. – 6.ed. - São Paulo: Cortez, 2014. – (Coleção questões da nossa época; v. 52).

BORTONI-RICARDO, Stella M. (orgs.). **Leitura e mediação pedagógica**. [et al]. – São Paulo: parábola Editorial, 2012.

BOSI, A. **Plural, mas não caótico**. In: BOSI, A. (org.). Cultura brasileira: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME. 2017.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional**. DB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. MEC. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEN)**. Vol.: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos**. Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

_____. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº. 11/2000, de 10 de maio de 2000. Brasília, DF: 10 maio 2000. Disponível em: . Acesso em: 15 nov. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Documento Base: Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA: Ensino Médio. Brasília: SETEC/MEC, 2007a.

_____. Ministério da Educação. Documento Base: Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA: Formação Inicial e Continuada/Ensino Fundamental. Brasília: SETEC/MEC, 2007b.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In _____. **Vários escritos**, 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004, p. 169-191.

COLAÇO, Sylvania F. **Práticas pedagógicas de letramento: uma visão ideológica**. In Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, IX ANPED SUL., 2012, Farroupilha/UCPEL, Farroupilha, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. In: GLOSSÁRIO Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>>. Acesso em: 4 de jan.2019.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1. ed., 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2019.

_____. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 7ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2018.

DAYRELL, Juarez. **A juventude e a educação de jovens e adultos: reflexões iniciais – novos sujeitos**. In: Soares, L.J.G.; Giovanetti, M.A. & Gomes, N. L. Diálogos na educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 53-83.

DOHME, Vânia D'Angelo. **Técnicas de contar histórias, 2: um guia para os adultos usarem as histórias como um meio de comunicação e transmissão de valores** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DOLZ, Joaquim (org.). **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FERRAREZI Jr, Celso. **De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica**. – 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se contemplam**. – 51.ed. – São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 22).

FREIRE, Marcelino. **Angu de sangue**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de Método na Construção da Pesquisa em Educação**. - 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

KEFÁLAS, Eliana O. **O jogo do texto no ensino de literatura: por uma metodologia performativa**. In CARVALHO, Aluskas et al (Org.). Literatura e outras artes: interfaces, reflexões e diálogos com o ensino. João Pessoa: Ed, da UFCG, 2018.

KEFÁLAS, Eliana O; MORAES, Giselly L; PEPE, Cristiane M (org.). **Leitura literária e mediação**. - Campinas, SP: edições Leitura Crítica; ALB, 2014.

_____. **Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário**. - Campinas, SP: Autores associados, 2012. – (Coleção formação de professores).

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242/196> acesso em 27 de jan de 2019

_____. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 9ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. Coleção Letramento, Educação e Sociedade.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Maria V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3.ed., 13ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2018.

LAJOLO, Marisa. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Tradução Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MEC – Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclo do ensino Fundamental: Língua Portuguesa: 5ª a 8ª Séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MEIER, Marcos; GARCIA, Sandra. **Mediação da Aprendizagem: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky**. – Curitiba: edição do autor, 2007.

MORAES, Gissely L. **Que leitor queremos formar?**. In. KEFALÁS, Eliana O.(Org.). **Leitura literária e mediação**. – Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; ALB, 2014.

MOURA, Ana A.V e MARTINS, Luzineth R. **A mediação da leitura: do projeto à sala de aula**. In BORTONI-RICARDO, Stella M. (orgs.). **Leitura e mediação pedagógica**. [et al]. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NÓBREGA, Sandro P. G. **Leitura e tratamento do texto literário na aula de Português: Espaço(s) e modo(s) de intervenção**. (2011-2014). 2014. 359 f. Tese (de doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

NOGUEIRA, Erich S. **“Encontrar nas palavras novas coisas de ver”**: o texto literário na formação do leitor. In. KEFALÁS, Eliana O.(Org.). *Leitura literária e mediação*. – Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; ALB, 2014.

ORLANDI, Eni. **A história do sujeito leitor: uma questão para a leitura**. Campinas: Letras de Hoje, 1988.

PAULINO, Graça. **Letramento Literário: mediações configuradas pelos livros didáticos**. Revista da Faced, nº 09, 2005 103. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2686/1896> Acesso em 12 de dez de 2019.

PASTORELLO, Lucila Maria. **Leitura em voz alta e apropriação da linguagem escrita pela criança**. 150 p. il. Tese (doutorado em Educação e Linguagem) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo: s.n., 2010.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANGEL, Egon O. **Letramento literário e livro didático de Língua Portuguesa: ‘Os amores difíceis’**. Disponível em: https://www.academia.edu/11398222/Letramento_liter%C3%A1rio_e_livro_did%C3%A1tico_de_L%C3%ADngua_portuguesa_Os_amores_dif%C3%ADceis Acesso em: 12 mai.2019

_____. **Literatura e livro didático no Ensino Médio: caminhos e ciladas na formação do leitor**. In. PAIVA, Aparecida (Org.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. –Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

ROJO, Roxane H. R.; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo; Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 – **Metodologia do trabalho científico**. – 24.ed. rer. e atual. – São Paulo: Cortez, 2016

SILVEIRA, M. Inez Matoso e OLIVEIRA, Francisco. J. D. **Leitura: abordagem cognitiva**. – Maceió: EDUFAL, 2015.

SILVA, Antonieta M. O. C.; SILVEIRA, Maria Inez. M. Letramento literário: desafios e possibilidades na formação de leitores. In. SILVA, M.V.; LOPES, N.A.N; SILVA, R.L.B. *Educação e práxis: reflexões e relatos de experiências curriculares exitosas*. Maceió: Edufal, 2013, p 131-139.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Trad. Beatriz Afonso Neves. 3º ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Trad. Cláudia Schiling – 6.ed. - Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira. COSSON, Rildo. **Letramento Literário: uma proposta para a saladeaula**.UNESP/UNIVESP.Disponível em:<<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>> Acesso em 12 de jan de 2019.

SOUZA, Helen D. S.C.; SERAFIM. **A mediação da leitura na educação infantil: onde a leitura do mundo precede a das palavras**. In. BORTONI-RICARDO, Stella M. (orgs.). **Leitura e mediação pedagógica**. [et al]. – São Paulo: parábola Editorial, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2ª.ed. São Paulo: Cortez, 1986.

VALARINI, Sharlene D. **Estratégias didático-metodológicas para o “ensino” da leitura do textoliterário**.Disponível em:<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S9/sharlenevalarini.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2015.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura** – Curitiba: Ibex, 2010 – (Série Literatura em foco).

APÊNDICES**APÊNDICE A: ATIVIDADE – MEU PERFIL (ALUNO(A))**

Meu nome: _____

Minha idade: _____

Meu estado civil: _____

Moro em: _____

Minha religião: _____

Minha escolaridade: _____

Meu trabalho: _____

Que profissional quero ser: _____

Minha escola é importante porque: _____

Passatempo preferido: _____

Utilizo o celular para: _____

Filmes que gostei de assistir: _____

Livros que gosto de ler: _____

Músicas que mais gosto de ouvir: _____

Viagens que mais gostei de fazer: _____

Experiências emocionais mais significativas: _____

Se precisasse escolher uma única coisa para fazer no tempo livre, seria: _____

O que mais importa na vida: _____

Pessoas com quem aprendi muito: _____

Sobre os estudos, penso o seguinte: _____

Sobre AMIZADE, acho isso: _____

Meu maior sonho é: _____

Sobre meu futuro: _____

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO INICIAL³⁷

Leia com atenção e responda todas as questões. Se você não tiver certeza, marque a alternativa que mais se aproxima do que você pensa. Procure refletir sobre sua relação e as dificuldades que você encontra na prática da leitura. Não precisa assinar o questionário. Sua colaboração é muito importante.

I- Sobre você e sua escolarização:

1- Qual a sua idade? _____

2- Sexo: _____

3- Fase/turma da EJA que frequenta? _____

“A leitura nos faz humanos. Todas as formas de ler valem a pena... Todas as formas de ler são modos de compartilhar saberes, experiências e concepções da vida e do mundo.”
(COSSON, 2018)

II- Sobre suas experiências com a leitura:

1-Seu contato inicial com a leitura deu-se: () Pelo ambiente familiar () Pelo contato com amigos () Pelo ambiente escolar () Pela igreja () Outros: _____

2- Quando criança, havia alguém da sua família que costumava ler livros para você?
() Sim () Não

3-Que história ou texto que você ouviu, marcou sua vida? _____

4- Alguém na sua família o incentivou a ler?

() Sim () Não Em caso positivo, cite quem é/são: _____

5- Na sua casa, há materiais de leitura? () Sim () Não

6- Em caso positivo, marque os tipos de materiais de leitura (pode ser marcada mais de uma opção): () Bíblia () Livros literários () Livros Didáticos () Livros infantis () Gibi () Revistas () Jornais () Redes sociais () Outros: _____

7- Como você classifica seu contato com a leitura?

() Frequente () Muito frequente () De vez em quando

8- A leitura significa para você:

() Conhecimento para a vida.

() Conhecimento para a escola.

() Uma atividade prazerosa.

() Uma prática obrigatória.

³⁷ Questionário adaptado conforme pesquisa Retratos do Brasil.

9- Você sente alguma dificuldade para ler? (pode ser marcada mais de uma opção)

- Não tem dificuldade alguma Lê muito devagar Não compreende o que lê
 Não tem paciência para ler Não consegue se concentrar Não lê por limitações físicas.

Qual(ais): _____

10- Como a leitura é realizada na escola?

11- Que tipo de gênero de textual você costuma ler? (pode ser marcada mais de uma opção):

- romance novela conto crônica poema romance (aventura/ policial/ suspense)
 ficção científica histórias em quadrinhos mensagens de whatsapp textos do Facebook textos do Instagram outro(s): _____

12- Você lê com mais frequência: () Pelo material impresso () Pela internet

13- Quais temas mais lhe interessam em um texto (impresso e/ou online)? _____

14- De que forma você mais gosta de ler: () em voz alta () silenciosamente

15- Você lê em outros espaços além da escola? Quais?

- Em casa No trabalho No lazer Na igreja Outros lugares

16- Você frequenta a biblioteca/sala de leitura por qual motivo? (pode ser marcada mais de uma opção)

- trabalho escolar indicação de amigos indicação do professor vontade própria

17- Você já visitou alguma biblioteca fora da sua escola?

- Sim Não Em caso positivo, qual (is): _____

18- Quantos livros você já leu por vontade própria?

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

19- Cite o título de um livro que você mais gostou: _____

20- Você já leu para alguém? () Sim () Não

21- Você já teve experiências de leitura em grupo? () Sim () Não

Em caso positivo, relate-as: _____

22- Qual a importância da leitura em sua vida?

AGRADECEMOS SUA PARTICIPAÇÃO!

APÊNDICE C: AUTOAVALIAÇÃO

Considerando a leitura como “um processo de compartilhamento, uma competência social” (COSSON, 2018), no período de maio a dezembro do ano letivo de 2019, você, aluno da EJA (Educação de Jovens, Adultos) da Escola Municipal _____ participou efetivamente de diversas atividades de leitura em voz alta em espaços internos e fora da escola. Com base em sua vivência literária nessas ações propostas nas aulas do componente curricular de Língua Portuguesa, responda a esta autoavaliação com foco em cada atividade de leitura realizada. Marque em qual delas você participou, avalie seu envolvimento e registre seu aprendizado nessa prática, bem como, sua inserção no letramento literário.

Data	Atividade de leitura	Participação		Avaliação			Aprendizagem
		SIM	NÃO	Regular	Boa	Excelente	
02/05/19	Leitura literária no pátio da escola – maleta literária.						
06/06/19	Leitura na sala de aula – Pit-stop do meio ambiente.						
12/06/19	Leitura na quadra da escola - Gincana do amor						
31/08/19	Leitura no Abrigo dos Idosos.						
05/10/19	Leitura na Casa de Recuperação Shallon.						
24/10/19	Leitura literária na escola – Bate-papo com a poetisa Francisca Alves.						
06/12/19	Leitura na FESCLIM						
14/12/19	Leitura no hospital – Santa Casa de Misericórdia de SMC.						
19/12/19	Leitura na Creche Municipal Miguel Arcanjo.						

Deixe aqui seu comentário ou sugestão:

EJA - FASE/TURMA: _____ ANO LETIVO: 2019

ALUNO(A): _____

AGRADECEMOS SUA PARTICIPAÇÃO!

APÊNDICE E: ATIVIDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

Este ano, a escola está trabalhando o Projeto de leitura – São Miguel tem história para contar. No desenvolvimento das atividades teremos o prazer de conhecer melhor nossa cidade por meio de textos literários dos escritores miguelenses. Seguem abaixo, poemas que retratam o encantamento por nosso município. Leia-os para apreciá-los também, depois escolha um e faça a leitura em voz alta.

SÃO MIGUEL DOS MEUS ENCANTOS

Minha terra de campos verdes,
De águas puras e cristalinas;
Chão enfeitado de riquezas
Paraíso de muitas minas.

Cidade de velhos casebres,
Que encantam os mais novos;
E suas obras que vão surgindo
Marcam a bravura de seu povo.

Torrão enfeitado de beleza.
A cada canto se veem canaviais;
E os verdes lírios dos campos
Que lhe engrandecem ainda mais.

São Miguel de Usinas e Petróleo,
De indústria e riquezas naturais;
De solos fartos e produtivos
Outras mais belas jamais!

Ernande Bezerra

Minha cidade bela

A cidade onde eu vivo tem muito que admirar
Paisagens, igrejas, praças e museu
Tem festas, cultura e muita história pra contar.

A terra dos caetés, que aqui habitavam
Índios selvagens, guerreiros e temidos,
Que suas marcas deixaram.
Lugar de muitas riquezas.
Ouro negro, açúcar cimento.
É através deles que muitos ganham o sustento.

A casa da cultura é importante visitar.
O antigo sobrado da baronesa
Guarda história e beleza.

Tem folclore, esporte e lazer.
São Miguel dos campos tem belezas e encantos.
Viver nessa cidade é um imenso prazer.

Érica Matias

Aniversário – São Miguel dos Campos

Grandiosa São Miguel dos Campos
Tu és um encanto um raio de luz
Soberana estrela a qual majestosa
De tão gloriosa assim nos conduz.

Teus campos e pastos envolto o universo
Brotando o progresso se vão ao além
Sobre o céu replica o coro de um anjo
São Miguel Arcanjo cantando amém.

Flautas e cornetas ao som dos tambores
Saúdam os seus tenores ilustres fiéis
Honrando de fato toda a tua grandeza
Cidade princesa dos caetés

Do teu esplendor a grande vitória
Durante a aurora de casa manhã
Sobre as nuvens plácidas que pairam no céu
Em tua homenagem linda São Miguel.

Vicente Minervino

Os Verdes Canaviais de Minha Terra
Santo, santo São Miguel Arcanjo,
Nome sagrado da nossa cidade,
A nossa fé não deixa morrer:
O amor, esperança e muita felicidade,
As belezas dos nossos campos
São os verdejantes canaviais.
Salve a terra dos grandes coronéis,
Seus engenhos banguês e usinas...
Nesta terra cheia de bonança
De pessoas boas e hospitaleiras.
Sempre cheia de esperança.
De gentes humildes e trabalhadeiras.
Também a riqueza do outro negro,
Sempre jorrando da terra fértil.
Criado pelo nosso grande criador,
A nossa riqueza é de grande esplendor.
Sebastião Ferreira e Antônio Leão,
Morreram lutando com bravura e glória!
Tornando-se vultos da nossa história.
Os grandes mártires, filhos deste torrão

Antônio Valentim

Origem de um Povo

Minha terra tem palmeira
Mas não canta o sabiá
As aves refugiam,
Nos galhos do jatobá.

Minha terra tem açúcar
Tem cimento e tem Sá
Minha terra tem machado
Mas não serve pra cortar.

Minha terra tem Alves
E Cavalcante também
Minha terra tem Correia
Mas não bate em ninguém.

Minha terra tem César
Mas não descende de romanos
São grandes latifundiários
Que labutam no cotidiano.

Minha terra tem Torre
Mas não é de Babel
Essa confusão de línguas
Não se deu em São Miguel.

Minha terra tem ribeiro
Mas não há manancial
Para regar a Palmeira,
A Oliveira, e a Nogueira
De conotação vegetal.

Maria Francisca Alves dos Santos

Feira da ponte

Que bonito é a feira da ponte
Vem gente de todo lugar
Onde de tudo se encontra
Para vender e para comprar.

Tem roupas, calçados e panelas,
Frutas, mariscos e verduras,
Cereais, alumínio e violas
Bolos, bolachas e rapaduras.

Pregos, porcas e parafusos,
Selas, arreios e bugigangas;
Quentinhas, picolés e sucos;
Cervejas, carne seca e ciganas.

Tudo dela é divertido,
Os folguedos e as cantorias
Sua história e sua gente
Quem tem o dom da poesia.

Na quinta-feira, a feira se acaba
Todos na maior animação
E os feirantes vão embora
Com São Miguel no coração
(Ernande Bezerra)

Fatos históricos de minha terra

Abrimos o baú da consciência
Encontramos nos arquivos
Imagens que fizeram história.

No memorial da mente,
Nossos antepassados: Os Índios Caetés
Imagens tombadas pelo tempo
Que ficaram presente
Pelos fatos e argumentos.

Neste chão, onde guarda a santa natureza
Tamanha beleza outra nunca vi
E o teu rio de águas tão serena
Hoje faz parte da história do Brasil.

Em lembrança ficaram as imagens
Das Alegrias e das glórias de Ana Lins
Da Bravura de Visconde de Sinimbu
Que lutaram em prol da liberdade
Do seu povo.

São Miguel berço dos Barões
Epaminondas da Rocha Vieira e Manoel Duarte Ferreira Ferro
Que deixaram seus nomes escritos
No papel da história.

São Miguel, terra do açúcar
Do petróleo e do cimento
Sua gente tem patente
Poetas; intelectuais
Professores, artistas
E outros mais...

Afinal, seus filhos, te amam, até demais!

Ernande Bezerra

Rios de lágrimas

Não foi sonho. Sei que sonhei
Até posso lhe confessar,
Porque vi com os próprios olhos
A crise desse lugar.

Presenciei o céu aberto,
Um teatro de incerteza
Onde as crianças encenavam
Uma das peças da pobreza,
Onde elas retratavam
Os seus rios e tristeza

Logo depois avistei,
Um grupo de favelados
Um cego desesperado
Um mendigo deitado ao chão,
Um doido sem solução
E mais triste foi quando vi
Um rico jogando um pão!

Ernande Bezerra

Raízes miguelenses

Em 1501, uma expedição aqui chegou
Enviada pelo El-Rei Dom Manuel
Que era um conquistador
Comandada por Vespúcio e Gonçalves
Descobriram a voz de um rio
São Miguel denominou,
Por ser o santo do dia.
Era 29 de setembro, esse dia tão glorioso!
Américo Vespúcio de Gaspar de Lemos
Sentiram-se vitoriosos.
Os primeiros habitantes que aqui encontraram
Era os bravos Caetés, que a terra povoava.
Essa terra sofreu ataques de inimigos holandeses
Mas com seus bravos filhos, os expulsaram de uma vez
Sebastião Ferreira, Manuel Pinto e Gabriel,
Todos juntos batalharam defendendo São Miguel.
Visconde de Sinimbu e Ana Lins, Manuel Vieira Dantas
Lutaram com mais prudência pela nossa independência
A atual cidade é muito hospitaleira
Tem sua independência e uma boa produção açucareira
Cimento, petróleo, gás natural há em abundância
Ela é desenvolvida.
Hoje, São Miguel dos campos é uma cidade preferida!

Francisca Alves

O rio

Que saudade eu tenho do meu tempo de criança!
Quando às margens do rio, brincava com
esperança.
De que eu pudesse um dia...
Fazer-lhe uma poesia!

Nesse rio me banhei
Em suas águas tão límpidas
Onde os peixes passeavam
Belas garças que voavam
Minha sede saciei

Nunca que eu pensei
Que o rio que me banhei
Não banhasse mais ninguém
A poluição dominou
O pescado escasseou
Água potável não tem!

Fontes navegável e caudaloso!
As rede eram lançadas
E repletos os samburás
Muitas fomes saciadas
O pescador ansioso para os filhos alimentar!

Atualmente não vemos àquele movimento fluvial
Que conduzia mercadorias e o povo
Naquele vaivém tradicional!
Sei que minhas lágrimas irão formar outro...
Não como o rio São Miguel, que jaz morto!

Nair, a mestra

Negra mulher
De gingado no corpo e no pé
Na dança a entrega
De um desejo cumprido
E na alma a plenitude da fé.
Devota de São Benedito
E pelas histórias a contar
Padroeiro de sua raça
E o preconceito a lutar
Na pele a refeição dos olhos
Daquele que nunca soube amar
Negra mulher
Ai, se ainda estivesse
Ao grande Deus daria uma prece
Para nunca vir de buscar
Expostas no grandes altares da vida
Onde filhos, netos e bisnetos
pudessem te ouvir cantar.
Negra mulher
Esta era a tua cor
Mais que ela, era o teu valor
Na ironia de uma vida que passou
E dos versos puros
Que para nós deixou:
“ a nossa tia crioula
É preta mais é bonita
Tem o seu pano nas costas
E tem o seu laço de fita
Dança taeirinha na ponta do pé
Fazei cortesia ao Senhor São José”.

Conceição Malheiros

Despedida

Quando partiste, minha alma chorava amargamente
Sentindo a separação daquele que me aqueceu
ardentemente
Resta a lembrança, sentimento que entristece.
Consolar-me, só uma prece.

Os dias passaram, sem sair da memória
Houve desentendimento superados por afetos e vitórias
Não esqueço dos bons momentos que me fazem sentir
alegria
Como uma nuvem efêmera no fim do dia.

Fiquei inconsolável, sentindo o leito vazio
A dor esmagava o peito sem piedade!
A vida que foi tão boa deixou saudades!

Será recebido pelo Pai nas alturas,
Com o nome escrito no livro da vida
Provavelmente como cristão e não só criatura!

Francisca Alves

Terra Natal

Minha terra tem história
Desse povo miguelense
Que mostrou sua bravura
Expulsando os holandeses
A senhora Ana Lins foi uma mulher guerreira
Junto com os seus escravos
Fez da casa uma trincheira.

Eu vou falar de São Miguel
Todos queiram me escutar
Pois foi onde nasci e é o meu natural
Escute o que eu vou dizer
Que aqui é terra boa
Estados das Alagoas, a terra dos marechais

Foram os bravos Caetés os primeiros habitantes
As margens de São Miguel para eles importante
Esse grande rio deu origem a minha cidade
Para o povo miguelense era uma prosperidade!

O petróleo em abundância e também gás natural
Tudo isso é extraído na minha terra natal
Existe um tapete verde, coberto por canavial
O progresso aumentando e São Miguel
Crescendo mais.

O cimento produzido desenvolve a economia
Vai gerando emprego e renda toda hora, todo dia
A usina Caeté produzindo o “ouro branco”
Que adoça nosso café encontrado em todo canto.

Minha terra tem esporte
Tem folguedos e folclore
Mesmo sem balão no céu, São João é São Miguel
A cultura é resgatada segue um novo horizonte
Cultivamos a tradição de nossa feira da ponte.

Sem Nair da Bertina o folclore tem chorado
Ela deixou um legado que alguém tem cultivado
A tradicional Taieira um bem imaterial deixado
Para as futuras gerações conhecer nosso passado.

Francisca Alves

Revelando a cidade

Relembrando a antiguidade, rua e bairros da cidade
Que muitos marcou toda minha mocidade
Indo a rua da Bica para me banhar
Na praça da Liberdade eu fui encontrar
Desço a rua São José, ali vivi juvenil
Encontro a rua da concórdia e a rua do Funil

Uma rua alagada era a famosa Lava-pé
Mas há outra bem cotada, a rua do Cabaré
Passo na rua d'areia, a da praia sem sereia
Rua do sol me sombreia, rua da lenha e alecrim
O povo da localidade só a conhece assim.

“Quebra negro”, via perigosa. Fazia medo de andar
Quem te viu e quem te ver, jamais reconhecerá!
Na rua da Olaria, encontrei a Maria, a gente a conversar
Chego à rua Jenipapo, perto à 1ª de março
Santa cruz fica na frente
Da rua da ponte vejo a usina caeté e o grande rio corrente.

Subi à rua Barreira, pertinho do Paraíso
Cheguei a Rodoviária duma condução preciso
Sigo para a parte alta, loteamento Rui Palmeira
Próximo do Bairro de Fátima, antiga chã da Mangueira
É muito movimentado, o dia e a noite inteira.

Passei pelo Esther Soares e o Hélio Jatobá
O pacato Wellington Torres muito bom para morar
O Valdemar Cavalcante e também o Edgar.
Na parte baixa é o centro, praça Getúlio Vargas,
Pe, Júlio e Centenário e a fonte luminosa que é um belo
cenário!

Paraíso longe do céu, Canto da saudade me dá
Bairro Geraldo Sampaio ali vou apreciar...
O Diógenes Celestino bem distante ele está...
E o José Torres Filho que fica próximo ao rio
Bela Vista I e II, Humberto Alves o bairro
Que ficou para depois!

Francisca Alves

ANEXOS

ANEXO 1 TEXTO LITERÁRIO UTILIZADO NO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

TEXTO:**O mal do lobo mau**

O Lobo Mal ficou doente,
Batia dente com dente,
Ninguém descobria o mal
Como era caso urgente,
O lobo foi pro hospital.

Que imprudência, gente!
A enfermeira sorridente,
De olhar angelical
E coração inocente,
Era uma ovelha de avental.

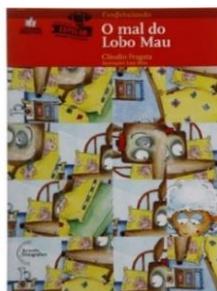
Ah, ela era tão fofinha,
Tão branca, tão redondinha,
Um floquinho de algodão!
Mas, pro Lobo, adivinha?
Era uma grande tentação!

O malvado ficou boquiaberto
Vendo a ovelhinha tão perto
Derramando-se em atenções.
Fingiu-se então de bonzinho,
Cheio de más intenções.

A ovelha não conhecia
Paciente assim valente,
Que os remédios engolia
Sem manha nem rebeldia.
Moço tão obediente.

O Lobo sorria contente
Arreganhava os dentes
Até na hora da injeção.
E a ovelhinha encantada
Com tanta colaboração!

Ela era somente apreço:
Da colher de xarope
Fazia um aviãozinho.
O Lobo lambia o beijo
Com cara de coitadinho.
A ovelha
Se desesperava
Se o Lobo reclamava
De uma dor aqui, outra ali.
Até a cama ela trocava



Quando a fera fazia xixi.

Assim tão paparicado
Logo o bicho foi curado
Da estranha tremedeira,
Mas não quis sair do lado
De sua doce enfermeira.

Só que o bom dura pouco...

O Lobo ficou quase louco
No dia em que teve alta.
Mentiu que estava rouco,
Não se entregou, o peralta!
Disse que estava pelancudo
Mais pelado que peludo,
Que tinha coceira na orelha.
Inventou um pouco de tudo
Pra ficar perto da ovelha.

Tossiu e tossiu, o fingido,
Pedi pastilhas de hortelã
E disse com olho comprido
Que a vida não tinha sentido
Sem um cobertorzinho de lã.

Sinto uma dor que me corrói! –
Choramingou nosso herói.
- A febre me deixa em brasa!
Ninguém vê? Estou dodói!
Não posso voltar pra casa!

Berrou que tinha piolho,
E ninguém sentia pena.
Depois, pelo canto do olho,
Conferiu o efeito da cena.

De nada valeu o drama...
Quando percebeu a trama,
O doutor pôs fim na festa.
O Lobo levantou-se da cama
E voltou enfim à floresta.

Hoje pensa na ovelhinha,
Sente um ui no abdome,
Sente um ai no coração.
Não sabe se é de fome,
Não sabe se é de paixão.

FRAGATA, Cláudio. O mal do lobo mau. –
Curitiba: Positivo, 2009. 2ª impressão. 24.:il–
(Coleção confabulando)

ANEXO 2 – TEXTOS LITERÁRIOS UTILIZADOS NO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

TEXTO 1

Sou feita de retalhos

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...que me tornam mais pessoa, mais humano, mais completo.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de nós.

Cora Coralina

TEXTO 2

A história do lápis

O menino olhava a avó escrevendo uma carta. Em certo momento, perguntou:

- Vovó, a senhora está escrevendo uma história que aconteceu conosco? E por acaso, é uma história sobre mim?

A avó parou de escrever a carta, sorriu e comentou com o neto:

- Estou escrevendo sobre você, é verdade. Entretanto, mais importante do que as palavras, é o lápis que estou usando.

- Gostaria que você fosse como ele, quando crescesse.

O menino olhou para o lápis, intrigado, e não viu nada de especial.

- Mas ele é igual a todos os lápis que vi em minha vida!

A avó, sábia, lhe responde:

- Tudo depende do modo como você olha as coisas.

- Há cinco qualidades nele que, se você conseguir mantê-las, será sempre uma pessoa em paz com o mundo.

"**Primeira qualidade**": você pode fazer grandes coisas, mas não deve esquecer nunca que existe uma Mão que guia seus passos.

"Esta mão nós chamamos de Deus, e Ele deve sempre conduzi-lo em direção à Sua vontade."

"**Segunda qualidade**": de vez em quando eu preciso parar o que estou escrevendo, e usar o apontador. Isso faz com que o lápis sofra um pouco, mas no final, ele está mais afiado.

"Portanto, saiba suportar algumas dores, porque elas o farão ser uma pessoa melhor."

"**Terceira qualidade**": o lápis sempre permite que usemos uma borracha para apagar aquilo que estava errado.

"Entenda que corrigir uma coisa que fizemos não é necessariamente algo mau, mas algo importante para nos manter no caminho da justiça".

"**Quarta qualidade**": o que realmente importa no lápis não é a madeira ou sua forma exterior, mas o grafite que está dentro.

"Portanto, sempre cuide daquilo que acontece dentro de você."

"Finalmente, a "**Quinta qualidade**" do lápis: Ele sempre deixa uma marca.

"Da mesma maneira, saiba que tudo que você fizer na vida, irá deixar traços, e procure ser consciente de cada ação".

(Autor desconhecido)

TEXTO 3

MEUS OITO ANOS

Oh! que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!
 Que amor, que sonhos, que flores,
 Naquelas tardes fagueiras
 À sombra das bananeiras,
 Debaixo dos laranjais!
 Como são belos os dias
 Do despontar da existência!
 — Respira a alma inocência
 Como perfumes a flor;
 O mar é — lago sereno,
 O céu — um manto azulado,
 O mundo — um sonho dourado,
 A vida — um hino d'amor!
 Que aurora, que sol, que vida,
 Que noites de melodia
 Naquela doce alegria,
 Naquele ingênuo folgar!
 O céu bordado d'estrelas,
 A terra de aromas cheia
 As ondas beijando a areia
 E a lua beijando o mar!
 Oh! dias da minha infância!
 Oh! meu céu de primavera!
 Que doce a vida não era
 Nessa risonha manhã!
 Em vez das mágoas de agora,
 Eu tinha nessas delícias
 De minha mãe as carícias
 E beijos de minhã irmã!
 Livre filho das montanhas,
 Eu ia bem satisfeito,
 Da camisa aberta o peito,
 — Pés descalços, braços nus
 — Correndo pelas campinas
 A roda das cachoeiras,
 Atrás das asas ligeiras
 Das borboletas azuis!
 Naqueles tempos ditosos
 Ia colher as pitangas,
 Trepava a tirar as mangas,
 Brincava à beira do mar;
 Rezava às Ave-Marias,
 Achava o céu sempre lindo.
 Adormecia sorrindo
 E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!
 — Que amor, que sonhos, que flores,
 Naquelas tardes fagueiras
 A sombra das bananeiras
 Debaixo dos laranjais!

Casimiro de Abreu

TEXTO 4

Retrato, de Cecília Meireles

Eu não tinha este rosto de hoje,
 assim calmo, assim triste, assim magro,
 nem estes olhos tão vazios,
 nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
 tão paradas e frias e mortas;
 eu não tinha este coração
 que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
 tão simples, tão certa, tão fácil:
 - Em que espelho ficou perdida
 a minha face?

Cecília Meireles, Antologia Poética. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

TEXTO 5

Assim eu vejo a vida

A vida tem duas faces:
 Positiva e negativa
 O passado foi duro
 mas deixou o seu legado
 Saber viver é a grande sabedoria
 Que eu possa dignificar
 Minha condição de mulher,
 Aceitar suas limitações
 E me fazer pedra de segurança
 dos valores que vão desmoronando.
 Nasci em tempos rudes
 Aceitei contradições
 lutas e pedras
 como lições de vida
 e delas me sirvo
 Aprendi a viver.

Cora Coralina in "Folha de São Paulo" —
 caderno "Folha Ilustrada", edição de
 04/07/2001.

Jogral: Jovem de valor

Todos: Jovens de valor!

Voz 3: 'Seus valores são medidos pelo seu caráter,

Voz 1: 'Suas ideias,

Voz 2: 'E a nobreza de seus ideais'.

Voz 5: Somos Jovens de valor!

Voz 1: Quando falamos do amor,

Voz 4: Zelamos pela paz,

Todos: E levamos a esperança.

Voz 6: Jovens que renegam o mundo,

Voz 1: Seus males,

Voz 5: Seus caminhos maldosos,

Todos: E se dispõe ao lado da Verdade!

Voz 2: A verdade que o mundo rejeita,

Voz 3: Mas se torna em nossa única salvação!

Todos: O mundo precisa de Jovens de valor,

Voz 1: Uma geração que repeita,

Voz 2: Uma geração que ama,

Voz 3: Jovens responsáveis

Voz 4: Jovens de confiança

Todos: Jovens de valor que ajudam ao próximo .

Voz 3: Jovens corajosos,

Voz 6: É o que Deus espera de mim e de você,

Voz 1: E não importa quem você é, ou onde estiver,

Todos: Seja um exemplo no viver,

Voz 4: Seja uma luz na escuridão,

Voz 3: E um agente transformador de vidas.

Todos: Jovens que amam a verdade,

Todos: Praticam o bem;

Todos: Essa é a nossa missão.

Voz 1: Eu,

Voz 2: Você,

Todos: Todos nós!

Voz 3: Sejamos jovens de valor.

Voz 5: Que são amorosos,

Voz 4: Que são gentis,

Voz 1: Que são solidários

Todos: Jovens de valor a sociedade precisa desse amor

(Texto adaptado)

RECEITA DE ANO NOVO

Para você ganhar belíssimo Ano Novo
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já
vivido (mal vivido talvez ou sem sentido)
para você ganhar um ano
não apenas pintado de novo, remendado às
carreiras,
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;
novo até no coração das coisas menos percebidas
(a começar pelo seu interior)
novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se
nota, mas com ele se come, se passeia,
se ama, se compreende, se trabalha,
você não precisa beber champanha ou qualquer
outra birita,
não precisa expedir nem receber mensagens
(planta recebe mensagens? Passa telegramas?)

Não precisa
fazer lista de boas intenções
para arquivá-las na gaveta.
Não precisa chorar arrependido
pelas besteiras consumadas
nem parvamente acreditar
que por decreto de esperança
a partir de janeiro as coisas mudem
e seja tudo claridade, recompensa,
justiça entre os homens e as nações,
liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,
direitos respeitados, começando
pelo direito augusto de viver.

Para ganhar um Ano Novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e espera desde sempre.

Carlos Drummond de Andrade

TEXTO 8

Recomeçar

Não importa onde você parou...
 Em que momento da vida você cansou...
 O que importa é que sempre é possível
 e necessário "RECOMEÇAR".
 Recomeçar é dar uma nova chance a si
 mesmo...
 É renovar as esperanças na vida e o mais
 importante...
 Acreditar em você de novo.

Sofreu muito nesse período?
 Foi limpeza da alma...
 Ficou com raiva das pessoas?
 Foi pra perdoá-las um dia...
 Sentiu-se só por diversas vezes?
 É porque fechastes a porta até para os
 anjos...
 Acreditou que tudo estava perdido?
 Era o início da tua melhora...
 Pois é... Agora é hora de reiniciar... De
 pensar na luz...
 De encontrar prazer nas coisas simples de
 novo.

Olha quanto desafio... Quanta coisa nova
 nesse mundão de meu Deus te esperando...
 Aonde você quer chegar? Ir alto... Sonhe
 alto...
 Queria o melhor do melhor... Queria boas
 coisas para a vida...
 Pensando assim trazemos pra nós aquilo que
 desejamos...
 se pensamos pequeno... Coisas pequenas,
 teremos...
 Já se desejarmos fortemente o melhor e
 principalmente
 lutarmos pelo melhor...
 O melhor vai se instalar na nossa vida.
 "Porque sou do tamanho daquilo que vejo
 e não do tamanho da minha altura".

Carlos Drummond de Andrade.

TEXTO 9

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o
 campo.
 Minha mãe ficava sentada cosendo.
 Meu irmão pequeno dormia.
 Eu sozinho menino entre mangueiras
 lia a história de Robinson Crusoe,
 comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que
 aprendeu
 a ninar nos longes da senzala - e nunca se
 esqueceu
 chamava para o café.
 Café preto que nem a preta velha
 café gostoso
 café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
 olhando para mim:
 - Psiu... Não acorde o menino.
 Para o berço onde pousou um mosquito.
 E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
 no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
 era mais bonita que a de Robinson Crusoe.

Carlos Drummond de Andrade

TEXTO 10

Cidadezinha Qualquer

Casas entre bananeiras
 mulheres entre laranjeiras
 pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
 Um cachorro vai devagar.
 Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

Carlos Drummond de Andrade

TEXTO 11

RECORDO AINDA

Recordo ainda... e nada mais me importa...
Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam, sempre, de lembrança,
Algum brinquedo novo à minha porta...

Mas veio um vento de Desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta
Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada afora após segui... Mas, aí,
Embora idade e senso eu aparente
Não vos iludais o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino... acreditai!...
Que envelheceu, um dia, de repente!...

Mário Quintana

TEXTO 12

Poesia de Natal

Enfeite a árvore de sua vida
Com guirlanda de gratidão!
Coloque no coração laços de cetim rosa,
amarelo, azul, carmim.
Decore seu olhar com luzes brilhantes
Estendendo as cores em seu semblante
Em sua lista de presentes
Em cada caixinha embrulhe
Um pedacinho de amor,
Carinho,
Ternura,
Reconciliação,
Perdão!

Tem presente de montão no estoque do nosso
coração
E não custa um tostão!
A hora é agora!
Enfeite seu interior! Sejas diferente!
Sejas reluzente!

Cora Coralina

TEXTO 13

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias

TEXTO 14

DEZ MANDAMENTOS DA GENTILEZA – “GENTILEZA GERA GENTILEZA”

1º Tente se colocar no lugar do outro. Isso o ajuda a entender melhor as pessoas, seu modo de pensar e agir.

2º Aprenda a escutar. Ouvir é muito importante para solucionar qualquer desavença ou problema.

3º Pratique a arte da paciência. Evite julgamentos e ações precipitadas.

4º Peça desculpas. Isso pode prevenir a violência e salvar relacionamentos.

5º Pense positivo. Procure valorizar o que a situação e o outro têm de bom e perceba que este hábito pode promover verdadeiros milagres.

6º Respeite as pessoas quando elas pensarem e agirem de modo diferente de você. As diferenças são uma verdadeira riqueza para todos.

7º Seja solidário e companheiro. Demonstre interesse pelo outro, por seus sentimentos e por sua realidade de vida.

8º Analise a situação. Alcançar soluções pacíficas depende de se descobrir a raiz do problema.

9º Faça justiça. Esforce-se para compreender as diferenças e não para ganhar, como se as eventuais desavenças fossem jogos ou guerras.

10º Mude a sua maneira de ver os conflitos. A gentileza nos mostra que o conflito pode ter

**TEXTO 15 – PRODUÇÃO AUTORAL DA PROFESSORA JOSSELY CORREIA,
UTILIZADA EM UMA SESSÃO DE MEDIAÇÃO DE LEITURA NA CRECHE**

As aventuras da indiazinha Sanambi

Certo dia, nas margens do rio São Miguel a indiazinha Sanambi estava passeando e encontrou o seu amigo jacaré.

- Oi, jacaré, como você está?

- Eu não estou bem, a água do rio está muito poluída e eu não consigo enxergar dentro da água, estou resfriado, aaaaaaatchim!!!

- Nosso rio era tão limpo e navegável, quando os portugueses chegaram aqui em 1500.

- O rio está muito doente. São os esgotos da cidade. Lixo que não acaba mais.

- Eu também estou resfriado!!!!

- Eu não consigo respirar direito!!!!

- Precisamos fazer alguma coisa para salvar o rio.

- Vamos chamar todos os animais para fazer uma assembleia.

- Vou tocar o tambor.

Aos poucos os animais foram chegando, o primeiro a chegar foi o saguim.

- Oi, pessoal, o que está acontecendo?

Outros animais também vieram: a garça, o mutum, gafanhotos, formigas e jandaias.

- Atenção pessoal! Temos que encontrar uma solução para salvar o nosso rio!

A borboleta levanta e fala:

- Pessoal tive uma ideia! Vamos elaborar um estatuto em defesa do rio São Miguel.

- Borboleta dorminhoca, tome nota!

- Estatuto do rio São Miguel:

- Fica decretado a partir desta data

- Artigo I “não poluir o rio São Miguel.”

- Artigo II “proibido jogar lixo no rio.”

- Artigo III “todo esgoto deve ser tratado antes de chegar ao rio.”

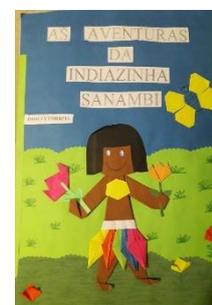
- Artigo IV “o homem deve conservar e cuidar do rio, das matas, das florestas das árvores para diminuir a poluição.”

- Artigo V “por decreto irrevogável fica estabelecido o cuidado e proteção ao nosso querido rio São Miguel.”

- Artigo final: A partir desse instante é dever de todos colaborarem na limpeza do rio.

- São Miguel dos Campos 25 de maio de 2011.

- Vamos, amigos, distribuir o estatuto para todos!



**TEXTO 16 – PRODUÇÃO AUTORAL DA ALUNA DA EJA ANA ALICE BARBOSA
– UTILIZADA EM UMA SESSÃO DE MEDIAÇÃO DE LEITURA NA CRECHE**

O viajante e a fada

Era uma vez, há muitos anos atrás, um viajante que gostava muito de navegar. Em uma das suas viagens se deparou com um rio muito grande de águas limpas e claras, mas no meio dessa grande jornada houve uma tempestade e seu barco acabou batendo em uma rocha. E quando ele pensou que ia morrer, eis que surgiu um jacaré de olhos grandes.

- Quem vem lá?

- Não temas, disse o jacaré.

- Oh meu Deus! Agora estou frito.

- Não tenha medo, sou amigo, e vou ajudar você, venha, suba em minhas costas.

E com muito medo lá se foi o viajante. Mas o que ele não sabia é que aquele jacaré era uma fada. Sim, uma fada, que foi transformada em jacaré por uma bruxa que vivia às margens do rio São Miguel. E mesmo com uma pulga atrás da orelha, ele resolveu perguntar:

- Como foi que virou jacaré?

- Bom, meu amigo, posso te chamar de amigo, né?

- Po-po-pooode sim.

E o viajante meio desconfiado continuou.

- Me fale mais.

- Eu era uma linda fada que cuidava dos campos de arrozais de inhauns, em um certo dia, uma velha senhora se aproximou dos meus campos... e logo que a vi, percebi que carregava algo em sua mão.

E o viajante voltou a indagar:

- Ande, me conte logo!

- Calma, meu amigo. Eu já estou chegando lá... bom, como eu dizia, ela iria jogar nos meus campos, e quando passei na frente...

- Já sei, já sei.

Disse o viajante:

- Você se transformou em jacaré.

- Não! Não! Ainda não, foi nessa hora que fiquei toda melecada com aquele líquido verde que ela jogou em mim.

- Então o líquido transformou você?

- Sim, nesse grande jacaré...

- É dá pra ver como você está triste, mas continue.

- Travamos uma grande luta, nós fadas contra a bruxa... daí quando ela lançou o feitiço nos arrozais voei depressa e passei na frente, ai já viu, virei esse bicho feio.

- Não, você não é feio... na verdade você não é feia.

- Obrigada, meu amigo.

- Mas e agora o que vamos fazer?

Disse o viajante:

- Não! Não sei também nunca virei jacaré antes.

- Olha, eu conheço uma tribo de índios, vamos até lá pra ver se eles podem te ajudar, disse o viajante.

E eles partiram em busca da tribo para encontrar o grande cacique da tribo dos Caetés, para fazer uma porção mágica. E lá se foram pelo rio São Miguel.

- Olha, viajante, a tribo! Vamos, vamos... olha o cacique lá.

- Deixa que eu falo com ele...

Disse o viajante, e lá foi ele.

- Senhor cacique, venho de muito longe para pedir que o senhor ajude uma grande amiga.

E o cacique perguntou:

- O que aconteceu? De onde você vem?

- Venho de uma grande jornada e meu barco acabou virando depois de bater em uma rocha no meio do rio.

- Mas, me diga o que ouviu?

- Minha amiga foi transformada em jacaré.

- Oh!!! Pelo Deus da natureza, traz ela logo.

E lá se foi ele buscá-la.

- Fada, fada, oh fada pode sair.

- Estou com medo!

- Não temas, estamos entre amigos.

E lá se foi o jacaré para a tribo. E quando, os índios viram, correram apavorados.

- Corram, corram, monstro! Monstro!

- Parem! Não fiquem assim., disse o cacique.

- Ela não é um monstro, apenas está enfeitiçada e logo acabou aquela correria.

Venham depressa preciso de todos para me ajudar.

- Como vamos ajudar o senhor? Perguntou os índios:

- Vou falar as palavras mágicas, e vocês vão repetir. Tragam o jacaré e a fogueira.

- Fogueira!!!

Disse o viajante assustado.

- Calma, viajante, o fogo é nosso maior amigo, e vai ajudar. Agora todos deem as mãos e falem comigo: Água, terra, amor, traz de volta a fada, que em jacaré, a bruxa transformou.

E como no passe de mágica, tudo escureceu e uma chuva de brilho começou a cair, mas ela não voltou a ser o que era antes.

- E agora? Será que o feitiço é permanente.

Disse o jacaré:

- Cacique o senhor falou que ia dar certo

- Tenha calma, tenha calma, vamos falar outras palavras mágicas, agora com mais alegria.

- Borboletas brancas, vermelhas e coloridas, rosas alegres e perfumadas traz de volta a fada que aqui foi enfeitiçada.

E novamente tudo escureceu e um raio de luz levou o jacaré para o alto. E quando foi baixando, uma linda fada apareceu com um belo vestido.

O viajante ficou muito feliz, por ter ajudado sua amiga.



- Fada qual é o seu nome? - Disse o viajante.
- Pois todo esse tempo você não me disse.
- Mas você não tinha perguntado.
- Meu nome é Francisca Alves.
- Olha fada seu nome é muito lindo!
- Como de uma poeta escritora.
- E o seu nome? Como é?
- Me chamo Ernande Bezerra, muito prazer!
- O seu também é um lindo nome.
- E agora o que vamos fazer? Para onde vamos?

Disse o viajante.

- Ah!!! Eu já estava esquecendo da festa.
- Festa, que festa?

Perguntaram os índios Caetés.

- Ora, a festa de nossa Senhora do Ó.
- Vamos todos, vamos!

E lá se foram todos para grande festa, pois naquele dia a cidade estava em alegria, fadas, índios, muitas pessoas, e lá também estava o viajante. Desde aquele dia até hoje sempre é comemorado essa linda festa.

Ah, já ia esquecendo, a bruxa acabou no seu próprio feitiço... e vive hoje nas águas dos rios à procura de ajuda.